

POSTO, LOGO EXISTO

UM ESTUDO SOBRE
A REPRESENTAÇÃO
IMAGÉTICA DA
INTIMIDADE EM TEMPOS
DE SUPEREXPOSIÇÃO

POSTO, LOGO EXISTO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

POSTO, LOGO EXISTO

UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA INTIMIDADE EM TEMPOS DE SUPEREXPOSIÇÃO

Martina Moura Ribeiro Leite Flores

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Design apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Giselle Beiguelman.

Flores, Martina

Posto, logo existo: um estudo sobre a representação imagética da intimidade em tempos de superexposição / Martina Flores;

Orientadora: Giselle Beiguelman; São Paulo, 2021. 270 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Cultura Visual. 2. Design. 3. Instagram. 4. Intimidade.

I. Beiguelman, Gisele, orient. II. Título.

NO MUNDO REALMENTE
INVERTIDO, O VERDADEIRO
É UM MOMENTO DO *FALSO*

– GUY DEBORD

RESUMO

O objetivo principal desta monografia é trazer uma espécie de guia/enciclopédia textual-visual da construção estética da intimidade em tempos de superexposição voluntária nas redes sociais. Para isso, foi feita uma pesquisa através das imagens presentes nessas mesmas redes, com o intuito de analisar visualmente essas imagens e encontrar elementos semelhantes que fossem capazes de explicitar e exacerbar como nossos comportamentos e escolhas são inconscientemente afetados pela cultura visual a qual somos expostos todos os dias, 24 horas por dia, e como nós também somos protagonistas

responsáveis por alimentar essa cultura. Além disso, o presente trabalho também busca compreender as dinâmicas das tiranias da normalidade que se apresentam através dos algoritmos, por exemplo, e como é possível pensar essas tiranias pelo olhar do Design.

Palavras-chave:

Intimidade; Cultura Visual; Design; Instagram.

ABSTRACT

The main objective of this monograph is to bring a kind of visual guide/encyclopedia of the aesthetic construction of intimacy in times of voluntary self-overexposure on social media. Thus, a research was made through the images present in these networks, in order to visually analyze these images and other similar elements that can illustrate and exacerbate how our behaviors and choices are unconsciously affected by the visual culture to which we are exposed every day, 24 hours a day, and, furthermore, how we are also protagonists and must be held responsible for nurturing this

culture. In addition, the present work also seeks to understand the dynamics of the tyrannies of normality that present themselves through algorithms, for example, and how it is possible to think about these tyrannies through the eyes and the concepts of Design.

Key words:

Intimacy; Visual Culture; Design; Instagram.

AGRADE —

CIMENTOS

Se eu cheguei até aqui, foi, em grande parte, graças às pessoas que estiveram do meu lado. A parte mais difícil desse projeto é, com certeza, conseguir traduzir em palavras toda a minha gratidão por cada uma delas.

Aos meus pais, Marta e Paulo Flores, e a toda minha família, meu agradecimento mais sincero, por sempre acreditarem em mim, principalmente nos momentos em que eu mesma não fui capaz de fazer isso. Vocês são minha força e a principal razão de eu ter conseguido chegar até aqui. Obrigada.

Aos meus queridos professores, que estiveram comigo ao longo desses (também longos) 6 anos, agradeço imensamente por todas as trocas e aprendizados, tanto como pessoa como profissional. Obrigada por terem me ensinado tanto. Dedico aqui um agradecimento especial a minha orientadora Giselle, por sempre ter enxergado potencial em mim e pela parceria construída ao longo desses anos.

Aos meus amigos e colegas companheiros de jornada: muito obrigada. Cada um de vocês foi fundamental nesse rolê intenso que foi minha passagem pela FAUD. Quero destacar alguns nomes em especial: Camila Tafarelo, Giovanna Farah, Olívia Cavallari, Paola Tabata, Vitor Sepinho e, principalmente, Léo Yanaguihara: vocês foram os maiores presentes que a graduação e a vida em São Paulo me deram. Obrigada por me fazerem sentir em casa longe de casa.

Por último mas não menos importante: um obrigada gigantesco a todas as minhas amigas que sempre estiveram presentes nessa jornada – alguns de perto e outros há quilômetros de distância – mas sempre presentes. Sem vocês eu também não teria conseguido. E ao meu amor dessa e de outras temporadas, obrigada de coração por toda força e por todo o apoio que foram essenciais nessa reta final.

Saio daqui ainda cheia de incertezas, mas certa de que aproveitei demais a viagem. Muito obrigada a todas e todos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	12
PARTE 1 –INTIMIDADE	18
PORQUÊS	20
INTIMIDADE E LGPD	44
INTIMIDADE E CONFINAMENTO	64
ESTUDO DE CASO – INSTAGRAM	80
PARTE 2 – EXTIMIDADE	104
A TIRANIA DA NORMALIDADE ALGORÍTMICA	106
ENSAIOS VISUAIS	114
SNAPCHAT DYSMORPHIA OU O FILTRO DA VIDA REAL	176
O INSTAGRAM E O DIREITO AO ESQUECIMENTO	186
O USO DA TIPOGRAFIA NOS APPS E A MORTE DA ADOBE	198
O INSTAGRAM COMO MARCADOR SOCIAL E O TRIUNFO DA MERITOCRACIA	202
SOBRE O PROJETO GRÁFICO	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS	220
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	224
ANEXO – ENTREVISTAS	230

INTRO —

DUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é explorar as dinâmicas imagéticas de exposição que envolvem o indivíduo do século XXI, no que diz respeito à era das pós-verdades e do capitalismo imaterial, incessante em sua essência. Atualmente, a exposição voluntária da vida pessoal é uma realidade que faz parte da rotina da maioria das pessoas que possuem acesso a, pelo menos, um smartphone. Aqui, mais do que tomar como verdade absoluta essa nova realidade, busca-se compreender quais fatores contribuem para esse momento de tomada de decisão, aquele que diz: vou compartilhar minha intimidade com pessoas que não conheço, de maneira efêmera, como um *storie* no Instagram; vou entregar meus dados “para o além”; o que fez com que isso se tornasse a regra e não a exceção? Quais dinâmicas de poder (no sentido de poder político, econômico e social) estão envolvidas nesse tipo de atitude, que na maioria das vezes é inconsciente e até passiva? Qual a estética da intimidade na era do voyeurismo digital em que vivemos?

Como o Design opera e contribui para/dentro dessas dinâmicas? Quais recursos visuais se repetem a ponto de criarem um padrão, de criarem toda uma nova linguagem, um novo código, responsável por definir a cultura visual da contemporaneidade?

Neste ensaio, que é também um grande experimento teórico-prático-visual, buscamos, através de uma pesquisa aprofundada envolvendo uma das mais utilizadas redes sociais da atualidade, responder a estes questionamentos.

O safári realizado dentro desta rede foi capaz de gerar uma série de desdobramentos, reflexões e resultados que serão aqui apresentados através dos mais diversos formatos, desde uma coleta de dados quantitativos ilustrada através de gráficos, passando por artigos curtos até a elaboração de ensaios visuais compostos (apenas) por imagens – imagens estas que operam também como um vocabulário completo, um verdadeiro código de linguagem – um dos pontos mais importantes defendidos neste trabalho, uma vez que um de seus principais objetivos reside na tentativa de compreensão dessa linguagem, responsável por constituir e, cada vez mais, definir e estereotipar nossos comportamentos.

Segundo o psicanalista Christian Dunker, em seu livro *Reinvenção da Intimidade – Políticas do Sofrimento Cotidiano*, cada um de nós possui uma história composta por gramáticas como estas: exibicionismo e voyeurismo, heterossexualidade e

homossexualidade, feminilidade e masculinidade¹. Aqui, o que nos interessa é a gramática do exibicionismo e do voyeurismo, capaz de condicionar a maneira na qual nos apresentamos/somos apresentados ao outro (e ao mundo) enquanto seres sociais que vivenciam relações mediadas por imagens, como no já tão apresentado espetáculo proposto por Guy Debord². Em uma sociedade incapaz de existir sem a mediação dessas imagens, é essencial que se compreenda/compreendamos suas características e especificidades, para que assim possamos, de maneira utópica, talvez, conseguir retomar algum tipo de controle sobre elas.

Veremos aqui, também, como a superexposição da intimidade constitui, historicamente, um dos pilares dessas dinâmicas de poder que tem o “eu” de cada um de nós como elemento protagonista dessa cultura midiaticizada, que se apresenta “perversamente ordinária³”.

Ainda na obra de Christian Dunker, ele nos introduz aos diferentes conceitos de perversão, sempre ligados a algum tipo de fetiche, algum tipo de objeto de desejo. No caso específico deste trabalho, é interessante elucidar o conceito de perversão ordinária:

1. DUNKER, Christian. *Reinvenção da Intimidade - políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora, 2017, p 232.

2. DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

3. DUNKER, op. cit., p. 229.

“AO CONTRÁRIO DA PERVERSÃO CLÁSSICA, A PERVERSÃO ORDINÁRIA DOS NOSSOS TEMPOS É UMA PERVERSÃO FLEXÍVEL, SILENCIOSA E PRAGMÁTICA. ELA NÃO SE MOSTRA COMO EXPERIÊNCIA “FORA DA LEI”, QUE CONVIDARIA A AJUSTAR AS CONTAS COM OS LIMITES DE NOSSA PRÓPRIA LIBERDADE, MAS, AO CONTRÁRIO, É MAIS PERNICIOSA, POIS REAFIRMA NOSSA REALIDADE ASSIM COMO ELA É”⁴.

Nesse caso, sabemos: somos todos imagens, cópias de cópias de imagens de outrem, produtos e subprodutos dessa perversão massificada e normalizada. Quantas vezes você sentiu um incômodo capaz de beirar a ansiedade ao passar uma quantidade maior de tempo ao qual você estava acostumado longe de algum tipo de tela, principalmente durante alguma situação particularmente agradável (ousou dizer, aqui, até superior a de quem pudesse estar “assistindo”) da sua vida?

Postamos, logo existimos. Ufa.

4. Ibid, p. 235.

INTIMIDAD E₅

IN • TI • MI • DA • DE

substantivo feminino

(íntimo + idade)

1. a vida doméstica, cotidiana.
2. relação muito próxima; amizade íntima; familiaridade.
3. ambiente onde se tem privacidade, tranquilidade, aconchego.
4. o que diz respeito aos atos, sentimentos ou pensamentos mais íntimos de alguém.

5. “intimidade”, em Dicionário Oxford Languages [em linha].

POR –

QUÊS

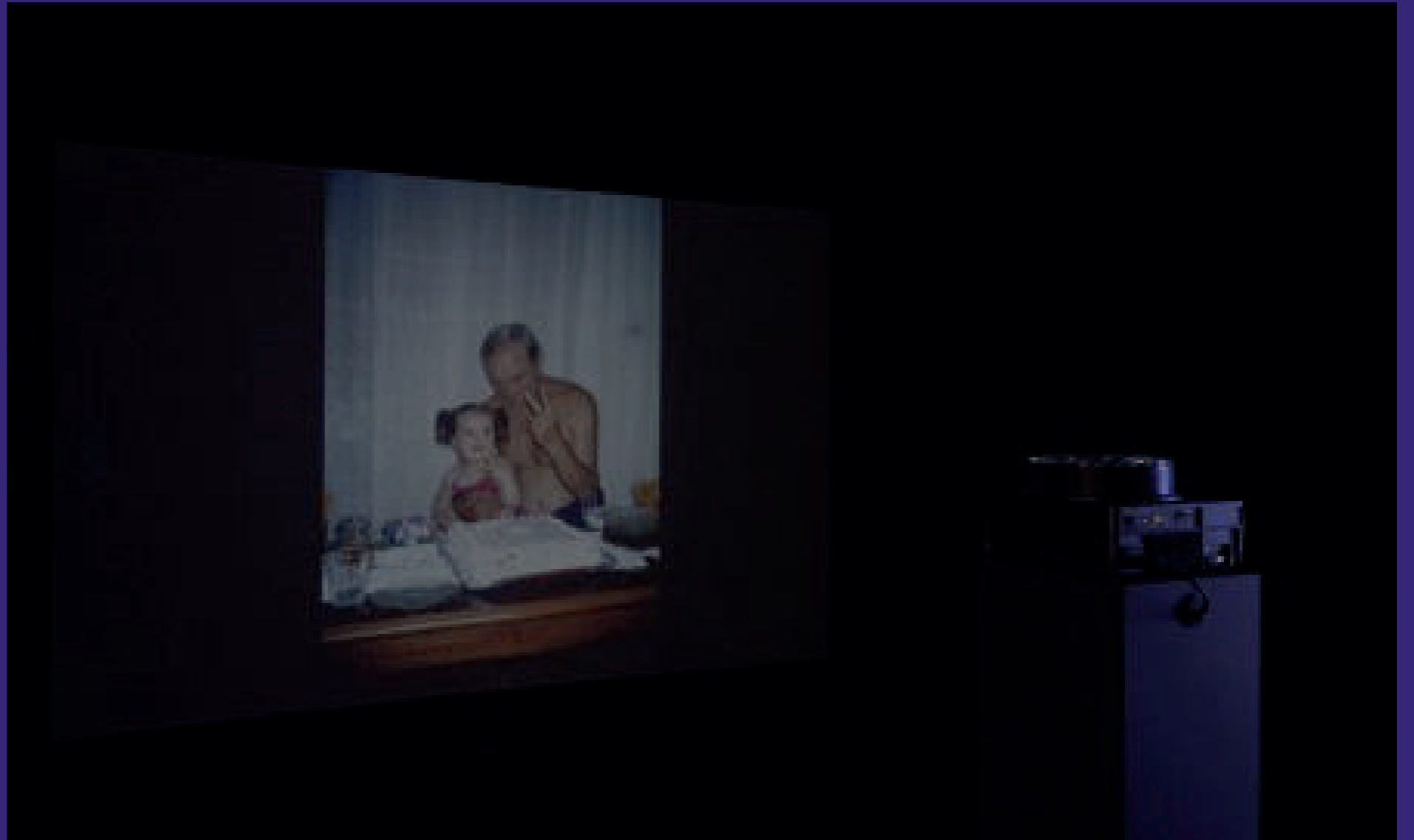
Tudo começou com uma visita ao Instituto Inhotim, em Belo Horizonte, no ano de 2018. Em meio à visita, em uma das galerias, uma obra chamou minha atenção mais do que as outras: era um projetor de slides, desses antigos, no formato de carrossel, projetando imagens da vida cotidiana de pessoas desconhecidas (pelo menos para mim) em uma parede branca. Fiquei um bom tempo observando aquelas imagens, com um interesse e uma curiosidade de certa forma inexplicáveis. Eu estava ali, parada, observando imagens dos mais diversos (e ordinários) momentos da vida de pessoas que eu nunca tive contato na vida: fotos de casamento, de enterros, de pessoas nuas, de festas, de crianças, etc. Por quê isso me prendeu tanto a atenção? Aí reside uma das questões norteadoras do presente trabalho.

A obra acima citada se chama Free Fotolab, e foi feita pelo fotógrafo e artista britânico Phil Collins, no ano de 2009.

Para que ela fosse possível, o artista recorreu a jornais de diversos países europeus anunciando que revelaria e devolveria os negativos de pessoas desconhecidas gratuitamente, com a condição de que essas pessoas apenas cedessem seus direitos de imagem ao fotógrafo. Bem, a obra de fato existe e, além disso, possui duração de 9 minutos, o que consiste em um número considerável de imagens; ou seja: Collins recebeu um número considerável de negativos de pessoas com as quais ele nunca havia tido nenhum contato prévio, com o aval para projetar as imagens de sua vida ordinária – e, portanto, íntima – por galerias de arte em diversos lugares do mundo.

Está aí o motivo domeu fascínio para com a obra: a facilidade com a qual as pessoas foram capazes de ceder sua intimidade a um desconhecido. Isso me fez pensar automaticamente em como estamos (voluntariamente e involuntariamente) expostos, hoje em dia,

em todas as espécies de dispositivos tecnológicos que possuímos, sem ganhar absolutamente nada em troca – no caso da obra do fotógrafo, pelo menos as pessoas tinham a “recompensa” de ter seu filme revelado gratuitamente. Dessa maneira, o que direciona o presente trabalho tem como questão fundamental as motivações envolvidas nas dinâmicas de exposição da intimidade que inundam a sociedade atualmente e são grandes responsáveis na estruturação da cultura contemporânea. O que nos faz contar a nossa vida, através de imagens, todos os dias, para quem quiser (e para quem não dá a mínima, também) em plataformas como o Instagram e o Twitter, por exemplo? O que mudou na relação entre público e privado nos últimos anos e como isso pode ter influenciado o cenário que vivenciamos hoje?



Para responder a essa pergunta, é necessário compreender o real significado da palavra intimidade e, para que isso seja possível, é necessário compreender também que o seu sentido é mutável, sendo afetado pelo contexto histórico no qual está inserida. Por isso, é importante ressaltar que no presente trabalho buscamos analisar as relações da intimidade com sua produção estética na contemporaneidade e dentro da dinâmica das redes sociais; todavia, faremos uma breve arqueologia da história da intimidade, apenas para fins de contextualização.

Isto posto, podemos voltar alguns séculos no passado, mais precisamente para o século XVIII e início do século XIX, onde o principal dispositivo no qual o indivíduo era capaz de falar sobre si mesmo eram as cartas. Entretanto, vale ressaltar aqui que esse tipo de escrita constituía mais uma espécie de relato da vida a fim de comunicar outra pessoa a respeito do que estava se passando, ou seja, o objetivo final era entreter, de certa forma, o destinatário, o que demonstra que esse tipo de escrita não era uma escrita de si pura e simplesmente. Nesse caso, então, podemos nos referir ao remetente da carta como o dito narrador benjaminiano, aquele que, segundo o filósofo alemão Walter Benjamin⁶, seria, ao mesmo tempo, autor, narrador e protagonista daquilo que escreve. Sendo assim, é possível concluir que a comunicação epistolar foi por muito tempo uma espécie de relato indireto sobre si mesmo, onde ainda havia uma preocupação maior com como se contavam os fatos – onde existia, na realidade, um fazer artesanal no qual o narrador trabalhava as palavras – e falar sobre si mesmo era então a consequência e não a causa. Além disso, tendo comentado a respeito do narrador proposto por Walter Benjamin, é importante ressaltar que nos primórdios da

6. BENJAMIN, Walter. *A arte de contar histórias*: 1. São Paulo: Editora Hedra, 2018.

narração como prática de contar histórias, estas eram lidas em voz alta, para mais de uma pessoa, o que consistia em um verdadeiro ofício e aniquilava qualquer delimitação existente entre a esfera do assunto de interesse público e o de interesse privado a partir da concepção que temos hoje, no século XXI.

Para que seja possível nos aproximarmos do conceito de intimidade como o conhecemos hoje em dia, é necessário avançar um pouco mais na história, indo em direção ao momento de ascensão da burguesia e do surgimento do movimento romântico, em meados do século XIX. Nessa época (e por causa dela), surge também uma nova configuração do espaço doméstico e, conseqüentemente, do espaço privado. Agora, o indivíduo tem a possibilidade de habitar um ambiente de maneira solitária, entre quatro paredes, o que se demonstra essencial para que se torne possível a reflexão e o autoconhecimento. Não por acaso, o século XIX é o grande marco do surgimento dos diários íntimos, onde o indivíduo escrevia páginas e mais páginas sobre sua vida e seus sentimentos mais íntimos e secretos – o que só se tornou possível graças a nova dimensão de privacidade alcançada com a conquista do ambiente próprio (ou pelo menos a conquista da ocupação de um ambiente sozinho, fosse um quarto em uma casa, em uma pensão, ou o simples fato de conseguir ficar apenas em sua própria companhia, nem que fosse na cozinha, por exemplo – o que conta aqui é a solidão). Só essa possibilidade de permanecer apenas em sua própria companhia era capaz de tornar essa escrita possível; a escrita de si para si, a confissão e o desabafo só se tornavam possíveis por conta da garantia dessa importante dimensão de segredo. Aqui, novamente, vale a pena um retroceder histórico, retomando as origens do ato de confessar (até porque,

hoje em dia, podemos afirmar que a internet se tornou um grande confessionário virtual aberto).

A técnica da confissão, utilizada há vários séculos no Ocidente, encontra suas origens no âmbito eclesiástico, no início do século XII, e, portanto, por estar ligada à esfera da Igreja, configurava-se, como interpretou Foucault, posteriormente, como uma “manifestação de um dispositivo de poder”, pois estava ligada ao sentimento de culpa e posterior absolvição; uma vez confesso, o sujeito evocava a figura do confessante como o julgado e a da Igreja como o todo poderoso juiz, capaz de conceder a liberdade almejada baseando-se nos ideais da moralidade.

Agora que acessamos as origens do ato de confessar, fazendo o percurso de volta aos diários íntimos, podemos entendê-los como uma espécie de confessionário também, porém, um confessionário no qual o próprio autor se torna aquele que julga, ou seja, o próprio ato de escrever se torna, ao mesmo tempo, confissão e absolvição, revelação e julgamento. A autora Paula Sibilia consegue sintetizar precisamente em seu livro *O Show do Eu*⁷ esse sentimento de confissão moderno: “ao verbalizar uma confidência, os indivíduos costumam experimentar uma espécie de libertação; às vezes, falar de si implica se esvaziar de um peso morto, gerando um alívio aparentado com a emancipação”. O confessante escreve para sobreviver, a fim de conseguir definir quem se é e, mais importante, quem se foi. Um clássico exemplo dessa tentativa de preservação do que se foi e da consequente definição de quem se é, através dos diários íntimos, é a obra *Em Busca do Tempo Perdido*⁸, de Marcel Proust, que possui milhares e milhares de páginas a respeito da vida do autor, que parece querer acessar uma dimensão de tempo do que “não foi”, tentando de

7. SIBILIA, Paula. *O Show do Eu – a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
8. PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

certa forma recuperá-lo, na tentativa de definir quem se é, reafirmando “a velha vontade romântica de reter o tempo” (SIBILIA, 2016, p. 181).

Com isso, é possível traçar as diferenças entre a dinâmica da intimidade na Modernidade (século XIX e início do século XX) e a pós-modernidade contemporânea, onde, na primeira, a autoconstrução se dava entre quatro paredes e só era possível graças a essa condição, enquanto na última ela se dá na constante e cada vez maior exposição; porém, paradoxalmente a isso, os relatos de si na contemporaneidade se mostram cada vez menores no sentido de extensão, sendo “mais instantâneos e explícitos” (SIBILIA, 2016, p. 183). A questão da capacidade de manipulação do tempo nos relatos de si na contemporaneidade é um fator fundamental e determinante, e pode ser comprovada através do fato de que a rede social Instagram, grande responsável pelo catálogo de extimidades de hoje em dia, por exemplo, oferece a função dos *stories*, que consistem em vídeos de curta duração que podem ser relatos da vida de qualquer pessoa, sobre absolutamente qualquer assunto. Porém, esses vídeos só ficam disponíveis pelo período de 24 horas para quem os assiste. Entretanto, para quem os produz, apesar de “sumirem” depois de um dia, esses vídeos ficam lá para sempre, em uma espécie de arquivo, onde o autor pode revisitá-lo sempre que a necessidade surgir, presentificando o tempo a todo momento, evitando assim que o próprio indivíduo se perca fatalmente ao esquecer.

A ideia de tempo presentificado é apresentada pela autora Paula Sibilia através do recurso da metáfora arqueológica de Roma e Pompeia, proposta por Sigmund Freud no ano de 1930⁹, a fim de exemplificar os tipos de arqueologia do eu que o sujeito seria capaz de realizar ao visitar o passado. Enquanto a cidade de Roma é constituída

9. O mal-estar na civilização. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.

por fragmentos soltos de diferentes momentos passados fadados ao esquecimento – e, por isso, possui relação com a ideia romântica de revisitar o passado para que ele não se perca – a cidade de Pompeia, em contraposição, petrificada, se apresenta como a capacidade de reter os instantes de maneira intacta e totalizante, porém imóveis – como uma fotografia, constituindo “um bloco de espaço-tempo congelado de uma só vez e por sempre” (SIBILIA, 2016). Com isso, obtemos o contraste que tais cidades são capazes de sintetizar metaforicamente: de um lado, os fragmentos do passado, múltiplos, porém que só existem em pedaços, e, do outro lado, a eternidade do instante, mas apenas do instante, singular. Compreendermos o papel dessa metáfora se mostra essencial para que seja possível entender as dinâmicas da exposição da intimidade nos dias de hoje, pois ela tem como um de seus principais componentes essa questão da presentificação do tempo, onde o que importa é o agora (esteja esse agora acontecendo de fato ou seja ele armazenado, podendo ser revisitado sempre que necessário) como foi demonstrado no parágrafo anterior ao mencionar a rede social Instagram e seus recursos de “destemporalização”, onde “não é o fluir de uma existência tragicamente marcada por seu próprio fim o que costuma se mostrar nas telas interconectadas da atualidade, mas apenas uma sucessão de instantes que de repente acabam.” (SIBILIA, 2016).

É importante, agora, comentar a respeito dessa necessidade constante de exposição para a construção do eu contemporâneo, em contraste com as escritas anônimas dos diários íntimos, que não possuíam a ambição de serem lidas por terceiros. “Nos distanciamos daqueles insaciáveis leitores e escritores do século XIX e início do século XX, que precisavam se resguardar zelosamente na intimidade de suas

paredes e seus pudores para poder se autoconstruir” (SIBILIA, 2016, p. 103). Passamos, assim, da célebre frase de Descartes “penso, logo existo” para a era do *posto, logo existo*, expressão que empresta seus significados também, e não por acaso, ao título do presente trabalho. Novamente, a autora Paula Sibilia faz uso do substantivo extimidade para caracterizar o nível de exposição da intimidade que foi atingido e existe atualmente. Porém, ao falar de extimidade no século XXI, a autora coloca uma questão importante: a produção da extimidade deve ser considerada vida, ou obra?. Ao fazer essa pergunta, a autora tensiona aspectos essenciais ao presente trabalho. A vida “confessada” na internet dos dias de hoje, pode ser considerada vida? O que vemos todos os dias nas redes sociais, seria isso uma apresentação da vida alheia ou seria a representação de uma performance à serviço de uma realidade espetacularizada, na qual o que passa a importar mais não é o compromisso com a verdade das coisas, mas sim sua autenticidade, nos moldes motivacionais do “seja a melhor versão de si mesmo”? Com qual finalidade?

Para tentar responder a essas perguntas, é necessário compreender como se dá a construção do eu na sociedade contemporânea, passando pela questão essencial do “culto à personalidade”, que norteia muito da autoconstrução dos sujeitos. Retornaremos muitas vezes às perguntas chave desta monografia, que tem como objetivo entender as principais motivações da auto exposição voluntária e excessiva nas redes. É sabido que, hoje em dia, as pessoas consomem conteúdo de ditas “personalidades”, celebridades virtuais, importando mais quem são essas pessoas do que o que elas fazem de fato. Isso pode ser comprovado através do exemplo dos influenciadores digitais, tão comuns atualmente, e de alguns youtubers (que também não

deixam de ser influenciadores), personalidades que possuem a razão de existência de toda a sua fama no simples fato de apresentarem (ou representarem, no caso) fragmentos de sua suposta vida ordinária (não mais privada). Com isso, foram capazes de conquistar uma verdadeira legião de seguidores que, ao se identificarem com suas ensaiadas realidades, vislumbraram uma faísca de oportunidade, sua própria chance de ascensão, travestida na democratização da possibilidade de também fazer sucesso e assim se tornarem uma celebridade, capazes de serem reconhecidos, como (teoricamente) qualquer um. Essa ideia de que qualquer pessoa possa alcançar a fama nos dias de hoje apenas sendo “ela mesma” reflete o sucesso do fenômeno da criatividade democratizada como elemento fundamental para o funcionamento do sistema ultra capitalista que vigora atualmente, onde cada um é o “empreendedor de si mesmo”, onde todas as subjetividades são mercadorias em estado latente, mercantilizáveis em potencial. Entretanto, é importante explicitar uma diferença marcante entre o fenômeno de culto à personalidade que acontecia, por exemplo, com os escritores e escritoras no século XX e o que acontece atualmente. Muito bem analisado, novamente, por Paula Sibilia, o motivo do sucesso dessas “celebridades literárias” do passado se dava, na verdade, no fato dessas personalidades terem sido pessoas extraordinárias que produziram obras-primas responsáveis por marcar a história da humanidade, enquanto na realidade contemporânea da crescente extimidade no ambiente virtual, o que se observa é o movimento inverso, onde se tem a consagração de personalidades cada vez mais ordinárias como as verdadeiras celebridades do momento. O que explica esse movimento, para além do sentimento de identificação do público aqui já tantas vezes mencionado?

É interessante analisar, com o objetivo de encontrar respostas, novamente, as dinâmicas que definem o modo operacional dos diários íntimos da atualidade: as redes sociais. Cada vez mais a intimidade das personalidades cultuadas é explorada como mercadoria, e disso já sabemos. Entretanto, como qualquer mercadoria, tal intimidade é capaz de se tornar obsoleta. E o que acontece quando algo se torna obsoleto? Isso mesmo, o surgimento de um novo produto, a fim de substituir aquele que já não nos serve mais. Com isso, é inaugurada uma nova dimensão da extimidade, um nível ainda mais “profundo” e “exclusivo”: a intimidade da extimidade, a extimidade em seu sentido mais puro e verdadeiro. Para exemplificar essa nova camada da vida privada, consideremos a já mencionada rede Instagram. A rede, que consiste atualmente em um grande cardápio de extimidades, lançou em Outubro de 2018 (no aniversário de 8 anos da plataforma) o recurso “Melhores Amigos” (atualmente “Amigos Próximos”, porque até o Instagram percebeu que melhores amigos seria uma expressão muito forte e limitante), onde o usuário pode definir um seletivo grupo de pessoas-seguidores (ou não tão seletivo assim) para terem acesso a um conteúdo de *stories* exclusivos, que ficam ocultos para o restante dos seguidores “normais”, excluídos dessa nova relação de “amizade”. Só a existência dessa ferramenta (e o sucesso de adesão a ela) confirmam a ideia de que o que antes era mostrado a todos (público, portanto) como sendo fragmentos de vida real se tratava, na realidade, de uma performance da intimidade, de representação ao invés de apresentação – o oposto da ideia de mostrar “a vida como ela é”. E como o mercado não para, as personalidades-marca já se adaptaram a essa nova forma de engajamento e capitalização: algumas celebridades do Instagram chegam a cobrar um valor em dinheiro, como uma espécie de serviço de assinatura, para que seus

fiéis seguidores, seus “amigos” tenham acesso a sua então cobiçada intimidade, a sua verdadeira vida, onde as coisas de verdade realmente acontecem. É o caso da blogueira brasileira Virgínia Fonseca que, com mais de 4 milhões de seguidores dá dicas de alimentação saudável, exercícios físicos e beleza. A jovem foi uma das primeiras a começar a cobrar pelo acesso a seu conteúdo exclusivo, com a quantia de R\$14,90 reais por mês. A partir disso, podemos encarar a monetização desse tipo de ferramenta como algo que já se apresenta como um verdadeiro negócio, o que se afirma em uma notícia publicada pelo site Techtudo, em 2019: “Sistemas como gerenciadores de contas já estão se adequando à iniciativa de cobrança. (...) A plataforma oferece gerenciamento para assinaturas do recurso Melhores Amigos. Cabe ao dono da conta apenas cuidar do sistema de pagamento e da criação de conteúdo, deixando a confirmação de novos membros da lista para o sistema automatizado.” Em outras palavras: cabe ao dono da conta apenas “ser ele mesmo” e, é claro, cobrar por isso.

Vale à pena, agora, trazer à tona algumas questões paradoxais que foram sendo percebidas ao longo do desenvolvimento do presente trabalho. O parágrafo anterior apresentou algumas das funcionalidades da função “Amigos Próximos”, disponível no Instagram. Porém, se concentrou em abordar as questões financeiras envolvidas na utilização desse tipo de ferramenta por webcelebridades, no caso. A questão é: como já fora mencionado, a ferramenta teve um grande sucesso de adesão, o que também inclui personalidades ordinárias – eu, você e todos nós. O que isso quer dizer? Quer dizer que, de fato, o que nós mostramos “para todo mundo” nessa rede talvez não seja de fato a nossa verdadeira intimidade. E, mais ainda, talvez

seja exatamente essa a razão das coisas serem tão publicamente expostas. Esse tipo de conclusão apresenta uma série de paradoxos e contradições, e cada vez mais surgem artistas dispostos a utilizar essas contradições em suas obras, com o objetivo de trazer reflexões a respeito do tema em seus mais diversos desdobramentos possíveis. Um ótimo exemplo a ser citado é a dupla de artistas italianos Eva e Franco Mattes, que possuem a questão da exposição da vida íntima como elemento norteador de várias de suas obras. A obra *The Others*, realizada em 2011, trata-se de um vídeo composto por dez mil fotos que foram “roubadas” de computadores pessoais, randomicamente, sem que seus proprietários soubessem disso.

Segundo os artistas, essa obra, polêmica por natureza, explora propositalmente os tensionamentos entre público privado, levantando a ideia da internet como “terra de ninguém”.

Como pode ser observado, as imagens apresentadas consistem em fragmentos da vida íntima de pessoas ordinárias

(novamente, como eu, você e todos nós), o que faz com que a obra se aproxime bastante da obra do fotógrafo Phill Collins mencionada aqui anteriormente. Porém, o que diferencia as duas é a questão da natureza da obtenção dessas imagens, o que, no caso de Eva e Franco Mattes, consiste na essência da obra, que é a questão da não-autorização do acesso a essas imagens. Obviamente, por ter sido realizada em 2011, as questões legais envolvendo esse tipo de prática já sofreram uma série de mudanças, mas é interessante trazer o exemplo da obra no sentido de questionar até onde pode ir a apropriação das imagens postadas nas redes atualmente, desafiando a ideia da internet como espaço público. Além disso, o fato de, nesse caso, essa obra ter sido exposta em espaços abertos de museus e galerias, configura o espectador como “cúmplice voyeurista”; e, nesse caso, não seria isso o que somos todos nós, ao passar horas e horas observando fragmentos íntimos alheios no Instagram, todos os dias?



↑ Eva e Franco Mattes, The Others,
Basel, Suíça. 2012. (Foto: Eva e
Franco Mattes)



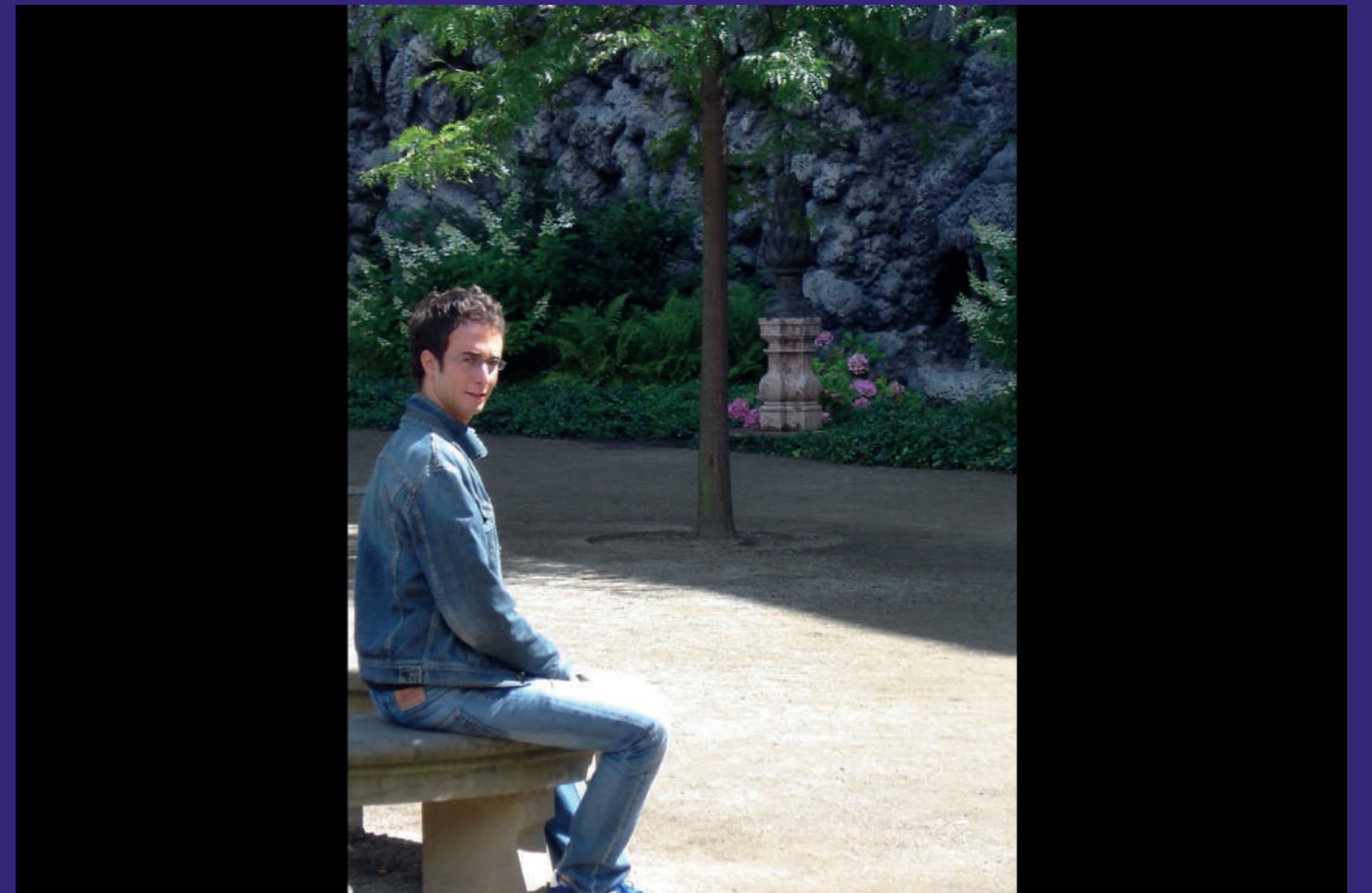
↑ Eva e Franco Mattes, The Others,
Huesca, Espanha. 2014. (Foto: Eva
e Franco Mattes)



↑ Eva e Franco Mattes, The Others,
Bristol, Inglaterra. 2013. (Foto: Eva
e Franco Mattes)

O tema da exposição da vida íntima cotidiana aparece em outra obra da dupla de artistas italianos, e leva o nome de *Riccardo Uncut*. Nesse caso, os artistas ofereceram uma quantia de 1000 dólares para quem estivesse disposto a ceder seu celular e todo o material fotográfico presente nele para que isso se tornasse um projeto artístico. Nessa situação, o as imagens presentes no telefone de Riccardo se tornaram um slideshow com um total de 3000 imagens tiradas entre os anos de 2004 e 2017, que incluem registros de viagens, amigos, família, amores, vida cotidiana, ambiente de trabalho, etc, que pode ser considerado um verdadeiro filme, pois a sua duração é de quase uma hora e meia e possui até trilha sonora. Ou seja: toda a vida de uma pessoa documentada em mais de uma década. Segundo os artistas, o projeto foi inspirado pelas questões “como construímos a nossa memória digital?” e “existe ainda algum tipo de foto que seja privada?”

Mais uma vez, a obra da dupla italiana se mostra mais atual do que nunca, pois aborda os tensionamentos que acontecem entre o âmbito do público e do privado na internet, onde as ambições de exibir uma vida feliz e “perfeita” ficam turvas ao se depararem com a exposição excessiva e indevida. E, assim, a pergunta sem resposta, “se está na internet, é público?” se mostra cada vez mais difícil de ser respondida.



↑ Eva e Franco Mattes, Riccardo
Uncut, 2018. (Foto: autoria própria)

Um último exemplo que vale à pena ser abordado aqui, é a obra do também italiano Paolo Cirio, *Street Ghosts* (2012-2017). Nesse trabalho, o artista recorreu à imagens de pessoas tiradas pelo Google Street View, e as imprimiu em tamanho real, colando-as nas exatas localizações onde elas se encontravam virtualmente, como se as pessoas estivessem fisicamente nesses locais.

Mais uma vez, o que é questionado aqui é a privacidade e as violações à ela, onde as pessoas que aparecem nessas imagens, na maioria dos casos, não possuem nem o conhecimento de que sua imagem pessoal está sendo utilizada, retirando qualquer direito de propriedade sobre seus próprios corpos. O que é interessante na obra de Paolo é que ele inaugura uma nova dimensão dessa exposição, uma vez que o agente responsável pelo “roubo” das imagens não é centralizado em indivíduos, mas sim na própria Google, sendo o artista responsável apenas pela materialização desse “roubo”, transformando-o em material artístico. Você já parou para pensar se por acaso aparece em alguma imagem do Google Street View?



↑ Paolo Cirio, *Street Ghosts*, 2012–2017, Berlim, Alemanha.
(Foto: Google Street View.)

INTIMI – DADE & LGPD¹⁰

10. BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de Agosto de 2018.

É cabível, nesse momento do trabalho, abordar a questão do direito à privacidade dentro do âmbito jurídico. Em 2018 foi elaborado um projeto de lei, que começou a vigorar no início do ano de 2020, sob o nome de Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD – Lei n. 13.709/2018). Essa lei versa sobre quais são os direitos à proteção de dados pessoais que o cidadão possui, estendendo-se ao ambiente digital – o que pode incluir imagens, dados financeiros, dados etnográficos, etc – ou seja, basicamente tudo que é utilizado nos meios eletrônicos, para os mais diversos fins. Suas disposições preliminares dizem o seguinte:

“ART. 1º ESTA LEI DISPÕE SOBRE O TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS, INCLUSIVE NOS MEIOS DIGITAIS, POR PESSOA NATURAL OU POR PESSOA JURÍDICA DE DIREITO PÚBLICO OU PRIVADO, COM O OBJETIVO DE PROTEGER OS DIREITOS FUNDAMENTAIS DE LIBERDADE E DE PRIVACIDADE E O LIVRE DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DA PESSOA NATURAL.

PARÁGRAFO ÚNICO. AS NORMAS GERAIS CONTIDAS NESTA LEI SÃO DE INTERESSE NACIONAL E DEVEM SER OBSERVADAS PELA UNIÃO, ESTADOS, DISTRITO FEDERAL E MUNICÍPIOS. (INCLUÍDO PELA LEI Nº 13.853, DE

2019)

ART. 2º A DISCIPLINA DA PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS TEM COMO FUNDAMENTOS:

I – O RESPEITO À PRIVACIDADE;

II – A AUTODETERMINAÇÃO INFORMATIVA;

III – A LIBERDADE DE EXPRESSÃO, DE INFORMAÇÃO, DE COMUNICAÇÃO E DE OPINIÃO;

IV – A INVIOABILIDADE DA INTIMIDADE, DA HONRA E DA IMAGEM;

V – O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TECNOLÓGICO E A INOVAÇÃO;

VI – A LIVRE INICIATIVA, A LIVRE CONCORRÊNCIA E A DEFESA DO CONSUMIDOR; E

VII – OS DIREITOS HUMANOS, O LIVRE DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE, A DIGNIDADE E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA PELAS PESSOAS NATURAIS.

ART. 3º ESTA LEI APLICA-SE A QUALQUER

OPERAÇÃO DE TRATAMENTO REALIZADA POR PESSOA NATURAL OU POR PESSOA JURÍDICA DE DIREITO PÚBLICO OU PRIVADO, INDEPENDENTEMENTE DO MEIO, DO PAÍS DE SUA SEDE OU DO PAÍS ONDE ESTEJAM LOCALIZADOS OS DADOS, DESDE QUE:

I – A OPERAÇÃO DE TRATAMENTO SEJA REALIZADA NO TERRITÓRIO NACIONAL;

II – A ATIVIDADE DE TRATAMENTO TENHA POR OBJETIVO A OFERTA OU O FORNECIMENTO DE BENS OU SERVIÇOS OU O TRATAMENTO DE DADOS DE INDIVÍDUOS LOCALIZADOS NO TERRITÓRIO NACIONAL; OU (REDAÇÃO DADA PELA LEI Nº 13.853, DE 2019)

III – OS DADOS PESSOAIS OBJETO DO TRATAMENTO TENHAM SIDO COLETADOS NO TERRITÓRIO NACIONAL.

§ 1º CONSIDERAM-SE COLETADOS NO TERRITÓRIO NACIONAL OS DADOS PESSOAIS CUJO TITULAR NELE SE ENCONTRE NO MOMENTO DA COLETA.

§ 2º EXCETUA-SE DO DISPOSTO NO INCISO I DESTE ARTIGO O TRATAMENTO DE DADOS PREVISTO NO INCISO IV DO CAPUT DO ART. 4º DESTA LEI.

ART. 4º ESTA LEI NÃO SE APLICA AO TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS:

I – REALIZADO POR PESSOA NATURAL PARA FINS EXCLUSIVAMENTE PARTICULARES E NÃO ECONÔMICOS;

II – REALIZADO PARA FINS EXCLUSIVAMENTE:

A) JORNALÍSTICO E ARTÍSTICOS; OU

B) ACADÊMICOS, APLICANDO-SE A ESTA HIPÓTESE OS ARTS. 7º E 11 DESTA LEI;

III - REALIZADO PARA FINS EXCLUSIVOS DE:

A) SEGURANÇA PÚBLICA;

B) DEFESA NACIONAL;

C) SEGURANÇA DO ESTADO; OU

D) ATIVIDADES DE INVESTIGAÇÃO E REPRESSÃO DE INFRAÇÕES PENAS; OU

IV – PROVENIENTES DE FORA DO TERRITÓRIO NACIONAL E QUE NÃO SEJAM OBJETO DE COMUNICAÇÃO, USO COMPARTILHADO DE DADOS COM AGENTES DE TRATAMENTO BRASILEIROS OU OBJETO DE TRANSFERÊNCIA INTERNACIONAL DE DADOS COM OUTRO PAÍS QUE NÃO O DE PROVENIÊNCIA, DESDE QUE O PAÍS DE PROVENIÊNCIA PROPORCIONE GRAU DE PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS ADEQUADO AO PREVISTO NESTA LEI.

§ 1º O TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS PREVISTO NO INCISO III SERÁ REGIDO POR LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA, QUE DEVERÁ PREVER MEDIDAS PROPORCIONAIS E ESTRITAMENTE NECESSÁRIAS AO ATENDIMENTO DO INTERESSE PÚBLICO, OBSERVADOS O DEVIDO PROCESSO LEGAL, OS PRINCÍPIOS GERAIS DE PROTEÇÃO E OS DIREITOS DO TITULAR PREVISTOS NESTA LEI.

§ 2º É VEDADO O TRATAMENTO DOS DADOS A QUE SE REFERE O INCISO III DO CAPUT DESTE ARTIGO

POR PESSOA DE DIREITO PRIVADO, EXCETO EM PROCEDIMENTOS SOB TUTELA DE PESSOA JURÍDICA DE DIREITO PÚBLICO, QUE SERÃO OBJETO DE INFORME ESPECÍFICO À AUTORIDADE NACIONAL E QUE DEVERÃO OBSERVAR A LIMITAÇÃO IMPOSTA NO § 4º DESTE ARTIGO.

§ 3º A AUTORIDADE NACIONAL EMITIRÁ OPINIÕES TÉCNICAS OU RECOMENDAÇÕES REFERENTES ÀS EXCEÇÕES PREVISTAS NO INCISO III DO CAPUT DESTE ARTIGO E DEVERÁ SOLICITAR AOS RESPONSÁVEIS RELATÓRIOS DE IMPACTO À PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS.

§ 4º EM NENHUM CASO A TOTALIDADE DOS DADOS PESSOAIS DE BANCO DE DADOS DE QUE TRATA O INCISO III DO CAPUT DESTE ARTIGO PODERÁ SER TRATADA POR PESSOA DE DIREITO PRIVADO, SALVO POR AQUELA QUE POSSUA CAPITAL INTEGRALMENTE CONSTITUÍDO PELO PODER PÚBLICO. (REDAÇÃO DADA PELA LEI Nº 13.853, DE 2019)

ART. 5º PARA OS FINS DESTA LEI, CONSIDERA-SE:

I – DADO PESSOAL: INFORMAÇÃO RELACIONADA A PESSOA NATURAL IDENTIFICADA OU IDENTIFICÁVEL;

II – DADO PESSOAL SENSÍVEL: DADO PESSOAL SOBRE ORIGEM RACIAL OU ÉTNICA, CONVICÇÃO RELIGIOSA, OPINIÃO POLÍTICA, FILIAÇÃO A SINDICATO OU A ORGANIZAÇÃO DE CARÁTER RELIGIOSO, FILOSÓFICO OU POLÍTICO, DADO REFERENTE À SAÚDE OU À VIDA SEXUAL, DADO GENÉTICO OU BIOMÉTRICO, QUANDO VINCULADO A UMA PESSOA NATURAL;

III – DADO ANONIMIZADO: DADO RELATIVO A TITULAR QUE NÃO POSSA SER IDENTIFICADO, CONSIDERANDO A UTILIZAÇÃO DE MEIOS TÉCNICOS RAZOÁVEIS E DISPONÍVEIS NA OCASIÃO DE SEU TRATAMENTO;

IV – BANCO DE DADOS: CONJUNTO ESTRUTURADO DE DADOS PESSOAIS, ESTABELECIDO EM UM OU EM VÁRIOS LOCAIS, EM SUPORTE ELETRÔNICO OU

FÍSICO;

V – TITULAR: PESSOA NATURAL A QUEM SE REFEREM OS DADOS PESSOAIS QUE SÃO OBJETO DE TRATAMENTO;

VI – CONTROLADOR: PESSOA NATURAL OU JURÍDICA, DE DIREITO PÚBLICO OU PRIVADO, A QUEM COMPETEM AS DECISÕES REFERENTES AO TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS;

VII – OPERADOR: PESSOA NATURAL OU JURÍDICA, DE DIREITO PÚBLICO OU PRIVADO, QUE REALIZA O TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS EM NOME DO CONTROLADOR;

VIII – ENCARREGADO: PESSOA INDICADA PELO CONTROLADOR E OPERADOR PARA ATUAR COMO CANAL DE COMUNICAÇÃO ENTRE O CONTROLADOR, OS TITULARES DOS DADOS E A AUTORIDADE NACIONAL DE PROTEÇÃO DE DADOS (ANPD); (REDAÇÃO DADA PELA LEI Nº 13.853, DE 2019).

IX – AGENTES DE TRATAMENTO: O CONTROLADOR E O OPERADOR;

X – TRATAMENTO: TODA OPERAÇÃO REALIZADA COM DADOS PESSOAIS, COMO AS QUE SE REFEREM A COLETA, PRODUÇÃO, RECEPÇÃO, CLASSIFICAÇÃO, UTILIZAÇÃO, ACESSO, REPRODUÇÃO, TRANSMISSÃO, DISTRIBUIÇÃO, PROCESSAMENTO, ARQUIVAMENTO, ARMAZENAMENTO, ELIMINAÇÃO, AVALIAÇÃO OU CONTROLE DA INFORMAÇÃO, MODIFICAÇÃO, COMUNICAÇÃO, TRANSFERÊNCIA, DIFUSÃO OU EXTRAÇÃO;

XI – ANONIMIZAÇÃO: UTILIZAÇÃO DE MEIOS TÉCNICOS RAZOÁVEIS E DISPONÍVEIS NO MOMENTO DO TRATAMENTO, POR MEIO DOS QUAIS UM DADO PERDE A POSSIBILIDADE DE ASSOCIAÇÃO, DIRETA OU INDIRETA, A UM INDIVÍDUO;

XII – CONSENTIMENTO: MANIFESTAÇÃO LIVRE, INFORMADA E INEQUÍVOCA PELA QUAL O

TITULAR CONCORDA COM O TRATAMENTO DE SEUS DADOS PESSOAIS PARA UMA FINALIDADE DETERMINADA;

XIII – BLOQUEIO: SUSPENSÃO TEMPORÁRIA DE QUALQUER OPERAÇÃO DE TRATAMENTO, MEDIANTE GUARDA DO DADO PESSOAL OU DO BANCO DE DADOS;

XIV – ELIMINAÇÃO: EXCLUSÃO DE DADO OU DE CONJUNTO DE DADOS ARMAZENADOS EM BANCO DE DADOS, INDEPENDENTEMENTE DO PROCEDIMENTO EMPREGADO;

XV – TRANSFERÊNCIA INTERNACIONAL DE DADOS: TRANSFERÊNCIA DE DADOS PESSOAIS PARA PAÍS ESTRANGEIRO OU ORGANISMO INTERNACIONAL DO QUAL O PAÍS SEJA MEMBRO;

XVI – USO COMPARTILHADO DE DADOS: COMUNICAÇÃO, DIFUSÃO, TRANSFERÊNCIA INTERNACIONAL, INTERCONEXÃO DE DADOS PESSOAIS OU TRATAMENTO COMPARTILHADO DE BANCOS DE DADOS PESSOAIS POR ÓRGÃOS

E ENTIDADES PÚBLICAS NO CUMPRIMENTO DE SUAS COMPETÊNCIAS LEGAIS, OU ENTRE ESSES E ENTES PRIVADOS, RECIPROCAMENTE, COM AUTORIZAÇÃO ESPECÍFICA, PARA UMA OU MAIS MODALIDADES DE TRATAMENTO PERMITIDAS POR ESSES ENTES PÚBLICOS, OU ENTRE ENTES PRIVADOS;

XVII – RELATÓRIO DE IMPACTO À PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS: DOCUMENTAÇÃO DO CONTROLADOR QUE CONTÉM A DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS DE TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS QUE PODEM GERAR RISCOS ÀS LIBERDADES CÍVIS E AOS DIREITOS FUNDAMENTAIS, BEM COMO MEDIDAS, SALVAGUARDAS E MECANISMOS DE MITIGAÇÃO DE RISCO;

XVIII – ÓRGÃO DE PESQUISA: ÓRGÃO OU ENTIDADE DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DIRETA OU INDIRETA OU PESSOA JURÍDICA DE DIREITO PRIVADO SEM FINS LUCRATIVOS LEGALMENTE CONSTITUÍDA SOB AS LEIS BRASILEIRAS, COM

SEDE E FORO NO PAÍS, QUE INCLUA EM SUA MISSÃO INSTITUCIONAL OU EM SEU OBJETIVO SOCIAL OU ESTATUTÁRIO A PESQUISA BÁSICA OU APLICADA DE CARÁTER HISTÓRICO, CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO OU ESTATÍSTICO; E

XIX – AUTORIDADE NACIONAL: ÓRGÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA RESPONSÁVEL POR ZELAR, IMPLEMENTAR E FISCALIZAR O CUMPRIMENTO DESTA LEI EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL. (REDAÇÃO DADA PELA LEI Nº 13.853, DE 2019).

ART. 6º AS ATIVIDADES DE TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS DEVERÃO OBSERVAR A BOA-FÉ E OS SEGUINTE PRINCÍPIOS:

I – FINALIDADE: REALIZAÇÃO DO TRATAMENTO PARA PROPÓSITOS LEGÍTIMOS, ESPECÍFICOS, EXPLÍCITOS E INFORMADOS AO TITULAR, SEM POSSIBILIDADE DE TRATAMENTO POSTERIOR DE FORMA INCOMPATÍVEL COM ESSAS FINALIDADES;

II – ADEQUAÇÃO: COMPATIBILIDADE DO TRATAMENTO COM AS FINALIDADES INFORMADAS AO TITULAR, DE ACORDO COM O CONTEXTO DO TRATAMENTO;

III – NECESSIDADE: LIMITAÇÃO DO TRATAMENTO AO MÍNIMO NECESSÁRIO PARA A REALIZAÇÃO DE SUAS FINALIDADES, COM ABRANGÊNCIA DOS DADOS PERTINENTES, PROPORCIONAIS E NÃO EXCESSIVOS EM RELAÇÃO ÀS FINALIDADES DO TRATAMENTO DE DADOS;

IV – LIVRE ACESSO: GARANTIA, AOS TITULARES, DE CONSULTA FACILITADA E GRATUITA SOBRE A FORMA E A DURAÇÃO DO TRATAMENTO, BEM COMO SOBRE A INTEGRALIDADE DE SEUS DADOS PESSOAIS;

V – QUALIDADE DOS DADOS: GARANTIA, AOS TITULARES, DE EXATIDÃO, CLAREZA, RELEVÂNCIA E ATUALIZAÇÃO DOS DADOS, DE ACORDO COM A NECESSIDADE E PARA O CUMPRIMENTO DA FINALIDADE DE SEU TRATAMENTO;

VI – TRANSPARÊNCIA: GARANTIA, AOS TITULARES, DE INFORMAÇÕES CLARAS, PRECISAS E FACILMENTE ACESSÍVEIS SOBRE A REALIZAÇÃO DO TRATAMENTO E OS RESPECTIVOS AGENTES DE TRATAMENTO, OBSERVADOS OS SEGREDOS COMERCIAL E INDUSTRIAL;

VII – SEGURANÇA: UTILIZAÇÃO DE MEDIDAS TÉCNICAS E ADMINISTRATIVAS APTAS A PROTEGER OS DADOS PESSOAIS DE ACESSOS NÃO AUTORIZADOS E DE SITUAÇÕES ACIDENTAIS OU ILÍCITAS DE DESTRUÇÃO, PERDA, ALTERAÇÃO, COMUNICAÇÃO OU DIFUSÃO;

VIII – PREVENÇÃO: ADOÇÃO DE MEDIDAS PARA PREVENIR A OCORRÊNCIA DE DANOS EM VIRTUDE DO TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS;

IX – NÃO DISCRIMINAÇÃO: IMPOSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO DO TRATAMENTO PARA FINS DISCRIMINATÓRIOS ILÍCITOS OU ABUSIVOS;

X – RESPONSABILIZAÇÃO E PRESTAÇÃO DE

CONTAS: DEMONSTRAÇÃO, PELO AGENTE, DA ADOÇÃO DE MEDIDAS EFICAZES E CAPAZES DE COMPROVAR A OBSERVÂNCIA E O CUMPRIMENTO DAS NORMAS DE PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS E, INCLUSIVE, DA EFICÁCIA DESSAS MEDIDAS.”

NO QUE DIZ RESPEITO, ESPECIFICAMENTE, AO ACESSO E AO TRATAMENTO DESSES DADOS POR TERCEIROS, É INTERESSANTE DISPONIBILIZAR AQUI O ARTIGO 7º DESSA LEI, ENCONTRADO NO CAPÍTULO II, SEÇÃO I – “DOS REQUISITOS PARA O TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS”, QUE DIZ O SEGUINTE:

“ART. 7º O TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS SOMENTE PODERÁ SER REALIZADO NAS SEGUINTE HIPÓTESES:

I – MEDIANTE O FORNECIMENTO DE CONSENTIMENTO PELO TITULAR;

II – PARA O CUMPRIMENTO DE OBRIGAÇÃO LEGAL OU REGULATÓRIA PELO CONTROLADOR;

III – PELA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, PARA O TRATAMENTO E USO COMPARTILHADO DE DADOS NECESSÁRIOS À EXECUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PREVISTAS EM LEIS E REGULAMENTOS OU RESPALDADAS EM CONTRATOS, CONVÊNIOS OU INSTRUMENTOS CONGÊNERES, OBSERVADAS AS DISPOSIÇÕES DO CAPÍTULO IV DESTA LEI;

IV – PARA A REALIZAÇÃO DE ESTUDOS POR ÓRGÃO DE PESQUISA, GARANTIDA, SEMPRE QUE POSSÍVEL, A ANONIMIZAÇÃO DOS DADOS PESSOAIS;

V – QUANDO NECESSÁRIO PARA A EXECUÇÃO DE CONTRATO OU DE PROCEDIMENTOS PRELIMINARES RELACIONADOS A CONTRATO DO QUAL SEJA PARTE O TITULAR, A PEDIDO DO TITULAR DOS DADOS;

VI – PARA O EXERCÍCIO REGULAR DE DIREITOS EM PROCESSO JUDICIAL, ADMINISTRATIVO OU ARBITRAL, ESSE ÚLTIMO NOS TERMOS DA LEI Nº 9.307, DE 23 DE SETEMBRO DE 1996 (LEI DE ARBITRAGEM);

VII – PARA A PROTEÇÃO DA VIDA OU DA INCOLUMIDADE FÍSICA DO TITULAR OU DE TERCEIRO;

VIII – PARA A TUTELA DA SAÚDE, EM PROCEDIMENTO REALIZADO POR PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE OU POR ENTIDADES SANITÁRIAS;

VIII – PARA A TUTELA DA SAÚDE, EXCLUSIVAMENTE, EM PROCEDIMENTO REALIZADO POR PROFISSIONAIS DE SAÚDE, SERVIÇOS DE SAÚDE OU AUTORIDADE SANITÁRIA; (REDAÇÃO DADA PELA LEI Nº 13.853, DE 2019)

IX – QUANDO NECESSÁRIO PARA ATENDER AOS INTERESSES LEGÍTIMOS DO CONTROLADOR OU DE TERCEIRO, EXCETO NO CASO DE PREVALECEREM DIREITOS E LIBERDADES FUNDAMENTAIS DO TITULAR QUE EXIJAM A PROTEÇÃO DOS DADOS PESSOAIS; OU

X – PARA A PROTEÇÃO DO CRÉDITO, INCLUSIVE QUANTO AO DISPOSTO NA LEGISLAÇÃO PERTINENTE.”

Isto posto, é possível afirmar que, com base na leitura dos principais pontos da LGPD, caso os artistas mencionados no capítulo anterior tivessem realizado suas obras em território nacional, eles, de fato, não estariam descumprindo nenhuma lei e muito menos violando a privacidade das pessoas, uma vez que estariam coletando seus dados (no caso, suas próprias imagens) para fins artísticos e/ou de pesquisa. Entretanto, ao lucrar a partir dessas imagens (através da exibição dessas imagens em museus, por exemplo) estariam os artistas agora violando a lei?

A discussão envolvendo o direito à privacidade é antiga e tem suas origens na época da efervescência do surgimento das primeiras câmeras fotográficas portáteis, capazes de serem facilmente transportadas pelos fotógrafos que agora não precisavam demorar mais um dia inteiro para conseguir uma boa foto. Isso fez com que cada vez mais as pessoas se sentissem confortáveis em tirar mais e mais fotos, em qualquer lugar, a qualquer momento e de qualquer pessoa, também. No artigo de nome *The right to privacy*¹¹, publicado no ano de 1890 na *Harvard Law Review*, os autores afirmam que há um descontentamento com as invasões da privacidade na vida doméstica causada pelos jornais agora dotados de um “novo dispositivo” (as câmeras fotográficas, no caso) e com a consequente exposição das pessoas nos jornais sem a devida autorização. Me pergunto qual seria a opinião dos autores sobre os tempos de câmeras de vigilância, Google Maps e reconhecimento facial que vivemos hoje.

11. WARREN, Samuel D., BRANDEIS, Louis D. *Harvard Law Review*, V. IV, No. 5, December 1890.

INTIMI – DADE & CONF – NAMENTO

Seria anacrônico dar continuidade ao presente trabalho sem que se dedicassem alguns parágrafos ao contexto atual de pandemia que estamos enfrentando. Depois de décadas, as pessoas se veem novamente confinadas em suas casas privadas, obrigadas ao confinamento durante a quarentena (pelo menos aquelas que podem exercer esse direito, que deveria ser garantido a todos e não ser considerado privilégio de poucos). As pessoas estão novamente entre quatro paredes. Seria inevitável, então, trazer novamente a dimensão dos diários íntimos para tentar compreender as estéticas que definem esse período específico, pois era nas situações de auto-isolamento que essa prática tão difundida na era Moderna encontrava seus terrenos mais frutíferos e seu espaço para existir. Entretanto, agora os tempos são outros, e como já foi mencionado, poucas pessoas conseguem de fato ficar confinadas somente com a própria companhia.

Nesse sentido, precisamos compreender os novos formatos que a prática de falar de si mesmo assume em um contexto de isolamento involuntário e, portanto, atualizado. O que se percebe no momento

atual é um movimento de adaptação com relação às condições pré-pandemia, no sentido de tentar manter a normalidade e as atividades que se praticavam antes da quarentena. Podemos citar aqui, para começar, os esforços do home office e das reuniões feitas por videochamada, além da tentativa de manter uma rotina de exercícios físicos dentro de casa e da tentativa de realizar festas de aniversário através de aplicativos como Whatsapp e Zoom. Isolados, o único jeito que encontramos de permanecer em contato com o(s) outro(s) e saciar nossas necessidades de socialização dependem, agora mais do que nunca, da mediação das telas. É fato que as telas sempre estiveram presentes em nossas relações contemporâneas, mas agora elas se apresentam como “a única opção”, forçando inclusive indivíduos que não possuíam o hábito (ou o interesse) de viver sua vida inteiramente no ambiente virtual a fazê-lo, correndo o risco de serem prejudicados ou deixados de lado caso não o façam, porque a vida “não pode parar”.

*MAS O QUE ISSO NOS
MOSTRA EM TERMOS
ESTÉTICOS? COMO ESSA
MUDANÇA ABRUPTA E
FORÇADA NA ROTINA
DOS INDIVÍDUOS AFETA
A CULTURA VISUAL DA
ÉPOCA E A PRODUÇÃO
DE EXTIMIDADES?*

É possível observar diferentes fenômenos, involuntários e voluntários. Por fenômenos involuntários, vamos entender aquele tipo de produção imagética que é consequência e não causa determinante, como por exemplo a estética encontrada nas reuniões de trabalho ou de estudos realizadas por videochamada, onde a figura central continua sendo o indivíduo, nos mais diversos ângulos, e onde aparece também fragmentos daquilo que esse indivíduo chama de lar (sua mais profunda intimidade, talvez?), ou daquilo que ele escolhe mostrar como seu “plano de fundo”. Já no que diz respeito aos fenômenos voluntários, é necessário pontuar, primeiramente, a profusão de memes sob o tema da quarentena. Que o universo da internet é uma verdadeira fábrica de conteúdo “memístico”, com o perdão do neologismo, já sabemos, mas sua capacidade de adaptação e apropriação de novos temas é digna de reconhecimento - ainda mais agora, onde um grande número de pessoas se encontra confinada, o que nos resta mostrar para o mundo além da criação de memes a fim de aliviar o momento presente e, de quebra, conseguir alguns likes, certo?

O período de isolamento fez também florescer, para além dos memes, uma série de projetos artísticos nos mais diversos formatos de mídia abordando o tema, que por si só já envolve as dinâmicas da intimidade e sua exposição. É o caso do projeto “There Are So Many Ghosts at My Spot”, do fotógrafo russo Karman Verdi. Karman realizou uma série de fotografias durante seu período de isolamento, mas, diferente de um autorretrato qualquer, ele não está sozinho em nenhuma das imagens. O fotógrafo aparece sempre acompanhado de projeções em tamanho real de telas nas

quais aparecem outras pessoas, realizando tarefas em comum ou separadamente, mas sempre coexistindo, paradoxalmente. Acredito, aqui, que o trabalho de Karman seja capaz de sintetizar os sentimentos de solidão experienciados durante esse período de pandemia, onde a tarefa mais simples (e consequentemente mais íntima e verdadeira) que se faz na presença do outro se torna um privilégio, algo distante. Segundo o próprio autor:

“(...) Esse projeto é sobre auto-isolamento e a necessidade humana de intimidade cotidiana. Essa é uma história sobre pessoas de todas as partes do mundo que precisam ainda mais de comunicação e contato humano, apesar da quarentena e das novas realidades.” (VERDI, 2020. Tradução própria).

Através dessas imagens, o artista recria esses momentos de intimidade cotidiana tão caros à existência humana, ao mesmo tempo em que escancara essa intimidade para o mundo, como uma espécie de grito de desespero. Grito este que surge da incapacidade de se adaptar a um mundo recheado de extimidades transmitidas através de telas, onde só isso não basta. Por isso a obra de Karman se faz mais do que interessante e, sim, necessária: a reflexão que ela nos traz pode ser estendida para além do contexto da pandemia, onde a falta do toque e do convívio se encontram evidenciadas pelo contexto; ela nos traz questionamentos a respeito do que consumimos virtualmente e o que fazemos com esse catálogo de extimidades ao qual somos submetidos 24/7 em aplicativos como o Instagram, por exemplo.



↔ Karman Verdi, *There Are So Many Ghosts At My Spot*, Moscou, Rússia, 2020. Fotos: Karman Verdi.



↔ Karman Verdi, *There Are So Many Ghosts At My Spot*, Moscou, Rússia, 2020. Fotos: Karman Verdi.

Deslocando agora as esferas de atuação no contexto da pandemia, é possível dizer que outros inúmeros cenários foram afetados. Um deles, de extrema importância, consiste na capacidade de comunicar ideias, ideais e insatisfações no que diz respeito a assuntos como a política, por exemplo. A rua é instrumento essencial no que diz respeito à manifestação de ideias e principalmente, na manifestação das liberdades individuais e na manutenção da democracia. Porém, a rua não é uma possibilidade (ou, pelo menos, não deveria ser) dentro de um contexto pandêmico, o que faz com que, mais uma vez, as pessoas se vejam forçadas a encontrar novas maneiras de se manifestar e, com isso, novas estéticas emergem. Em contraste com o trabalho do artista visual citado no parágrafo anterior, onde a substância da obra faz lugar no íntimo, no pessoal, e traz o mundo de fora para o mundo de dentro, o que se observa aqui é um movimento contrário, onde é necessário encontrar maneiras de levar a voz de dentro, confinada, para fora, para as ruas, e assim, “o confinamento dá vazão a novas formas de ativismo e a estéticas construídas através das janelas”, afirma Giselle Beiguelman¹², em artigo que trata assertivamente o tema. Ela continua “não se trata de uma versão atualizada de *The Rear Window* (Janela Indiscreta, 1954), onde o protagonista, imobilizado em uma cadeira de rodas, decifra o seu entorno pela janela mediada pelas lentes da câmera. Se no filme de Hitchcock o movimento era de introjeção (a realidade entrava pela janela, através da câmera), o que acontece agora é o oposto. A lente do projetor extravasa o que está dentro para fora e catapulta o desejo de mudança e a revolta.” É o que demonstra a atuação do coletivo *Projetemos*, que reúne um grande número de VJs espalhados por todo o Brasil.



↑ Coletivo *Projetemos*, 21 de Maio de 2020. (Foto: Reprodução/@projetemos)

← 12. BEIGUELMAN, Giselle. *Coronavida 02*. Estéticas do confinamento projetam desejos de mudança e a revolta. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.select.art.br/coronavida-02/>. Acesso em Março de 2020.



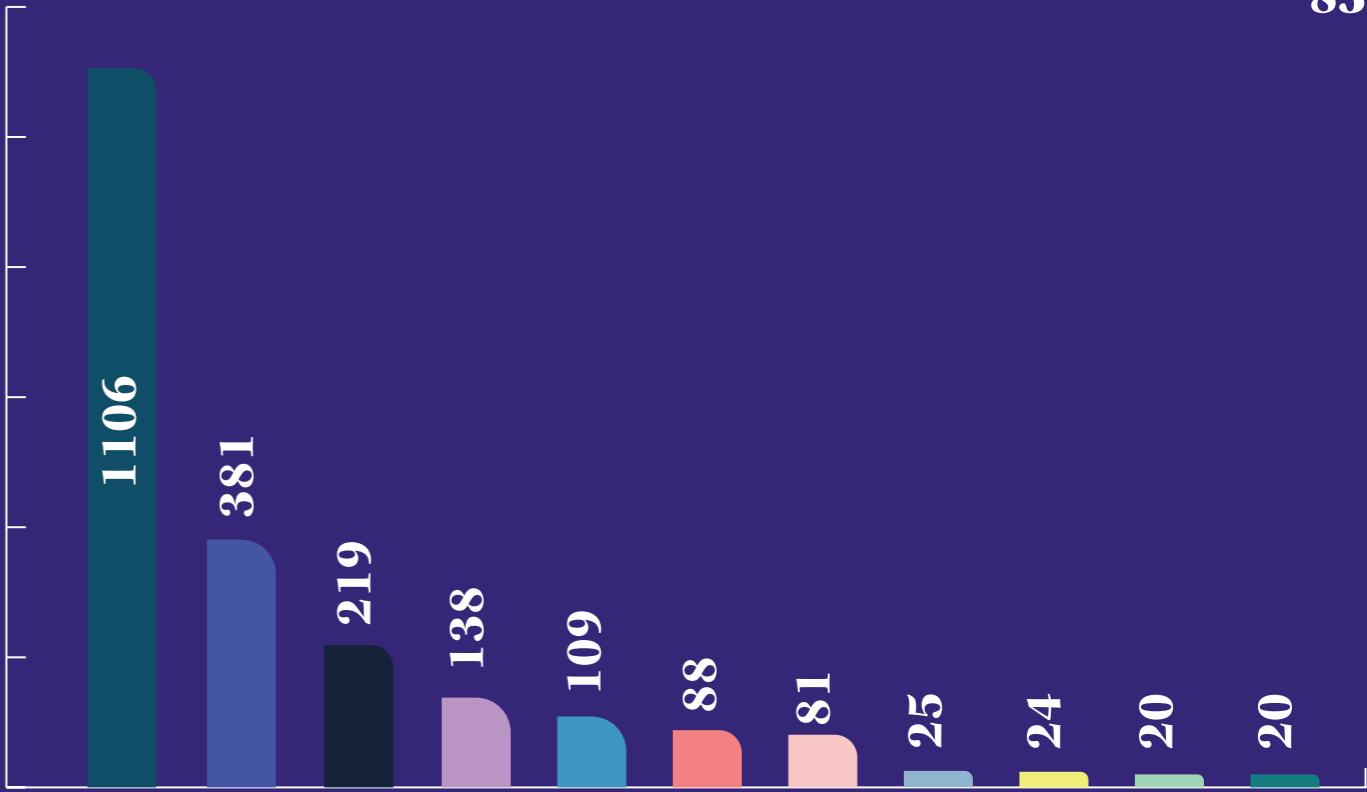
Mais uma vez: as manifestações artísticas no formato de projeção não são uma novidade no contexto da arte urbana e da cultura visual das grandes cidades, entretanto, adquirem novo significado dentro do contexto da pandemia, como já fora anteriormente apresentado. Sendo assim, as projeções aparecem, agora mais do que nunca, como o grito daqueles que não cabem mais dentro de casa (ou dentro de si).

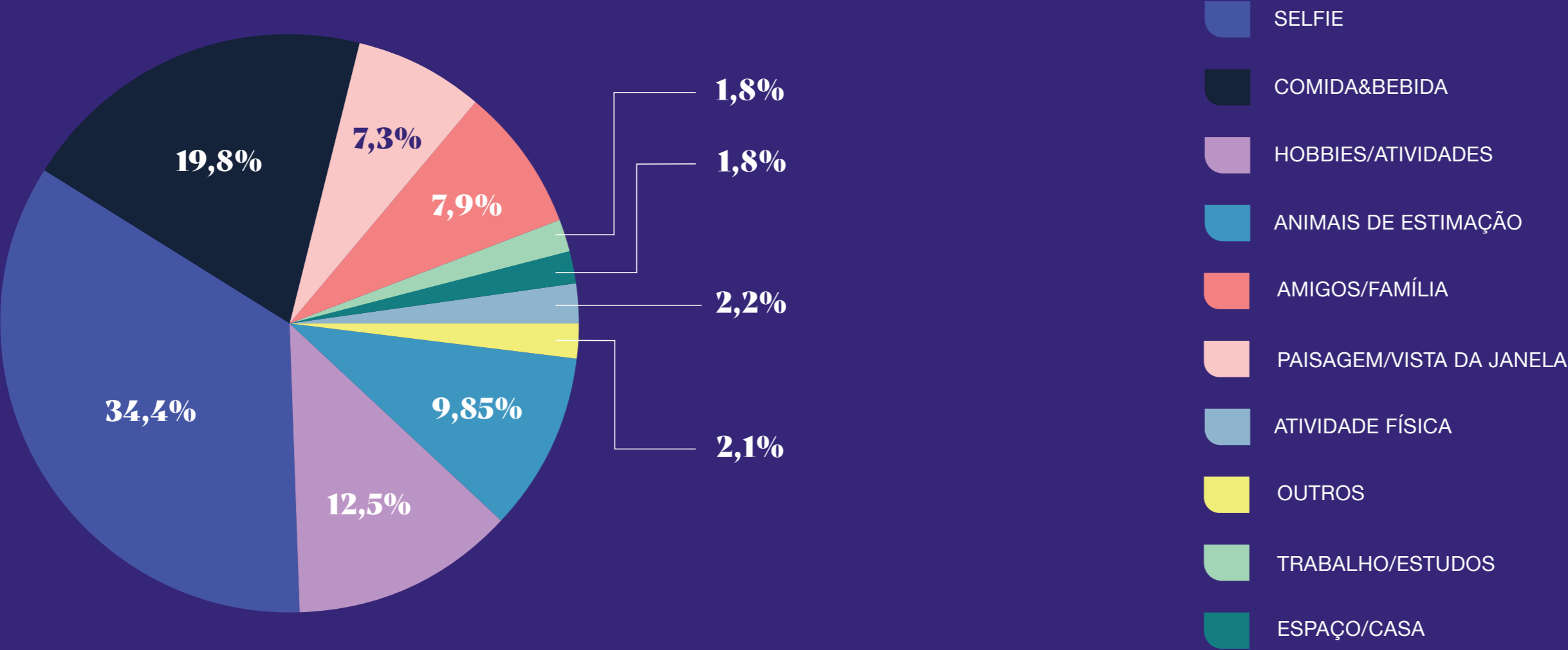


ESTUDO DE CASO

INSTA –

GRAM





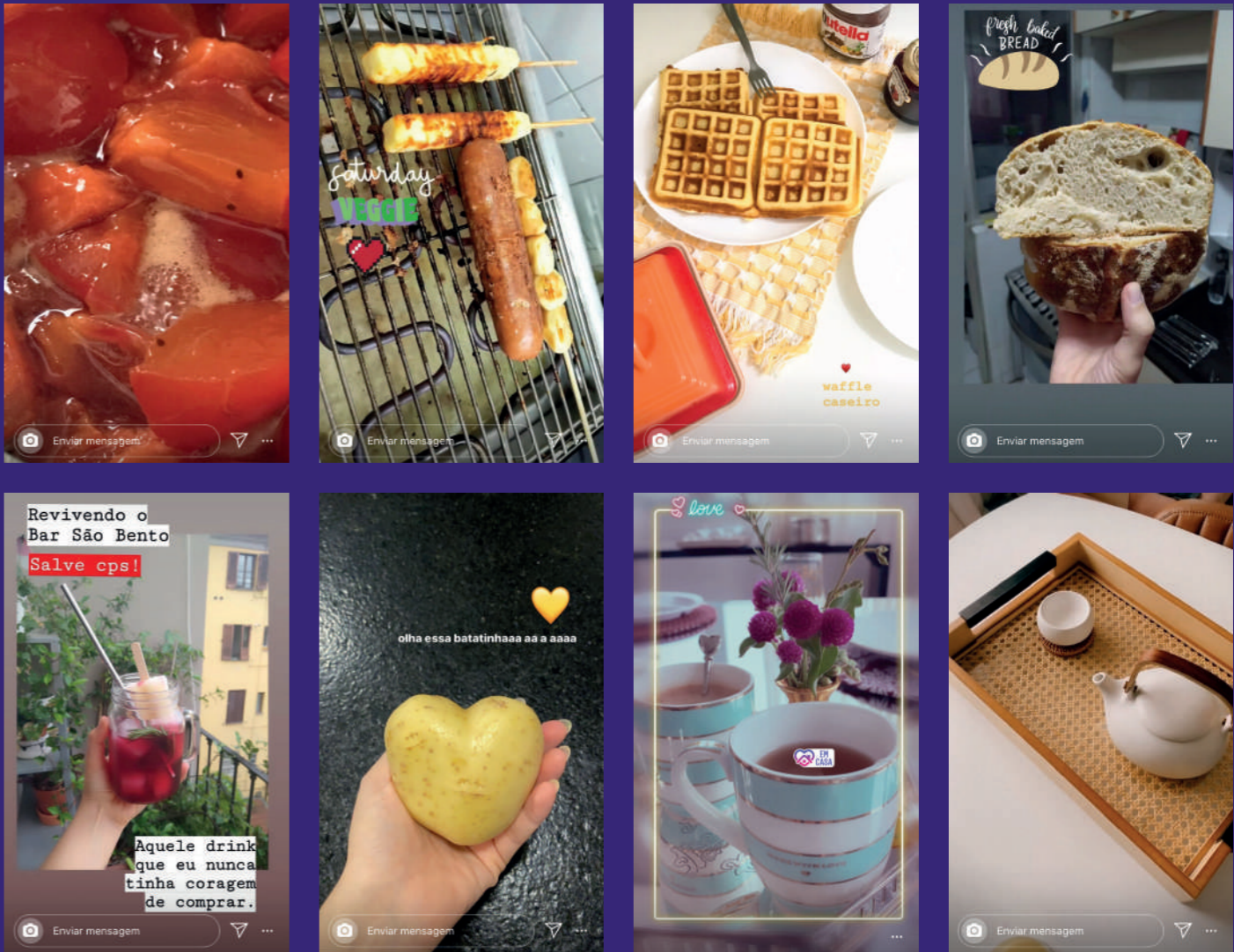
1 SELFIE

A categoria Selfie é auto-explicativa. Nessa categoria foram agrupadas todas as imagens que possuísem o sujeito como objeto central da composição da imagem. O que não foi uma surpresa foi o fato dessa categoria ser a mais numerosa, totalizando 381 registros, que correspondem a 34,4% do total. Tais números comprovam o assunto principal do presente trabalho, que busca, além de tudo, demonstrar as particularidades da produção imagética no âmbito do show do eu, onde o sujeito ainda é o principal assunto/mercadoria.



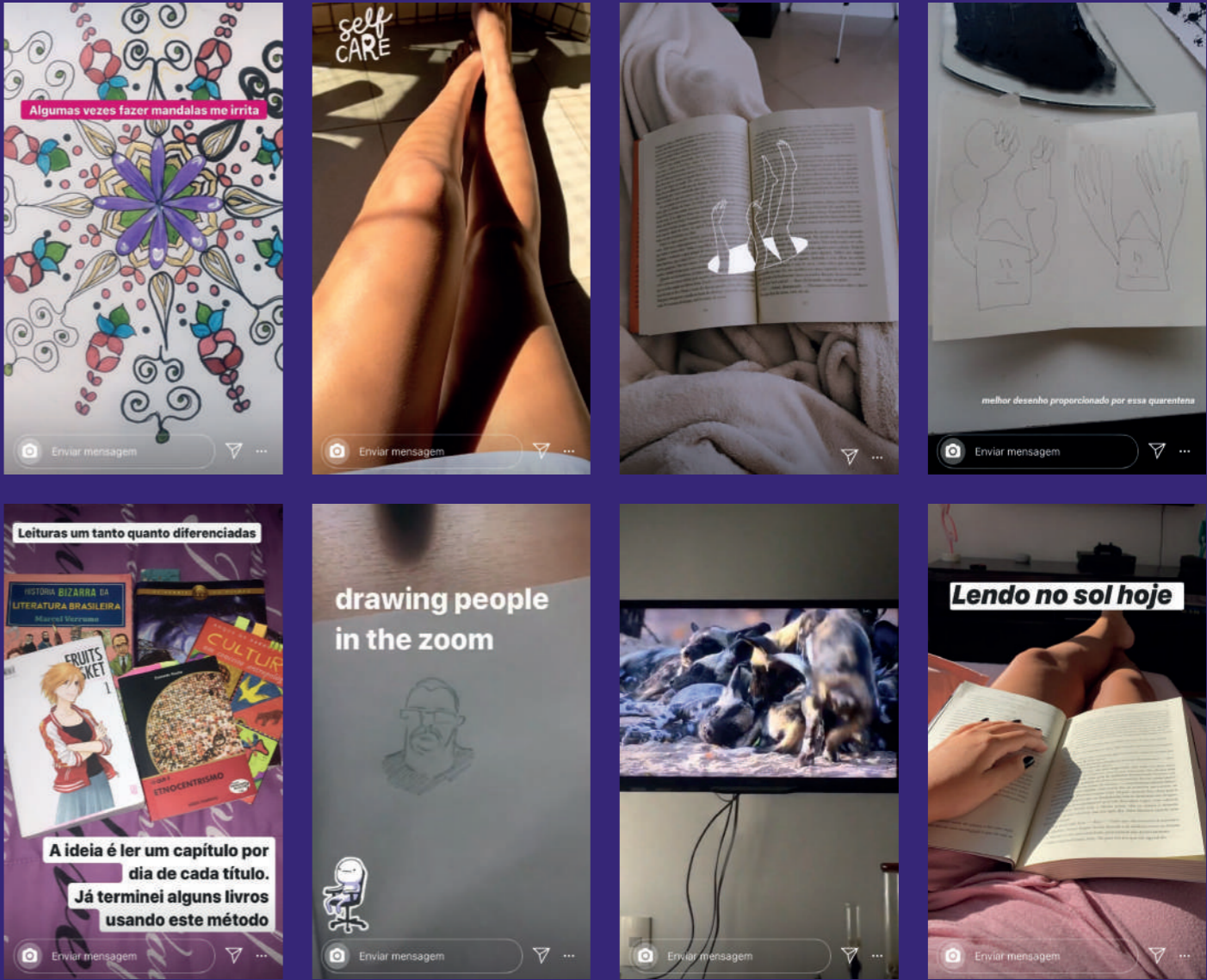
2 COMIDA E BEBIDA

O âmbito da alimentação se mostrou assunto de alto interesse íntimo, uma vez que foi a segunda maior categoria, em números. Aqui, se reuniram desde imagens de alimentos em pratos prontos para serem consumidos, imagens de pratos com uma apresentação trabalhada, imagens de ingredientes ainda em fase de preparação, vídeos de preparo de receitas, imagens de mãos flutuantes segurando copos de drinks elaborados e, até garrafinhas de água. Essa categoria totalizou 219 imagens, resultando em 19,8% do total.



3 HOBBIES/ ATIVIDADES

A categoria Hobbies/Atividades se mostrou necessária para que fosse possível abarcar atividades realizadas dentro do ambiente doméstico que não possuísem algum fim estudantil/ econômico. Aqui se incluem: atividades de lazer, como assistir à televisão, jardinagem, leitura e pintura, por exemplo. Essa categoria totalizou 138 imagens, com uma porcentagem de 12,5% do total.



4 ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

A categoria Animais de Estimação contabilizou 109 capturas, o que consiste em 9,85% do total de registros realizados. Nessa categoria foram agrupadas todas as imagens que possuíam como sujeito central de sua composição algum tipo animal (com destaque de frequência para cachorros e gatos), majoritariamente no ambiente doméstico.



5 AMIGOS/FAMÍLIA

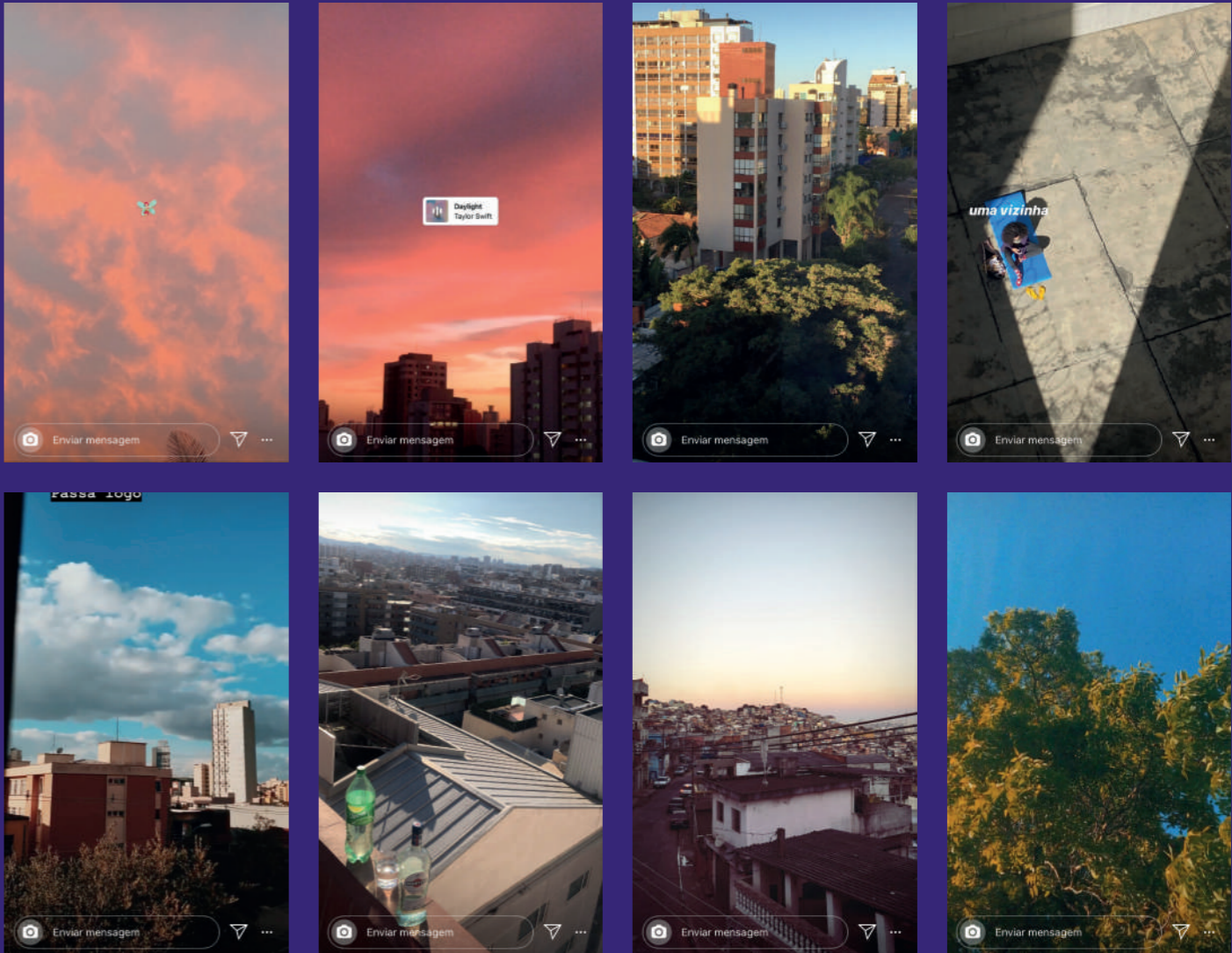
Essa categoria pareceu ser uma das que foi capaz de expor níveis de intimidades que seriam considerados mais profundos, uma vez que ela é capaz de exibir as relações de cada indivíduo, em diversos níveis. Aqui foram registradas desde imagens de sujeitos de uma mesma família (passando inclusive por selfies de bebês e de ciranças) até imagens de casais em momentos de intimidade cotidiana, além de amigos em momentos de confraternização. Uma característica importante dessa categoria, que muda bastante sua dinâmica e deve ser levada em consideração, é que a maioria das imagens que continha pessoas de

famílias diferentes eram imagens antigas, antes do contexto de isolamento social. As imagens que correspondiam à atualidade eram majoritariamente de pessoas da mesma família que habitam a mesma casa e estão passando o isolamento juntas. Essa categoria somou 88 imagens, totalizando 7,9% do total.



6 PAISAGEM/ VISTA DA JANELA

Essa categoria se mostrou uma das mais emblemáticas e representativas do contexto atual, uma vez que até seu nome teve que ser modificado ao longo do processo. Inicialmente denominada apenas de “Paisagem”, o segundo nome “Vista da Janela” teve de ser incorporado, pois o acesso das pessoas a qualquer tipo de paisagem ao ar livre, considerando o contexto de pandemia atual, se dá através das janelas, com raras exceções para as pessoas que possuem algum tipo de espaço ao ar livre dentro do próprio ambiente doméstico ou para aquelas que registraram suas breves experiências no mundo lá fora (como a agora valorizada experiência de ir ao mercado, por exemplo). Essa categoria somou um total de 81 imagens, o que corresponde a 7,3% do total.



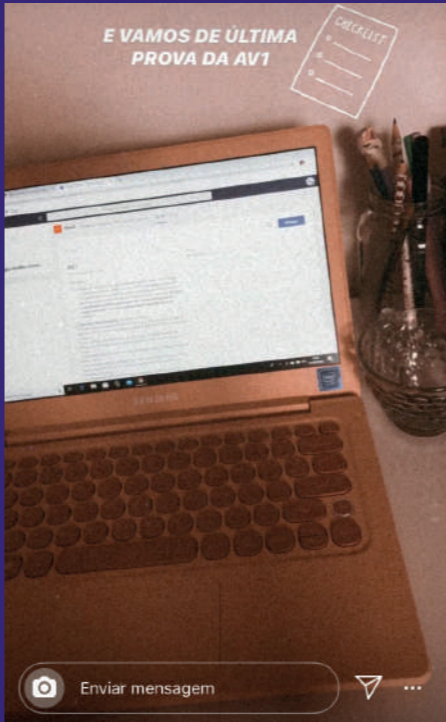
7 ATIVIDADE FÍSICA

Contabilizando um total de 25 registros e totalizando 2,2% do total, na categoria Atividade Física, foram agrupadas todas as capturas que apresentassem o sujeito em algum tipo de atividade que possuisse como objetivo a movimentação do corpo. O que foi possível observar nesse tipo de registro foi que a maioria das pessoas que buscam exibir esse tipo específico de extimidade o fazem com exercícios realizados dentro do espaço doméstico (ou, aqueles que possuem, o fazem em alguma área externa dentro da própria casa). Tal característica pode ter como motivo principal o contexto de pandemia vivenciado no momento da realização das capturas.



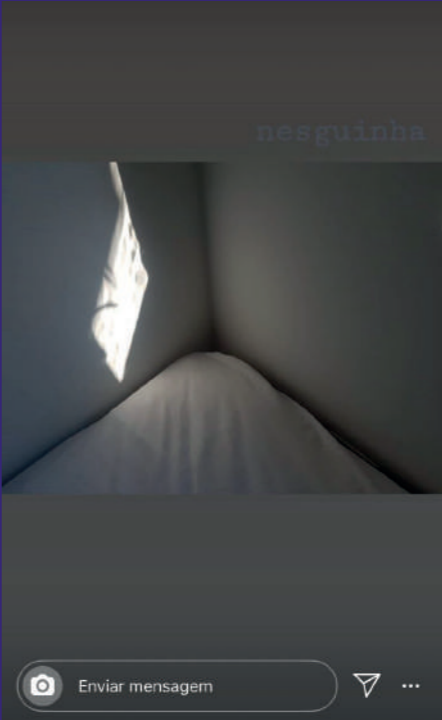
8 TRABALHO/ ESTUDOS

A categoria de número 8 foi definida como Trabalho/Estudos. Nela, foram agrupadas imagens que demonstrassem o sujeito realizando algum tipo de tarefa remunerada ou estudantil. Por exemplo: imagens que possuísem como objeto central de sua composição o computador, algum caderno e/ou apostila, etc. No geral, esse tipo de imagem vem acompanhado de algum tipo de legenda que deixa claro o tipo de atividade que está sendo realizada. Essa categoria totalizou 20 imagens, resultando em uma pequena porcentagem de 1,8%.



9 ESPAÇO/CASA

Essa categoria surgiu no final do processo de tratamento de dados, pois percebeu-se uma quantidade razoável de imagens que possuíam características em comum. Elas não apresentavam nem o sujeito nem algum tipo de objeto como tema central, mas sim elementos e/ou ambientes de algum espaço físico – majoritariamente o espaço doméstico. Essa categoria totalizou, também, 20 imagens, resultando em uma porcentagem de 1,8%, como na categoria anteriormente mencionada.



A TIRANIA DA *NORMALIDADE* *ALGORÍTMICA*

14. BEIGUELMAN, Giselle. Imagens da mesmice: do banal ao radical. Publicado no site da revista Zum, Novembro de 2018.

15. STEYERL, Hito. Proxy Politics: Signal and Noise. Publicado no portal E-flux. Dezembro de 2014.

O que é normal? Através dos ensaios visuais propostos no presente trabalho, o que salta aos olhos de imediato é a semelhança existente entre as mais banais imagens, que vão desde uma simples foto de janela até fotos de pratos de comida, passando, como não poderia deixar de ser, também, por uma tonelada de selfies. Entretanto, o que se busca aqui é compreender como (e porquê/ por quem) operam os mecanismos invisíveis que são responsáveis por essa padronização que já nos é tão naturalmente aceita e, mais ainda, (in)conscientemente reproduzida - afinal, “as formas de produção de imagem na atualidade dizem muito sobre a privacidade e sobre o estatuto de memória no tempo digital”¹⁴ e, conseqüentemente, sobre a intimidade no século XXI.

Isto posto, é interessante tentar compreender mais a fundo o quanto dessa padronização é de fato “natural” (por natural entenda-se algo que acontece inconscientemente, um padrão que se estabelece de maneira independente, por repetição, sem a intermediação de um computador) e o quanto provém das tecnologias que estamos tão habituados

a utilizar no dia-a-dia. Nesse sentido, a artista alemã Hito Steyerl, em seu artigo *Proxy Politics: Signal and Noise*¹⁵ traz evidências de que o que fotografamos através de nossos smartphones é majoritariamente ruído. Sim, ruído. Uma porcentagem mínima do que fotografamos é de fato uma imagem real. O que acontece é que as câmeras dos celulares de hoje em dia possuem lentes de qualidade baixa, e, o que de fato faz as fotos acontecerem são os algoritmos integrados através dos seus sensores. Nossos celulares basicamente fabricam as imagens que gostaríamos de ver, com base em um banco de dados infinito que é alimentado constantemente, todos os dias, por nós mesmos. E é assim que a padronização é fabricada por e para os usuários, podendo influenciar em todos os aspectos de nossas vidas. É no mínimo curioso pensar que a foto que você posta da sua simples xícara de café (evidenciado neste trabalho através do ensaio “xícaras”) seja um reflexo estético da racionalidade existente no sistema político-econômico dominante e que talvez ela só exista do jeito que

existe porque existem outras milhões de imagens iguais a ela. Mas é aí que está o cerne da questão: a sutileza da padronização, disfarçada de criação autônoma, é a grande responsável por sua tirania - tão invisível e ao mesmo tempo tão presente. Essa tirania da normalidade algorítmica faz com que fique cada vez mais difícil a produção de imagens de objetos/sujeitos autênticos, que ainda não foram vistos e, pior: ao fabricar uma imagem com base no que “nós gostaríamos de ver”, o algoritmo acaba, muitas vezes, refletindo os comportamentos excludentes presentes na sociedade. É o caso da câmera que não reconhece o rosto de uma pessoa negra em uma foto de baixa iluminação ou a câmera que, ao reconhecer o rosto de uma pessoa asiática informa que “alguém piscou na foto” e é também o aviso de “foto imprópria” do Instagram quando é postada a foto de alguma obra de arte que contenha partes do corpo feminino nu, por exemplo. Tudo isso é o algoritmo refletindo o conceito de normalidade completamente distorcido que ainda existe em nossa sociedade contemporânea. Outro exemplo recente de racismo algorítmico aconteceu no Twitter¹⁶, onde os usuários começaram a perceber que, em uma foto contendo uma imagem de uma pessoa branca e de uma pessoa negra, independente da posição que estas ocupassem, a foto que aparecia na miniatura era SEMPRE a da pessoa de pele mais clara. 100% das vezes. E quem dá as diretrizes para esse algoritmo? Eu, você, todos nós? Até onde vai a neutralidade do Aprendizado de Máquina? Existe neutralidade? Hito nos responde:

16. THE GUARDIAN. Twitter apologises for ‘racist’ image-cropping algorithm. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2020/sep/21/twitter-apologises-for-racist-image-cropping-algorithm>>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2021.

“(...) A TECNOLOGIA RARAMENTE FAZ AS COISAS POR CONTA PRÓPRIA. A TECNOLOGIA É PROGRAMADA COM/ POR OBJETIVOS CONFLITANTES E POR DIVERSAS ENTIDADES, E A POLÍTICA É UMA QUESTÃO DE DEFINIR COMO SEPARAR O SEU RUÍDO DE SUA INFORMAÇÃO.”¹⁷

17. “But technology rarely does things on its own. Technology is programmed with conflicting goals and by many entities, and politics is a matter of defining how to separate its noise from its information.” Tradução da autora.



Assim, os ensaios visuais que serão apresentados a seguir surgem como uma espécie de complemento a este capítulo, como produto dessa necessidade de compreensão do *modus operandi* dessa tirania, perversamente ordinária. Dessa maneira, buscamos pensar a tirania do algoritmo pelo olhar do design, tentando dar luz a suas características mais marcantes. Sob forte influência do livro *Políticas do design* (Ruben Pater, 2020) no qual o autor nos traz uma espécie de enciclopédia visual da história do mundo, onde o design é protagonista, para (muito) além das palavras, afirmando que, sim, mais do que nunca, todo design é político e como é impossível dissociar o papel do Design da formação da cultura visual – afinal, agora mais do que sempre, a crise também é estética. Levando isso em consideração, os ensaios visuais presentes nesta monografia vem desse mesmo lugar de vontade de demonstrar que não existe neutralidade quando falamos de elementos determinantes de toda uma cultura. Através da linguagem estabelecida pelas imagens da vida de pessoas comuns como eu, como você e como todos nós, foram produzidos 5 ensaios com temáticas distintas e (aparentemente) banais. Vamos ver o que eles têm para nos dizer.

ENSAIOS

VISUAIS

TODAS AS IMAGENS QUE COMPÕE OS ENSAIOS
PRESENTES NESTA MONOGRAFIA FORAM
COLETADAS DENTRO DO UNIVERSO DO MEU
INSTAGRAM PESSOAL. O NOME DOS AUTORES
FORAM OCULTADOS PROPOSITAMENTE.

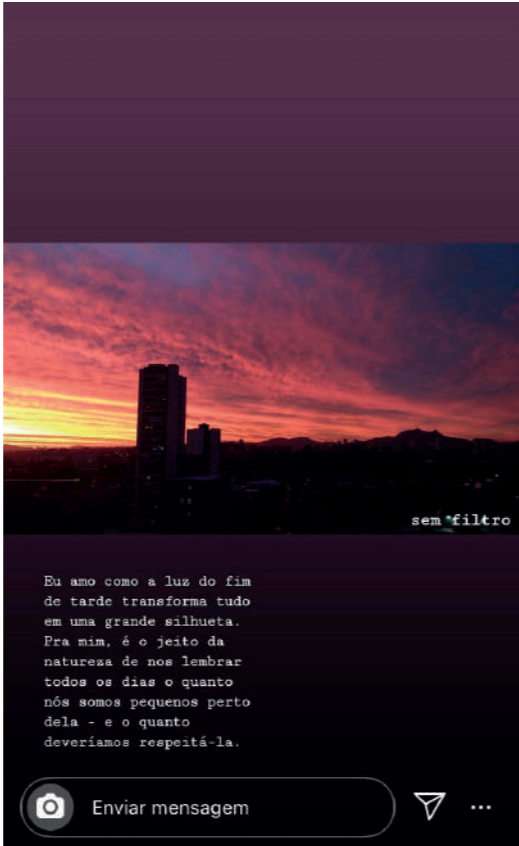
1. DA JANELA

Por conta da pandemia, as fotos de paisagens a céu aberto cederam lugar a um outro tipo de registro da “natureza”: as imagens vindas diretamente das janelas. Com diferentes enquadramentos, algumas ainda tentam fingir que não estão confinadas, escondendo a moldura limitadora da janela, em uma tentativa de ser “livre”, enquanto outras abraçam esse sentimento de prisão, expondo até suas grades (ou telas) como parte essencial da composição. Entretanto, todas possuem algo que as une: de alguma maneira, todas exibem o céu como protagonista, capaz de criar paletas de cores que variam desde o azul até o verde das árvores ou os tons rosados/amarelados de um céu sob os efeitos dos gases poluentes, e sempre direcionando o olhar da câmera (e do espectador) para cima.



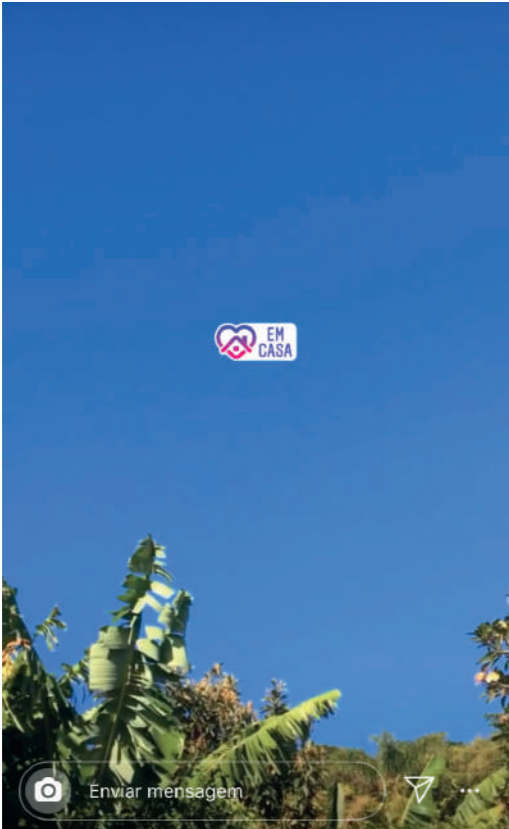
Enviar mensagem













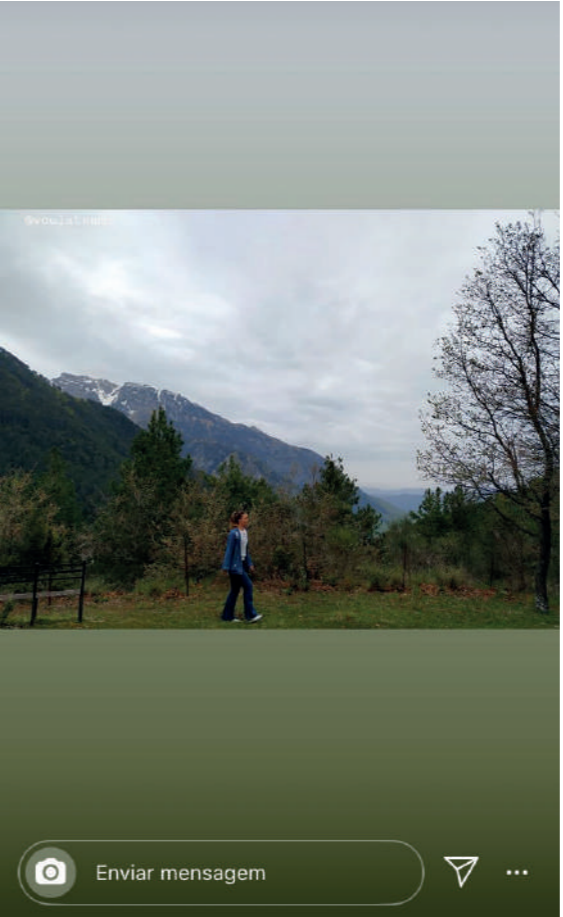
Enviar mensagem

...



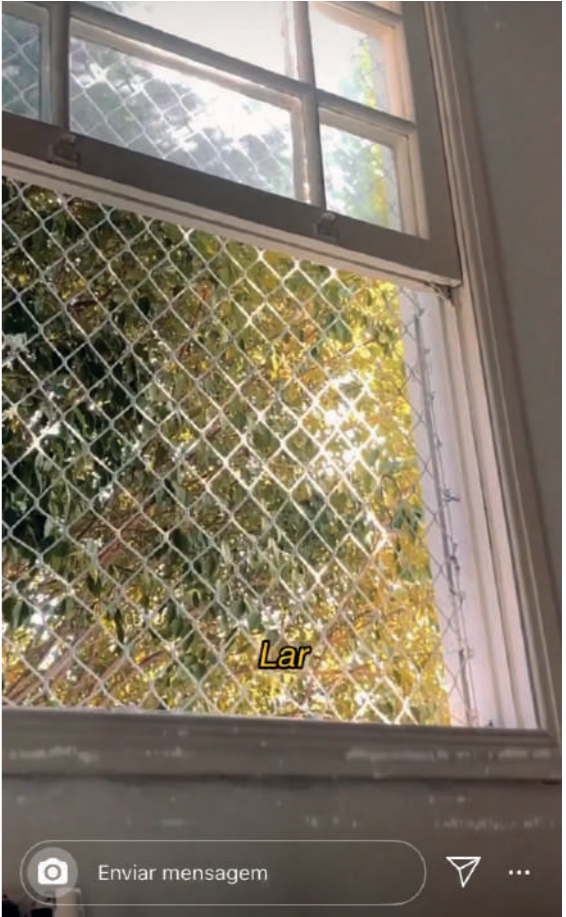
Enviar mensagem

...



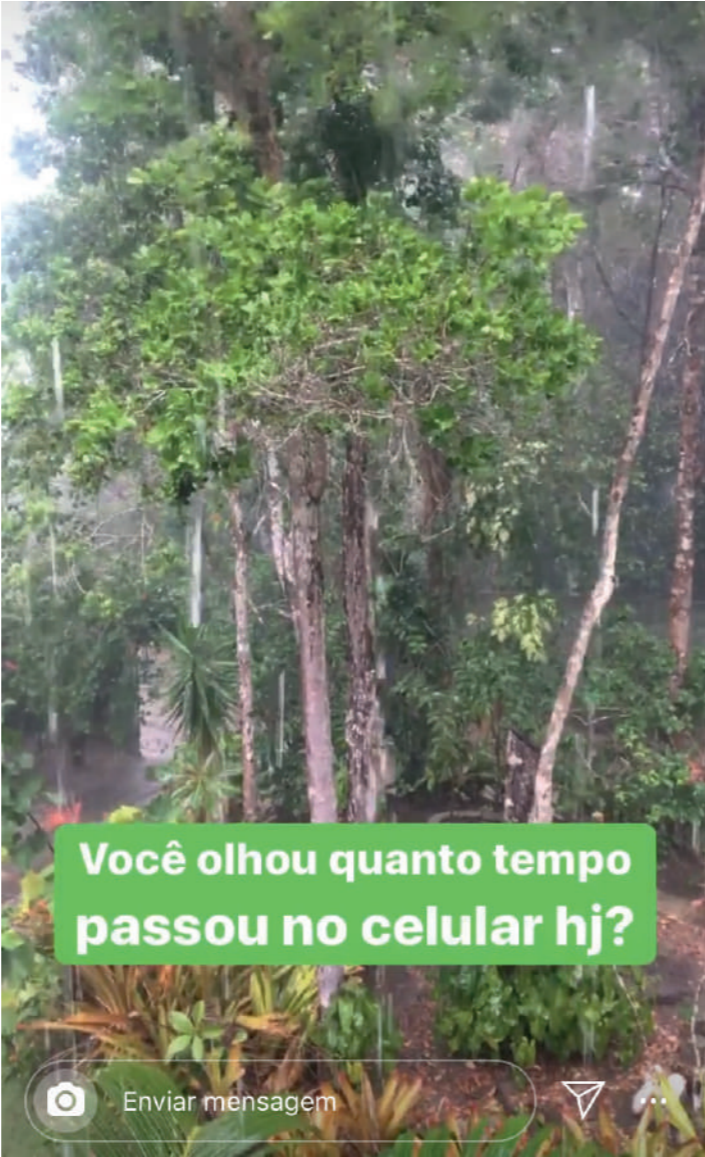
Enviar mensagem

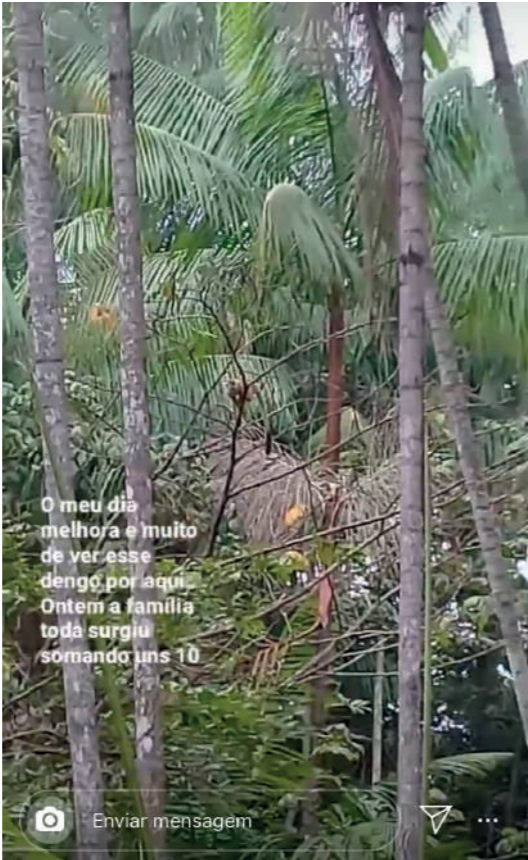
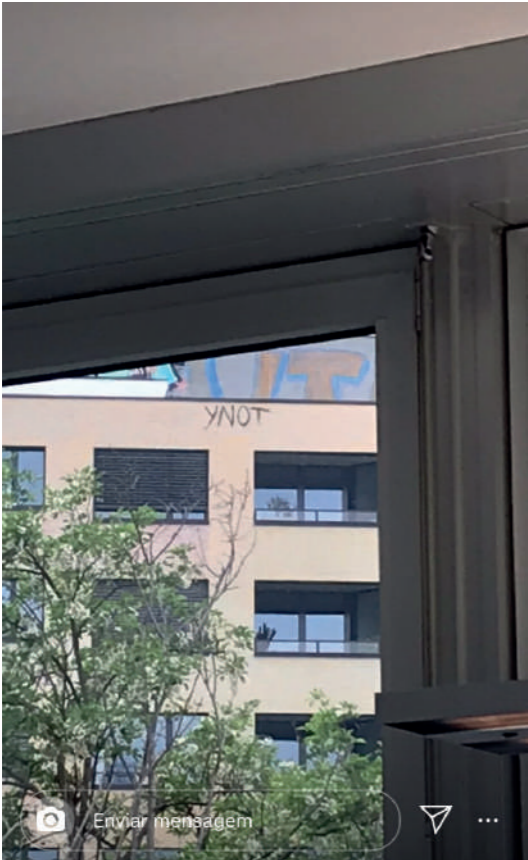
...



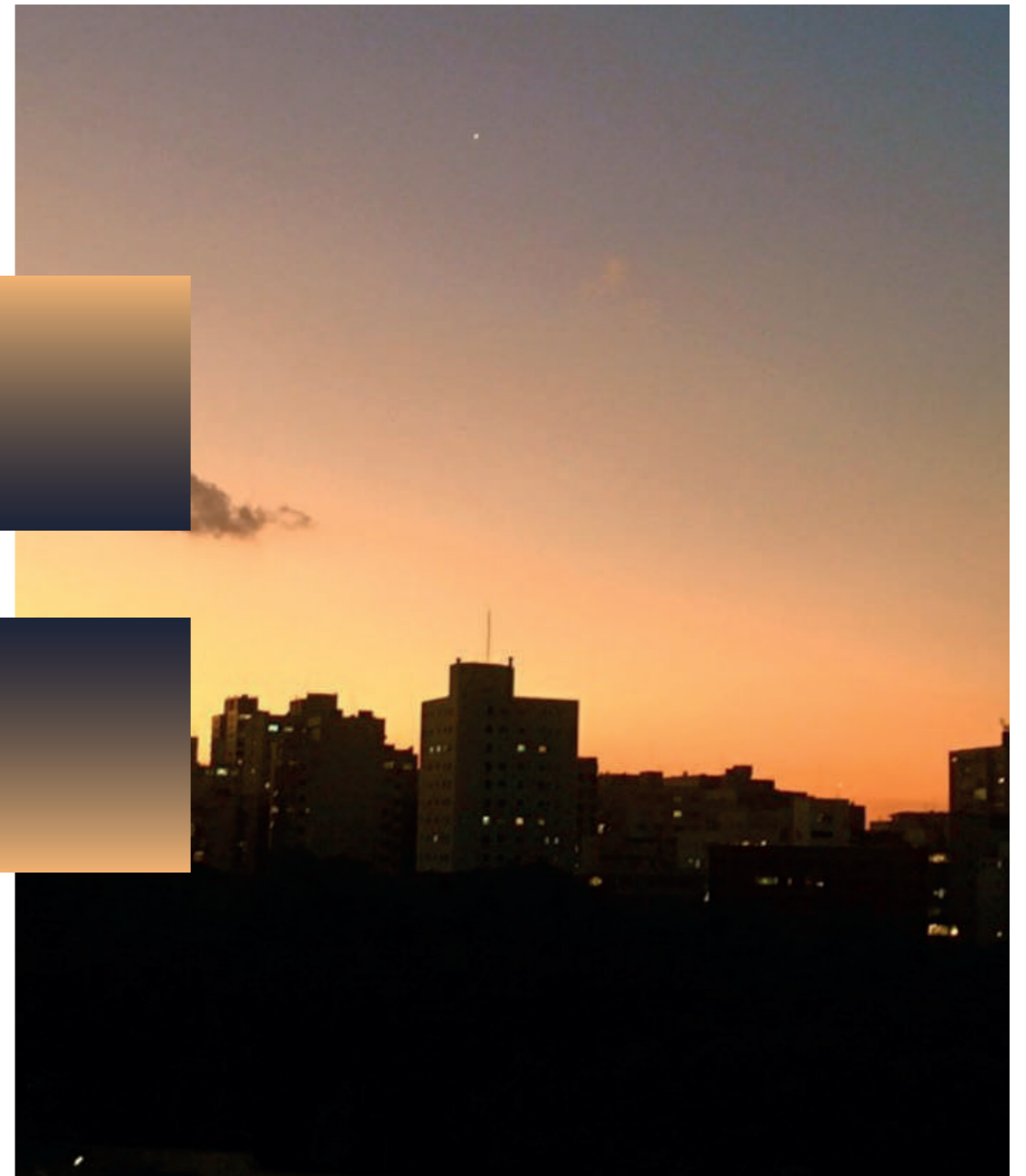
Enviar mensagem

...





minha hora fav



2. XÍCA – RAS

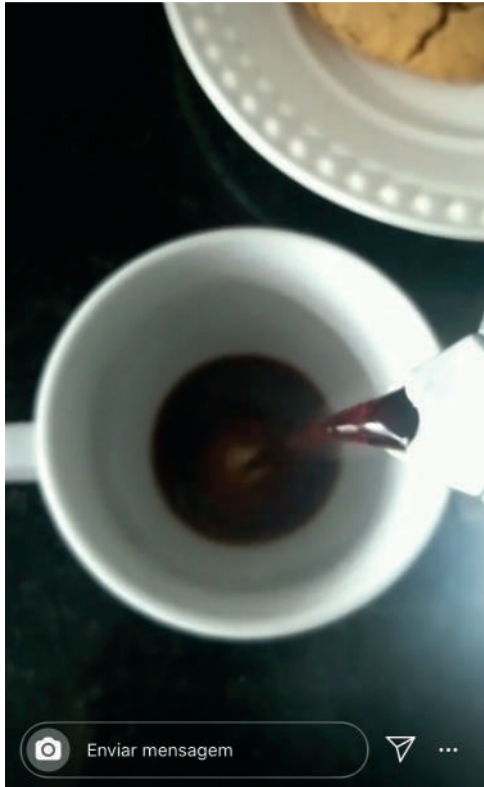
O dia só começa depois de uma xícara de café? Talvez, mas aqui ele só começa mesmo depois de postar a foto da xícara – preferencialmente vista de cima, de maneira com que seja possível enxergar o conteúdo contido na perfeita forma circular registrada na imagem. Não sei vocês, mas o meu consumo de café aumentou consideravelmente após o início da quarentena causada pela pandemia da Covid-19, no mesmo período em que o meu tempo de uso das redes sociais também cresceu.

Got a teapot

FROM @T2TEA









XÍCARAS

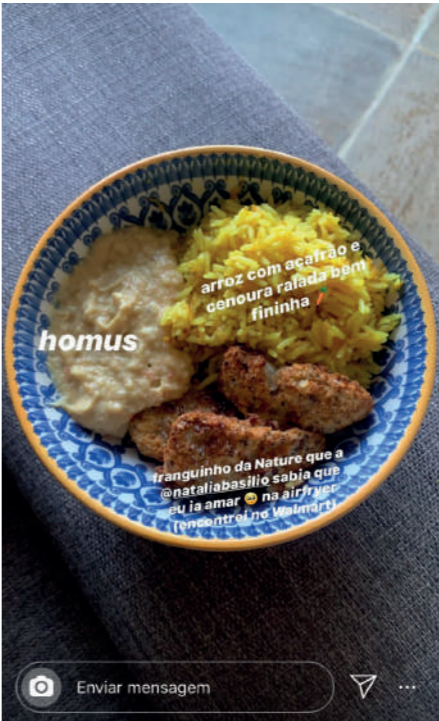
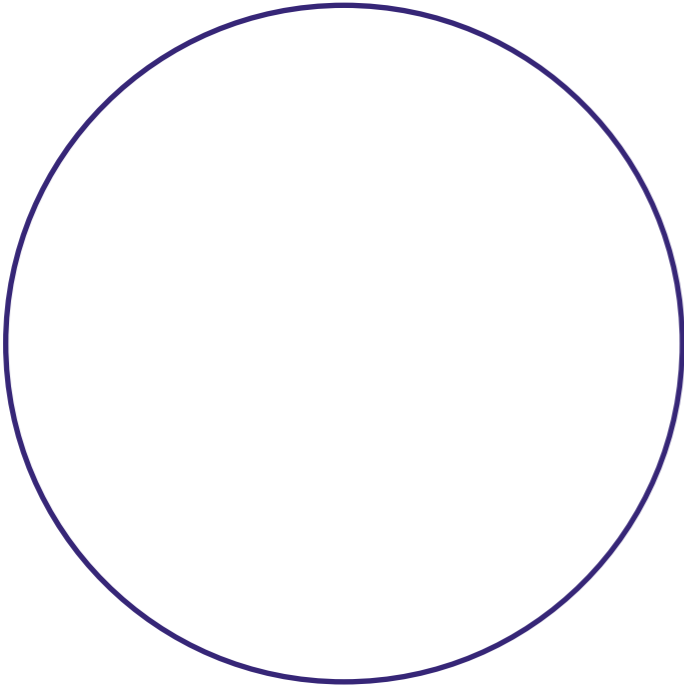
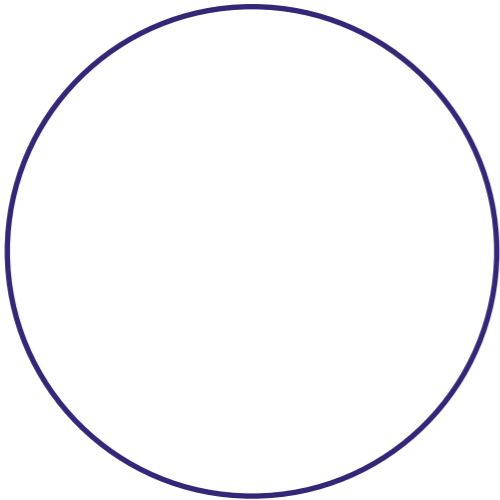
3. CÍRCU

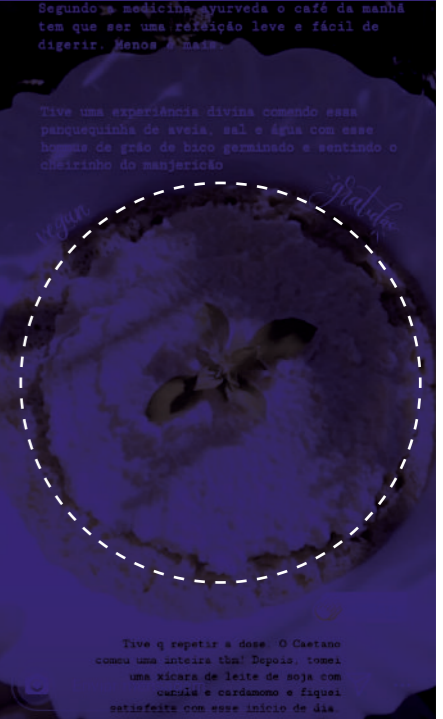
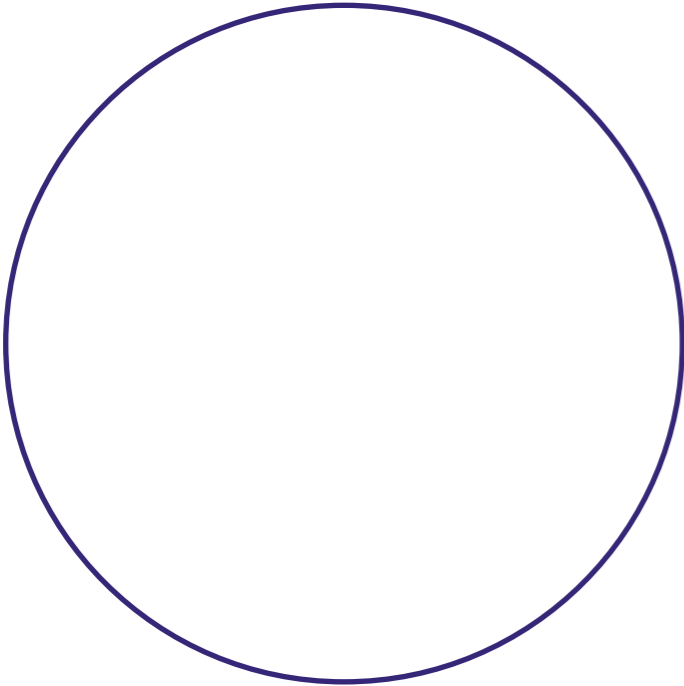
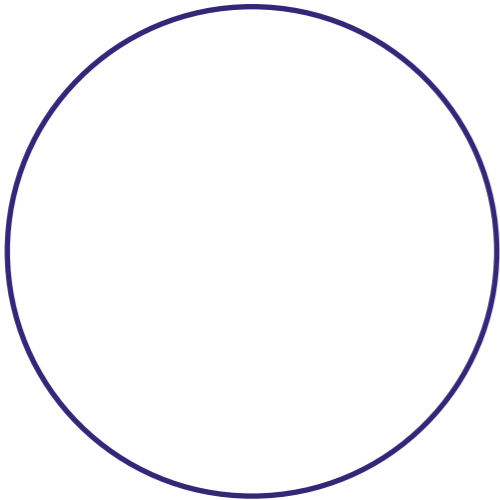
– LOS

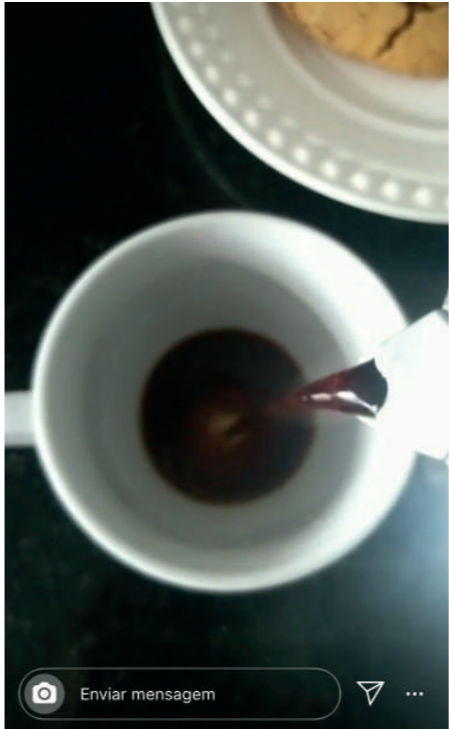
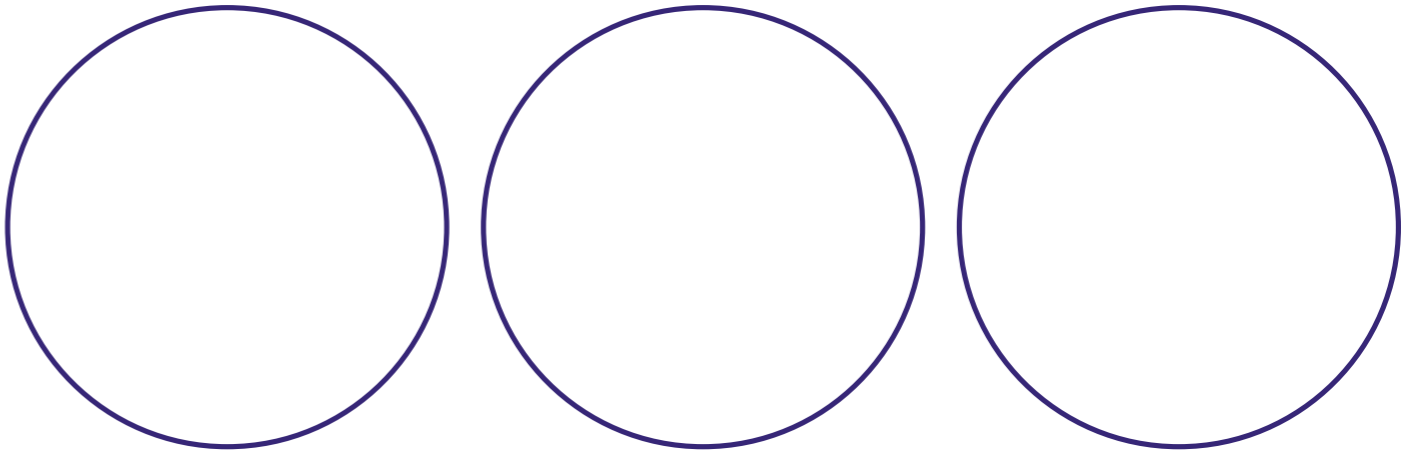
Pegando o gancho do ensaio anterior, continuemos a falar sobre círculos. Utilizado pelos seres humanos desde a Antiguidade, o círculo é considerado a forma perfeita, pois não apresenta início, meio ou fim, além de ser a representação dos astros como o sol e a lua. Talvez seja por isso, então, que o círculo também represente a forma predominante de um grande número de imagens de comida – sim, comida – e este seja exatamente o tema deste ensaio: por quê todas as fotos de comida no Instagram são feitas de maneira a sempre destacar o formato circular do prato que as contém?

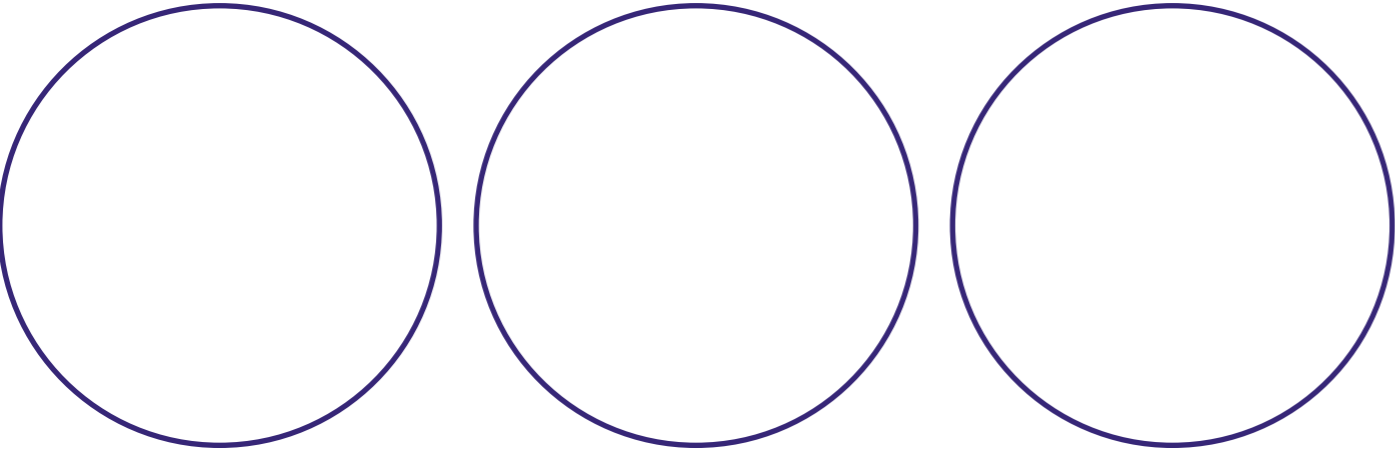


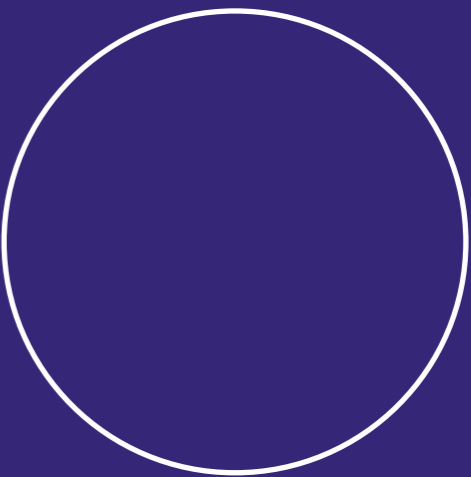


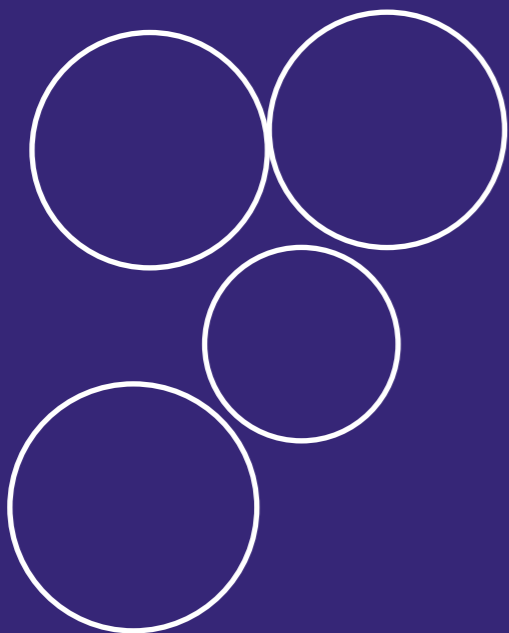


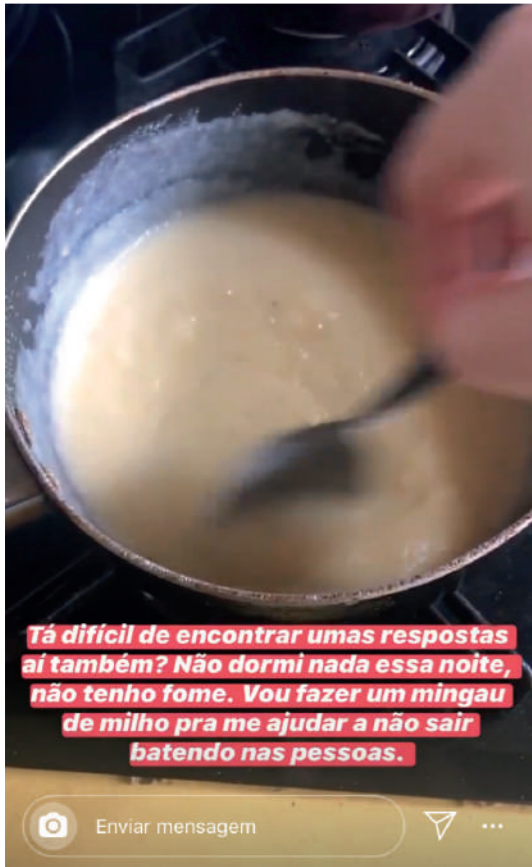








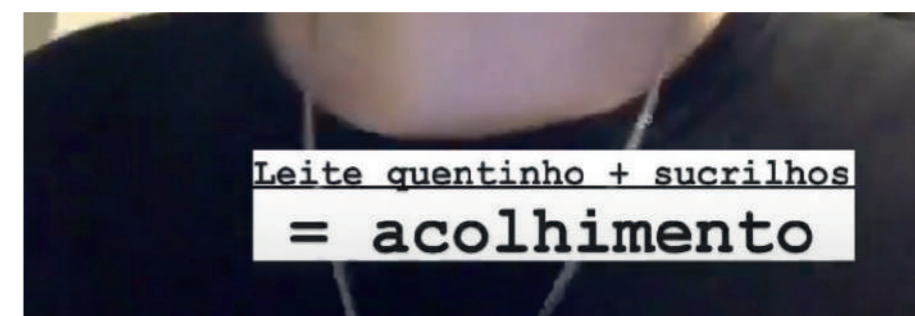
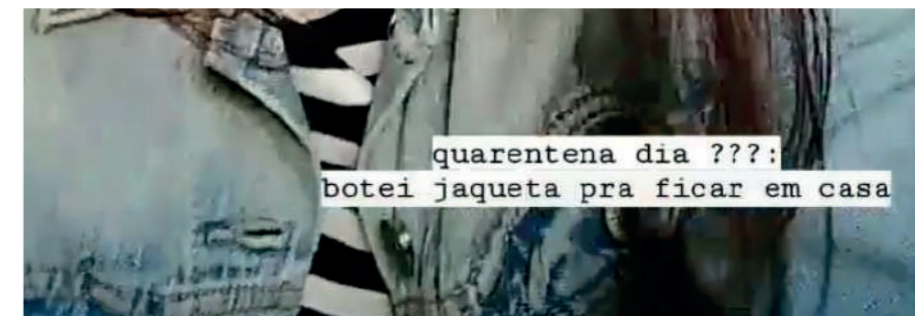
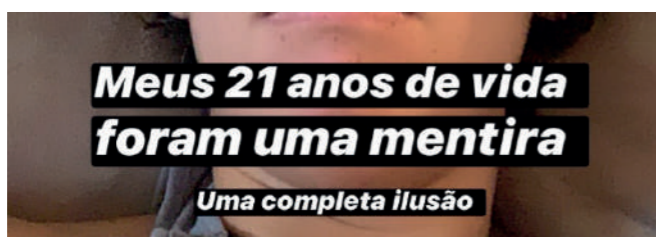
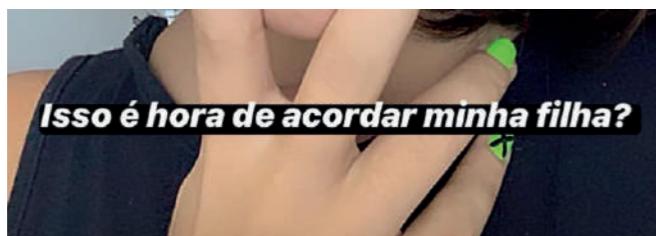
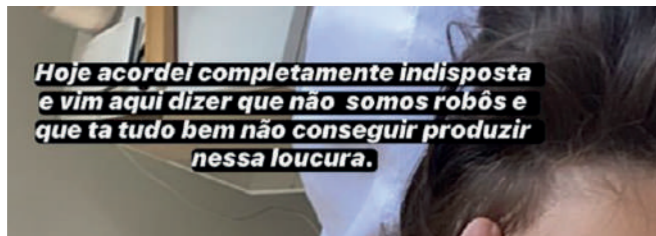
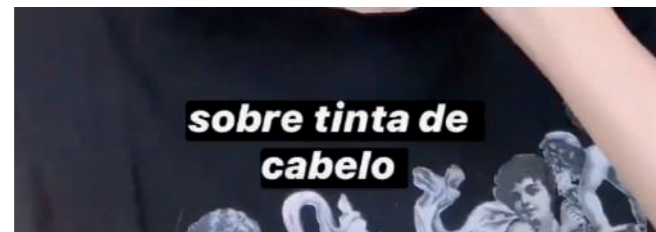
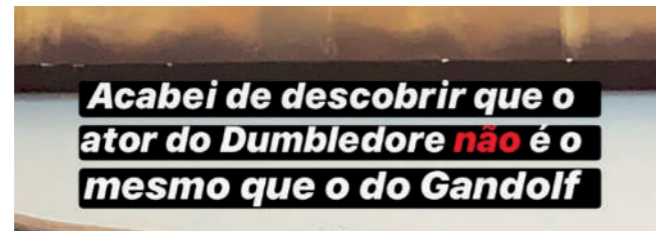
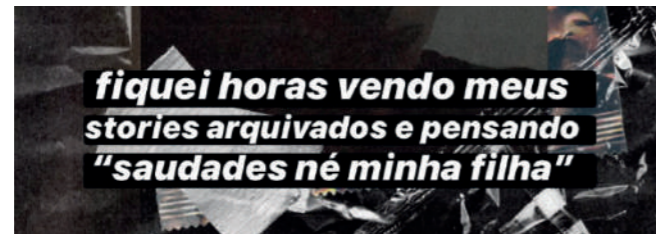




4. TIPO –

GRAFIA

Este ensaio é o que de fato mais se aproxima de conceitos explicitamente relacionados ao Design. Nos é ensinado, desde os primeiros anos de curso, que a tipografia é um fator determinante para o desenvolvimento de um projeto, sendo capaz de dar o tom a ele e podendo mudar completamente seu significado, a depender da situação. Nesse sentido, é interessante observar a seguir como diferentes frases são compostas e, conseqüentemente, ditas nas mesmas fontes tipográficas, tão determinantes.



Colocar meu casaco de
comemorar em casa pra ver
@thelminha_assis ganhar o
@bbb

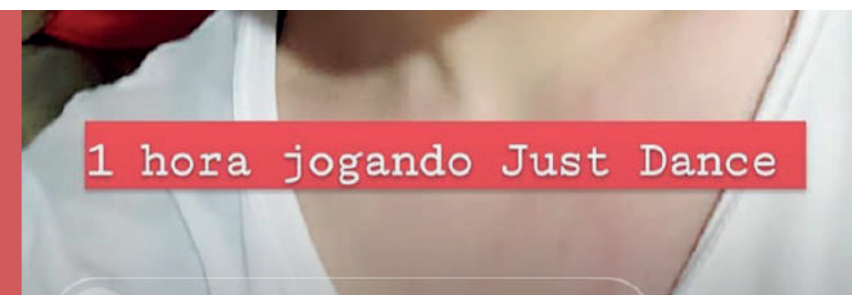
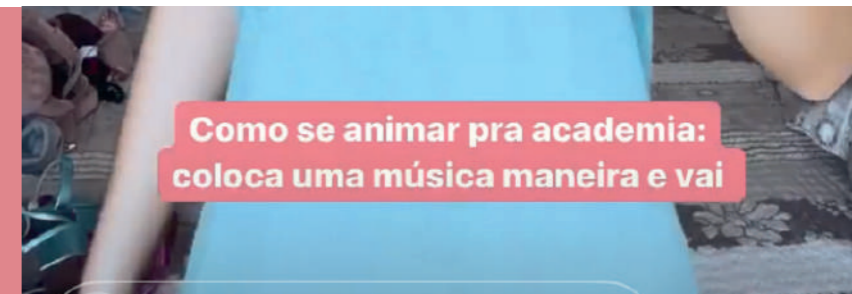
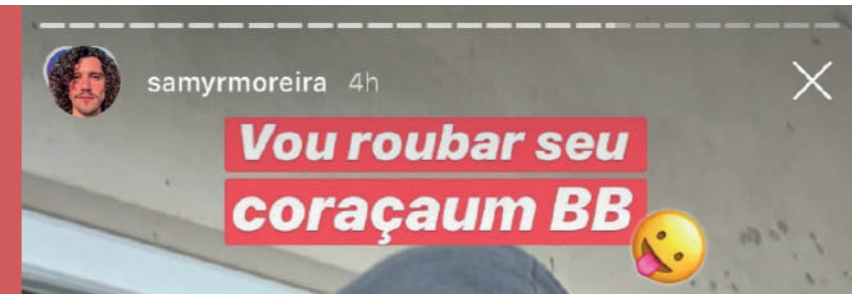
Escritório

Daqui 30min abrem
vendas pelo symp
(link na bio!) e pe
nubank (só envia
mensagem aqui

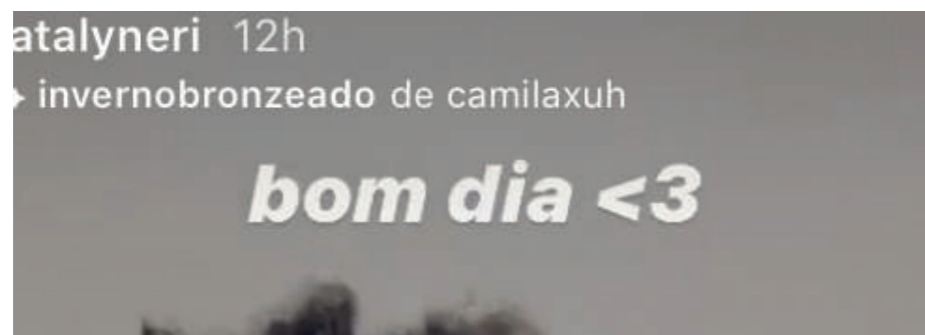
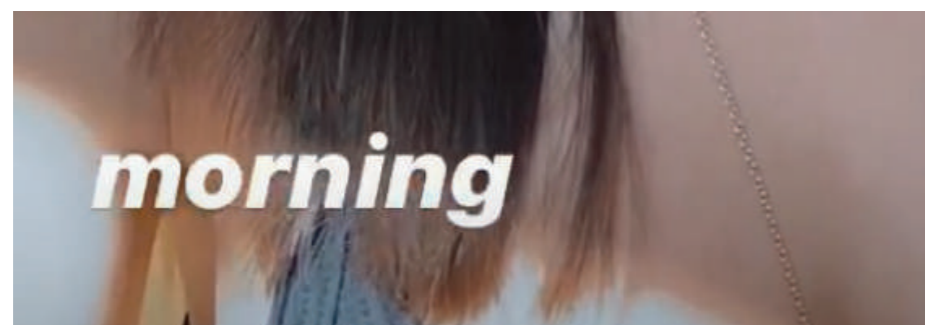
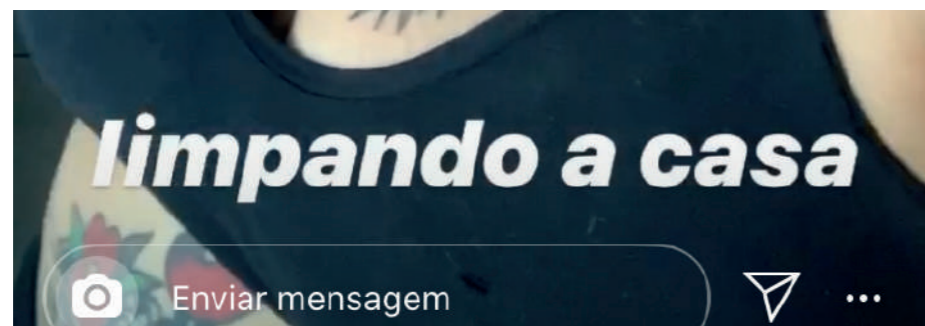
Domingo de micro
cuidados por aqui haha



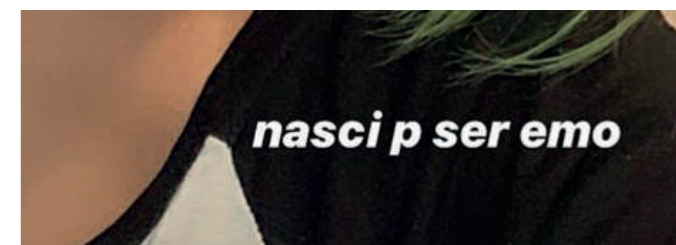
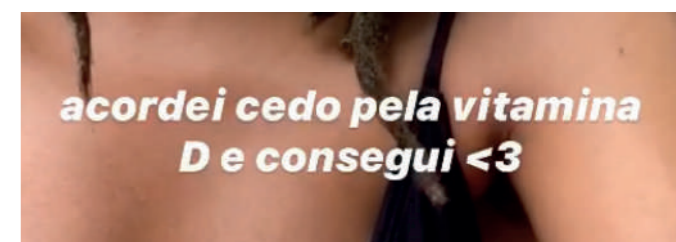
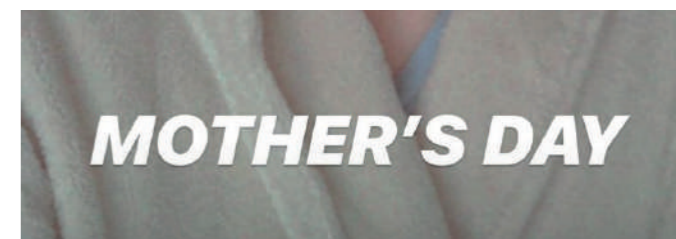
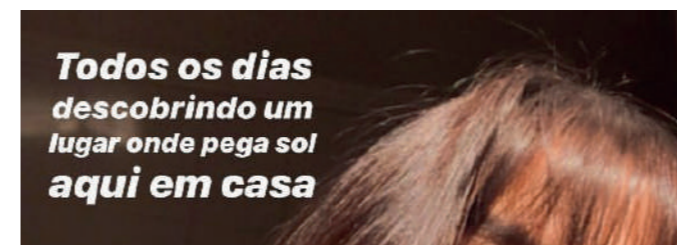
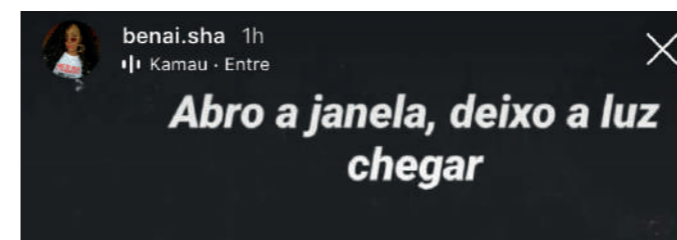
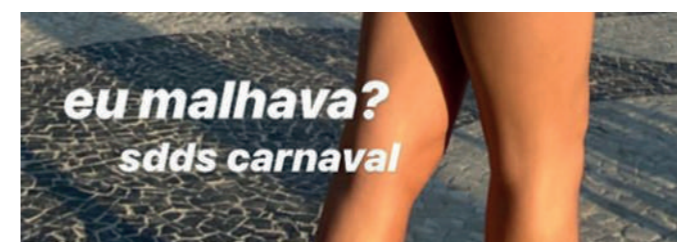
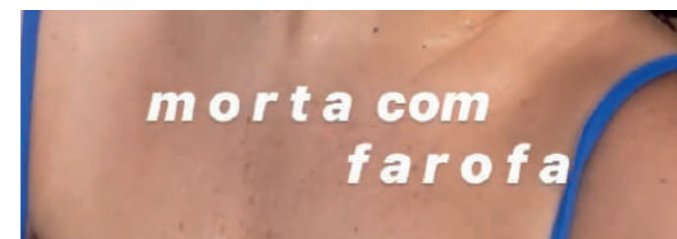
167



168



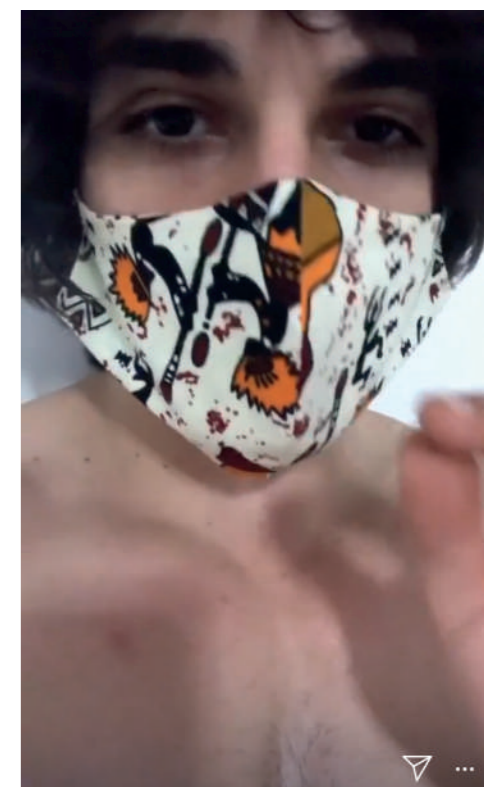
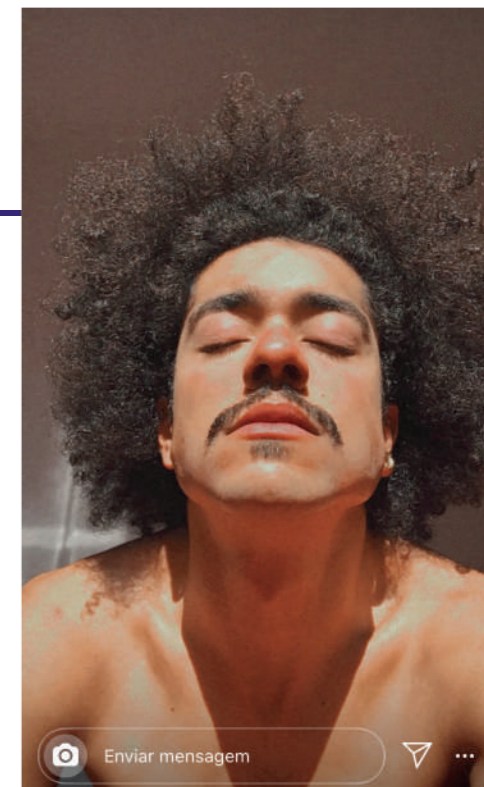
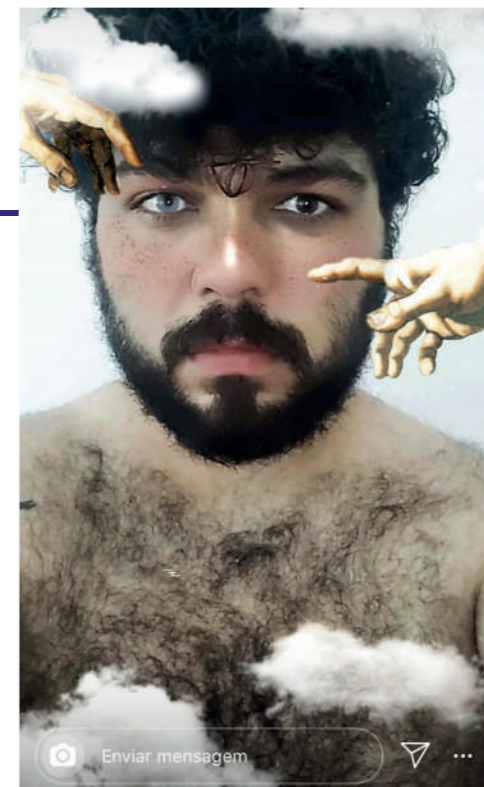
169

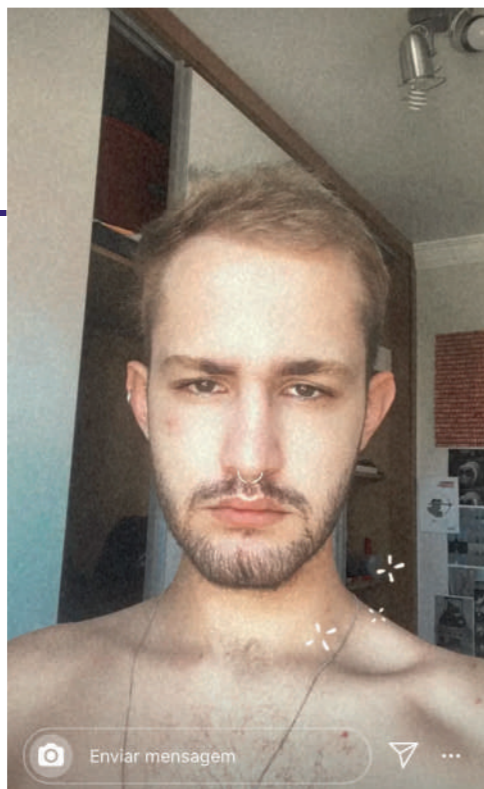


5. HOMENS

Navegando pela internet, um certo dia me deparei com um meme que carregava a seguinte frase: “A real man goes shirtless”. Por ser um meme, a frase carrega um certo tom de provocação e ironia, porém, ela permaneceu em minha cabeça e cada vez mais o meu olhar foi sendo direcionado para as características definidoras das selfies masculinas que apareciam incansáveis em minha tela. Diferentemente das selfies postadas por pessoas do gênero feminino, onde o que predomina são os rostos em destaque, os homens tendem a postar mais retratos de si com pelo menos alguma parte do tronco à mostra – e preferencialmente sem camisa, é claro. Algumas conseguem até mostrar os mamilos, em uma manifestação inconsciente de desafiar o controle de corpos feito pelo algoritmo do Instagram (ou apenas trazendo à tona o viés sexista que existe nessa censura).

A REAL MAN GOES SHIRTLESS





A REAL MAN GOES SHIRTLESS

SNAPCHAT

DYSMORPHIA

OU O FILTRO DA

VIDA REAL

Estava em casa um dia desses com uma amiga e resolvemos tirar uma foto juntas, na câmera do celular dela - uma selfie em dupla. Automaticamente, ao abrir a câmera, ela foi direto para um modo chamado beautification. Ela me explicou que isso era normal, que era só mudar o modo da câmera rapidamente para o “sem filtro” e tirar a foto. Tiramos. Mas não consegui tirar o ocorrido da minha cabeça. Ao longo da pesquisa realizada para a elaboração deste trabalho, tive contato com um grande número de selfies - 381 para ser mais exata, como já fora apresentado nos gráficos presentes na primeira parte desta monografia. O que se mostrou relevante - e extremamente preocupante - foi que, dessas 381 imagens coletadas, 201 fazem uso de filtro no rosto. Isso dá um total de 55% das imagens - o que significa que mais da metade das pessoas fez uso de filtro na hora de postar sua selfie. Que os padrões de beleza são inalcançáveis e insalubres não configura nenhuma surpresa, porém, com a padronização das fotos com “filtros de beleza” estamos atingindo cada vez mais novos patamares, de uma maneira extremamente negativa, onde os alvos mais afetados são as mulheres, eternas vítimas da pressão estética.

Não é à toa que existem pessoas (principalmente mulheres) procurando cirurgiões plásticos pedindo para que eles as deixem mais parecidas - iguais, preferencialmente - a suas imagens idealizadas criadas por elas mesmas fazendo o uso de filtros. O nome desse distúrbio é Snapchat Dysmorphia e ele possui esse nome pois veio à tona durante o boom do Snapchat, e posteriormente do Instagram - podendo ser referido atualmente apenas como Selfie Dysmorphia. O termo foi cunhado pelo cirurgião plástico Dr. Tijion Esho, depois de ele repetidamente receber e recusar pedidos de pacientes que o procuravam para que ele as fizessem parecer como suas selfies com filtro, segundo um artigo da Newport Academy¹⁸:

“DE ACORDO COM ESTATÍSTICAS DA ACADEMIA AMERICANA DE CIRURGIA PLÁSTICA E RECONSTRUTIVA FACIAL, OS CIRURGIÕES ESTÃO ATENDENDO A UM NÚMERO CRESCENTE DE PACIENTES COM MENOS DE 30 ANOS SOLICITANDO PROCEDIMENTOS COSMÉTICOS E INJETÁVEIS. ENQUANTO ISSO, 90 POR CENTO DOS USUÁRIOS DO SNAPCHAT TÊM IDADES ENTRE 13 E 24 ANOS, E 60 POR CENTO DOS USUÁRIOS SÃO MULHERES. ”

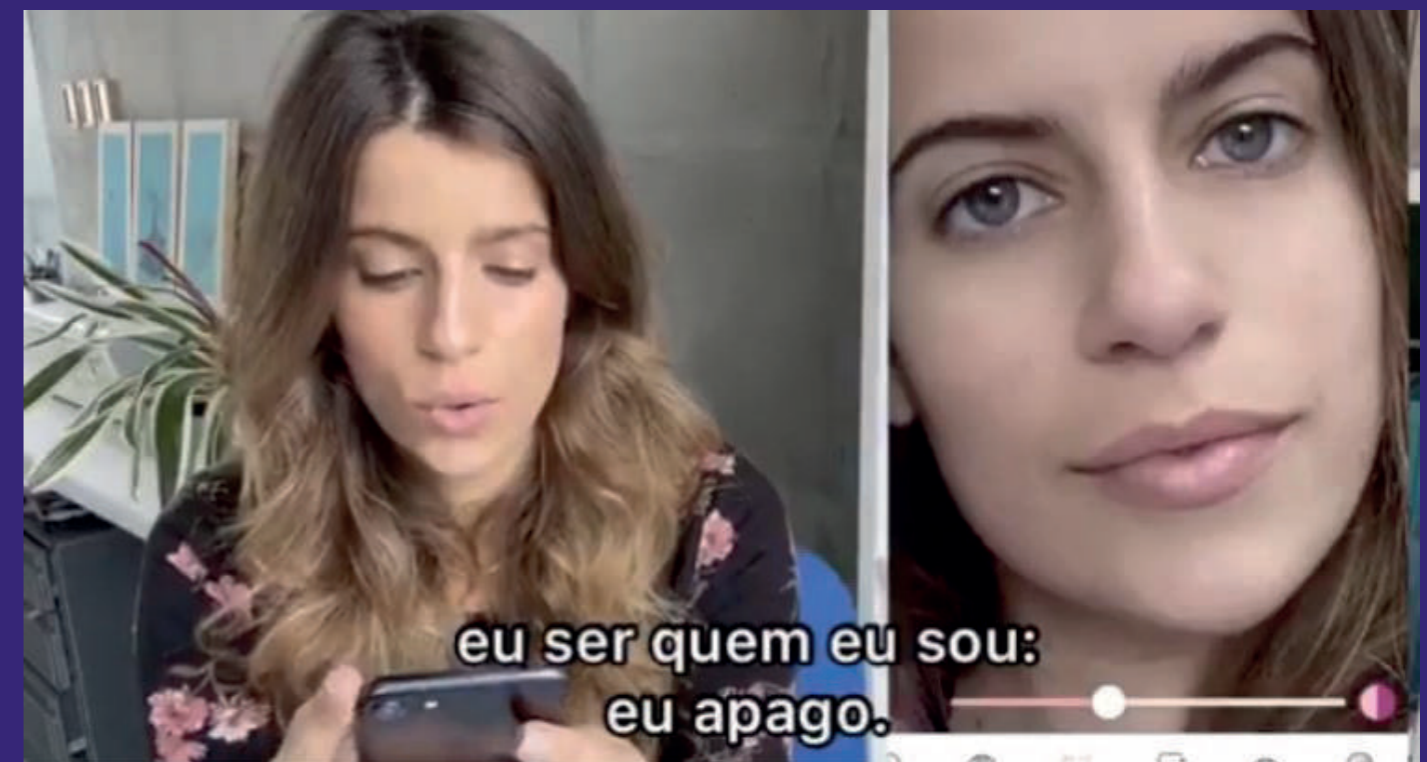
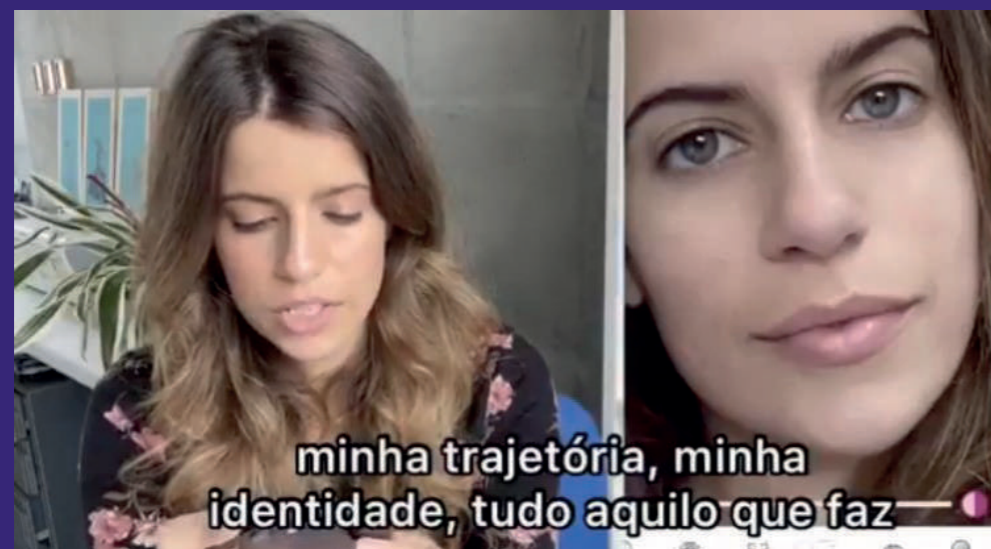
“According to statistics from American Academy of Facial Plastic and Reconstructive Surgery, surgeons are seeing an increasing number of patients under age 30 asking for cosmetic and injectable procedures. Meanwhile, 90 percent of Snapchat users are between the ages of 13 and 24, and 60 percent of users are female.” Tradução própria.

18. Is There Really Such a Thing as Snapchat Dysmorphia?, Newport Academy.

Procurando mais a fundo sobre o tema dentro do contexto brasileiro, foi possível confirmar a tendência: o número de procedimentos estéticos realizados na área do rosto como rinoplastia, preenchimento labial, bichectomia e harmonização facial vem aumentando exponencialmente*. E é um ciclo que só aumenta e não é capaz de se encerrar em si mesmo, uma vez que cada vez mais essas imagens de rostos ideais se tornam a norma, cada vez mais serão geradas imagens baseadas nesse banco de dados “perfeito”, e assim, mais uma vez, o padrão estético inatingível é estabelecido. É importante esclarecer que a Dismorfia é uma doença na qual o paciente possui uma visão distorcida do próprio corpo em relação à realidade - nesse caso, uma realidade constantemente alimentada por selfies idealizadas. Outro agravante para o aumento da procura com relação a essas cirurgias foi a situação da pandemia da Covid-19, onde as pessoas tiveram que, ainda mais, lidar com a própria presença nas telas de maneira maximizada. Um reflexo disso é o chamado “Efeito Zoom”¹⁹, onde o aumento de encontros online fez com que as pessoas começassem a notar “defeitos” nos próprios rostos que antes passavam despercebidos. Segundo uma matéria do jornal Metrópole, as rinoplastias, por exemplo, cresceram quase 5.000% após o início da pandemia de coronavírus e a procura por harmonização facial aumentou 250% nos últimos três meses no Google. Também subiu 80% o interesse por botox no rosto, no mesmo período²⁰. Esse tipo de informação só reforça ainda mais o impacto nocivo das imagens normalizadas nas redes sociais, agora capazes de literalmente moldar corpos.

19. OLIVEIRA, Rebeca. Efeito Zoom: chamadas de vídeo causaram boom na procura por plásticas. Publicado no portal Metropoles, Novembro de 2020.

20. ESTADÃO. Tempo em casa e nas redes sociais aumenta busca por procedimentos estéticos na boca. 2020.







O INSTAGRAM E O *DIREITO AO* *ESQUECIMENTO*

É fato sabido que o esquecimento e a forma como lembramos e esquecemos dos eventos do mundo nos dias de hoje foi moldada e segue sendo alterada diariamente pela internet. Uma justificativa recorrente ao medo da eternização das postagens na internet reside exatamente nessa característica marcante: o fato de qualquer ação nossa, por mais cotidiana que seja, deixar uma marca (ou pelo menos um rastro) nas redes nos dias de hoje. O “cérebro” da internet, diferentemente do humano, finito, limitado, não esquece. E, nesse sentido, até onde o Instagram contribui para esse tipo de eternização das extimidades? Quando perguntadas sobre como se sentiriam ao descobrir que algum estranho teria capturado algum de seus stories postados, algumas das respostas foram exatamente nesse sentido: o problema maior não seria a clara (porém controversa) invasão de privacidade e, sim, o fato de a pessoa estar eternizando um momento corriqueiro da vida alheia, pensado para existir naquele universo limitado de 24 horas. O que isso nos diz? É possível afirmar que algo que existe

em um espaço limitado de tempo possui mais liberdade de conteúdo? As pessoas realmente se sentem mais propensas a postar conteúdos mais íntimos pois sabem que eles irão sumir depois do período de 1 dia? Bom, de acordo com as respostas a seguir, sim.

P: “VOCÊ (QUE TEM CONTA ABERTA/ DESBLOQUEADA) CONSIDERA O CONTEÚDO POSTADO NOS SEUS STORIES COMO SENDO ALGO PÚBLICO?”

R: “SIM MAS NÃO TANTO QUANTO O FEED. O STORIE SERIA UM SEMI-PÚBLICO. OU UM PÚBLICO-RESTRITO.” (D, L.)²¹

21. Resposta extraída de entrevista realizada no Instagram. Para ver a entrevista na íntegra, consultar a seção Anexos deste trabalho. Foram mantidas apenas as iniciais dos nomes dos respondentes para preservar sua identidade.

P: “O QUE TE FAZ DECIDIR ENTRE POSTAR ALGO OU NÃO? QUAIS SÃO AS BARREIRAS/LIMITES PRA VOCÊ?”

R: “DOU MAIS LIBERDADE PRA POSTAR NO STORIES Q NO FEED. STORIES UMA HORA VAI SRR APAGADO, FEED FICA LA.PRA SEMPRE.” (N, O.)

P: “COMO VOCÊ SE SENTIRIA EM SABER QUE ALGUM DESCONHECIDO “PRINTOU” UM STORIES SEU?”

R: “ME SENTIRIA INVADIDO DE ALGUMA FORMA. SE POSTEI NOS STORIES ERA PQ IMAGINAVA QUE O CONTEÚDO FOSSE EFÊMERO. POR EXEMPLO, SE POSTASSE NO FEED EU ME INCOMODARIA MENOS SE VIRASSE PÚBLICO” (B, V.)

Tudo nessa discussão nos leva a uma série de paradoxos que parecem não ter fim. Até mesmo o caráter “efêmero” do storie é uma contradição em si mesmo, uma vez que para o usuário (e para o Instagram, importante ressaltar), ele fica armazenado para sempre nos “itens arquivados”. Desse modo, a plataforma nos demonstra que, na verdade, nada é efêmero. Eventualmente, sempre seremos lembrados de algo que postamos em algum determinado momento da vida (e seremos mesmo, pois volta e meia o Instagram nos sugere alguma lembrança para ser repostada). Aí, finalmente, surge o principal assunto a ser abordado nesse capítulo: o direito ao esquecimento nas redes sociais. Ele existe?

A discussão do direito ao esquecimento se apresenta como um tema central nas discussões sobre direito à privacidade tanto no Brasil como no mundo atualmente. O assunto voltou aos holofotes brasileiros no segundo semestre de 2020 devido a um caso que ocorreu no ano de 1958, no Rio de Janeiro. A família da jovem Aida Curi, vítima de abuso sexual e assassinato, afirma que a Rede Globo se aproveitou da memória do ocorrido ao trazê-lo de volta à mídia em 2004, no programa Linha Direta Justiça. Nesse caso específico, os familiares lutam “pelo reconhecimento do seu direito de esquecer esta tragédia”. A questão é que, aqui, os fatos aconteceram em um ambiente completamente analógico, fora do mundo da internet, e a Rede Globo, responsável pela exibição do programa, defende que os direitos de intimidade e imagem não se sobrepõem ao direito coletivo da sociedade de ter acesso a fatos históricos. Segundo o Supremo Tribunal da Justiça, o direito ao esquecimento ou direito a ser esquecido, “é aquele direito das pessoas físicas de fazer com que a informação sobre elas seja borrada depois de um período de tempo

determinado”¹ e então, “por estas definições pode-se deduzir que o debate se gera quando as pessoas querem esconder algum dado pessoal, notícia, foto, ou informação na internet. O problema é que o exercício de seu direito à vida privada, à honra e à intimidade, choca com a liberdade que têm os meios de comunicação de mostrar esta informação, então surge a dúvida: Qual é o direito que vai prevalecer sobre outro?”² Nesse caso, o processo do STF é mais relevante do que nunca, pois traz à tona essa discussão que se relaciona diretamente ao mundo conectado da internet, onde nada se esquece, mas que, na realidade, a maioria das informações não é de interesse público enquanto sociedade. A internet altera o acesso ao passado.

Mais uma vez, agora no início do ano de 2021, estamos acompanhando uma discussão a respeito do direito ao esquecimento nos âmbitos da lei nacional. Está acontecendo, durante o mês de Fevereiro, uma votação no STF que definirá, de uma vez por todas, se este é um direito compatível com a Constituição Brasileira. Por mais que aqui o direito que esteja sendo colocado em pauta se refira a fatos que ocorreram há muito tempo e como estes fatos podem ou não continuar a serem divulgados depois de um longo período, ela se estende e respinga fortemente em como a internet e as redes sociais irão lidar com esse tipo de dinâmica, uma vez que, caso o direito ao esquecimento seja considerado legítimo, isso poderá alterar uma série de políticas de remoção de conteúdo, por exemplo.

Tendo isso em mente, voltando ao principal “acusado” desse capítulo, que seria o Instagram, prevalece a pergunta: a intimidade que as pessoas escolhem compartilhar em suas redes sociais, deveriam ser atendidas pela lei do esquecimento, caso alguém julgue necessário? É

possível se deletar completamente dessa rede? Humildemente, tendo a acreditar que a resposta seja não e, honestamente, nesse caso, não sei se isso é um problema tão grande assim. Como bem pontuou Sérgio Branco, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio, atualmente “a novidade não é o erro, a novidade é o erro resistir ao tempo”. Então, em tempos de cancelamentos e tribunais virtuais, que olhemos para o nosso passado (que, sim, diferente das gerações anteriores, agora é mais facilmente “descoberto” e “relembrado”) com mais carinho, nos reconhecendo ou não, mas reconhecendo seu valor e aceitando seu lugar de erros cometidos e consequentes aprendizados no presente. O rompimento com o passado não pode e nem deve ser a única alternativa viável.

O USO DA TIPOGRAFIA NOS APPS E A *MORTE* *DA ADOBE*

Na era dos aplicativos de edição quase instantâneas, estaria enfim anunciada a morte dos softwares rebuscados da Adobe? O que isso significa, sob o ponto de vista do Design?

A democratização do acesso a ferramentas de design e edição de imagens/vídeos não deve ser vista, ao meu ver, como algo negativo, no sentido de “ameaça ao que é considerado o – velho – e bom design. Nem tudo surge como uma maneira de substituir o que já está consolidado.

Nos últimos anos, vimos a ascensão de aplicativos com recursos de design, de edição e de manipulação de imagens e vídeos, como é o caso do Tiktok, por exemplo. O objetivo deste excerto é tratar das implicações que essa instantaneidade, onde qualquer um pode atingir resultados que, muitas vezes, podem beirar o profissionalismo, pode trazer para o campo do Design e para a formação da cultura visual.

Assim, como mais um exemplo de aplicação voltada a esse objetivo

de democratizar/popularizar um design mais acessível, temos a plataforma *Canva*, que teve o seu número de usuários dobrado durante a pandemia²². O *Canva*, fundado pela australiana Melanie Perkins, é uma plataforma onde é possível encontrar os mais diversos formatos de templates editáveis, desde apresentações até banners e infográficos, por exemplo.

Agora é importante, para fins comparativos, trazer alguns números relevantes: enquanto o *Canva* possui um custo mensal de R\$34,90 por mês, seus concorrentes diretos *Adobe Illustrator* e *Adobe Photoshop* apresentam um custo mensal de R\$90,00 cada um, ou R\$224,00 pelo pacote Adobe completo. É uma diferença considerável, sem levar em consideração o nível de experiência/especialização necessários para a utilização de cada um.

Entretanto, é necessário ressaltar que o objetivo aqui não é, de maneira alguma, demonizar os softwares da Adobe – até porque neste momento eu mesma escrevo diretamente de um. O que é relevante nessa questão para o presente trabalho é compreender os motivos da ascensão desse tipo de recurso e quais as consequências que isso pode ter na formação de nossa cultura visual.

Para isso, voltemos ao ensaio sobre tipografia, na página 154. É possível perceber uma nítida padronização entre os diferentes *stories* apresentados. Mas o que essa padronização tem de relevante? Bem, cada vez mais, normatiza-se as imagens e consequentemente normatiza-se o olhar. Passando rapidamente pelas imagens, qualquer

pessoa poderia ter escrito qualquer uma das frases ali apresentadas, uma vez que elas se encontram na mesma tipografia e, na maioria dos casos, até na mesma cor. Não importa mais quem disse o que e muito menos o conteúdo da mensagem a ser passada. Esvazia-se a mensagem de sentido, uma vez que ela se torna apenas mais um ruído em meio a tantos outros iguais.

Outro ponto de vista interessante é pensar sobre o caso da tipografia Comic Sans, que foi recentemente adicionada à biblioteca de tipos disponíveis no *Instagram*. Por mais que ela seja uma fonte mundialmente difundida, ela não aparece em nenhuma das imagens presentes no ensaio, assim como no Tiktok ela não configura uma opção disponível e no Canva ela também não aparece nas listas de fontes sugeridas.

Existe um estigma ligado à Comic Sans e isso segue sendo comprovado pelo uso recorrente de tipografias modernas e sem serifa, como é o caso da Arial no Instagram, por exemplo. Enquanto a Comic Sans é associada à infantilidade, à informalidade e até ao mau-gosto, as fontes modernas passariam a ideia de seriedade e solidez. Mas o que isso tem a ver com a formação da cultura visual e com o destino fatídico da Adobe? Acredito que, cada vez mais, estamos vendo, mais uma vez, o meio definindo a mensagem e, mais ainda, sendo a própria mensagem. O que importa agora é quantidade e agilidade, principalmente nas redes sociais que são as principais orientadoras do olhar, e não existe mais a necessidade de se preocupar minuciosamente com a escolha da tipografia adequada – as prioridades são outras.

22. RUSSAR, Camila. A democratização do Design. Disponível em: < <https://www.investificar.com.br/unicornios-canva/#:~:text=Durante%20a%20pandemia%2C%20o%20Canva,Airlines%2C%20Hubspot%20e%20Warner%20Music.>>. Acesso em 8 de Fevereiro de 2021.

O INSTAGRAM COMO *MARCADOR SOCIAL* E O TRIUNFO DA *MERITOCRACIA*

Para discutirmos o tema deste artigo, gostaria de retomar o tema e essência maior deste trabalho – a máxima: posto, logo existo. Dentro de um contexto socioeconômico específico, o que significa ter que ser visto para existir ou, conquistar o direito básico de existência apenas através de uma visibilidade exagerada? O que o capitalismo e a meritocracia tem a ver com tudo isso?

Até agora, endereçamos a questão da perversão ordinária como sendo o elemento norteador da superexposição contemporânea, no sentido de projetar e ter sua imagem projetada pelo outro e para o outro. Agora, adiciona-se mais uma camada: a dimensão socioeconômica.

A jornalista Fabiana Moraes, do Intercept Brasil, nos explica com maestria:

“Em um país com uma profunda desigualdade social como o Brasil, ser visto também está relacionado a uma condição de ser cidadã ou cidadão. Ser alguém que não merece o limbo imposto pela invisibilidade – ou por uma visibilidade distorcida. É através da

tecnologia, das imagens, das redes sociais, que muita gente passa a existir, o que nos força a repensar a ideia, muitas vezes elitista, de que toda necessidade de aparição é um exercício egocêntrico, de exibição, de pura vaidade.”²³

Nesse sentido, é importante destacar, como exemplo, a figura do humorista Carlinhos Maia. Maia é originário de uma pequena cidade localizada no estado de Alagoas, chamada Penedo e vem de uma família pobre. Atualmente, Maia possui um total de mais de 21 milhões de seguidores no Instagram, e seu feed é lotado de imagens suas ostentando casas com piscinas enormes, carros caríssimos e viagens pelo mundo em praias paradisíacas. Mas, afinal, por quê isso se mostra relevante?

É importante compreender os mecanismos midiáticos que fizeram com que Carlinhos Maia “chegasse onde chegou” e como isso tudo, através do conteúdo visual que ele posta em seu Instagram, é responsável por afetar um grande número de pessoas que passa a considerar possível atingir a mobilidade social através da visibilidade desmedida. Novamente, nas palavras de Fabiana Moraes, serão “milhares de pessoas em busca de um lugar ao sol através das aparições nas redes. Gente que tenta não exatamente viver, mas viralizar.”

E é aí que mora o perigo: o Brasil é um país extremamente desigual onde a maioria da população vive com menos de um salário mínimo.²⁴ Nesse caso, não é surpreendente que ficar famoso na internet seja uma das opções mais interessantes para “mudar de vida”.

Entretanto, ao realizar esse tipo de movimento cada dia mais comum, como é possível perceber pela quantidade exorbitante de vídeos no

23 E 25. MORAES, Fabiana. Carlinhos Maia e o Instagram como meio perverso de superar a pobreza. Publicado no site do The Intercept Brasil, Janeiro de 2021.

24. O GLOBO. Mais da metade dos trabalhadores brasileiros têm renda menor que um salário mínimo. Outubro de 2019.

Instagram e no Tiktok e pelo número cada vez maior de pessoas tentando entrar em reality shows que garantam visibilidade a “pessoas comuns”, caímos na falácia da meritocracia, mais uma vez. Onde cada pessoa física converte-se em pessoa jurídica e está automaticamente disponível no mercado para ter sua imagem comercializada e rentabilizada, diluindo também os limites entre o que é de fato público e privado, além de conferir toda a responsabilidade de se “ter sucesso” a cada um, ignorando todo e qualquer contexto e dinâmica de poder (salários baixos, concentração de renda, falta de investimento público em saúde, falta de investimento público em educação) que opere por trás disso (que são os verdadeiros responsáveis pela desigualdade e pelas diferenças socioeconômicas).

Outro fator importante a ser levado em consideração no caso de Carlinhos Maia é que o que fez com que ele ficasse tão popular foi o fato de reconhecer seu lugar de pobreza e explorar a visibilidade desse lugar ao máximo, fazendo graça desse lugar. E assim, mais uma vez, voltamos à questão do espelho, do reconhecimento dos próprios desejos no outro, do “se ele consegue eu também consigo” – o que, essencialmente, teria tudo para não ser algo negativo, porém, “a percepção do sucesso apenas por mérito, comum entre celebridades, faz com que movimentos coletivos em busca da melhoria de uma vida também coletiva sejam esvaziados, desestabilizados – é cada um por si e o selfie contra todos.”²⁵ E ao explorar tanto a questão da pobreza como uma alegoria, acabamos esvaziando todo seu sentido, banalizando-a, e nos esquecemos de que no capitalismo não há espaço para que todos sejam Carlinhos Maias.

SOBRE O

PROJETO

GRÁFICO

Este trabalho começou a ser concebido durante o estopim da pandemia de Covid-19, em Março/Abril de 2020. Naquele momento, as ideias e pretensões para o trabalho consistiam em apresentá-lo na forma de um livro experimental impresso, nos moldes de um livro de artista. Entretanto, com o agravamento da pandemia, algumas questões tiveram que ser reavaliadas e agora o projeto encontra a sua versão final no formato digital, o que de certa forma faz jus ao tema aqui proposto.

Todavia, considero de extrema importância trazer, neste breve capítulo, as ideias iniciais para a concepção do projeto, pois elas traduzem e também fazem parte do processo de pesquisa e consolidação do trabalho.

Nesse caso, gostaria de trazer como destaque a capa. Para a capa, a ideia inicial foi uma capa completamente lisa, livre de qualquer palavra escrita, impressa em papel espelho – para que o verdadeiro “título” fossem as pessoas sobre as quais o trabalho tanto fala e expõe: eu, você e qualquer um de


nós. Assim, ao segurar o livro físico, o primeiro contato com a interface que a pessoa teria seria com uma imagem dela mesma. Dessa maneira, o sujeito entende e reflete – literalmente – sobre o seu lugar central e protagonista na obra, ao mesmo tempo em que se questiona do porquê de tudo aquilo. Logo em seguida surge a contracapa, apresentando o título em tipografia de cor branca, ainda buscando remeter à ideia de reflexo.


Pensando agora sobre o “miolo”, foi escolhida uma paleta de cores reduzida, com apenas duas cores para compor o projeto gráfico, uma vez que a ideia principal é o destaque para as imagens, que são a verdadeira linguagem definidora do trabalho.

As tipografias utilizadas são Helvetica Neue e Kepler, escolhidas pela simplicidade e pelo contraste que conseguem estabelecer quando utilizadas em conjunto.



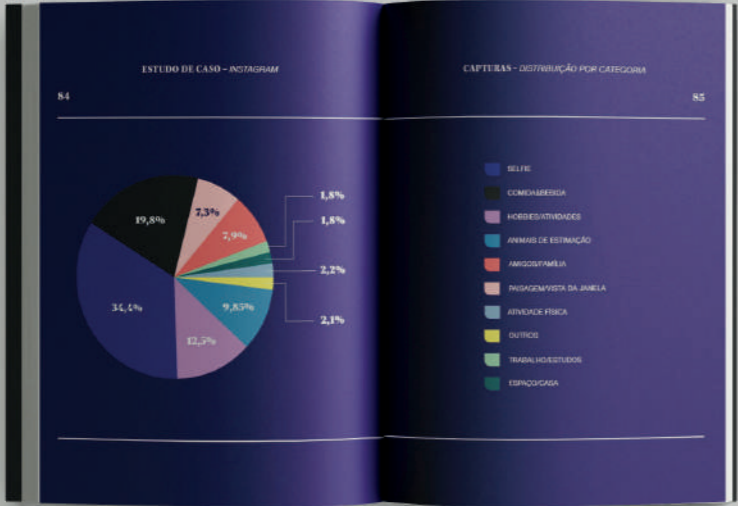


Mockup contracapa, Martina Flores, 2021. (Mockup disponible en: envato.com) 

Mockup lombada, Martina Flores, 2021. (Mockup disponible en: envato.com) 











CONSIDERAÇÕES

FINAIS

Ao longo de todo o percurso percorrido na presente monografia, nos deparamos com inúmeros elementos, contextos e fatores responsáveis por moldar, influenciar, formar e reformar nossa cultura visual da atualidade. Visitamos e revisitamos todo o percurso histórico da consolidação do conceito de intimidade, passando por mudanças de panorama econômico (o papel que teve a mudança da configuração do espaço domiciliar nisso tudo, por exemplo) e social, desde a Antiguidade, passando pela Modernidade e chegando agora na Pós-modernidade, na era das tecnologias como hoje as conhecemos.

Nesse sentido, consideramos que é impossível mensurar, efetivamente, o que (ou quem) exerce o papel mais determinante nesse jogo de exibição e de imagens e é mais impossível ainda prever, pensando em uma linha de evolução que é tudo menos linear, como será a estética da intimidade daqui a 10 anos, por exemplo. O que é possível sim de se afirmar (e este trabalho foi uma tentativa de demonstrar e comprovar este fato) é que essa construção estética é atravessada diretamente pelo Design e seus desdobramentos, uma vez que suas práticas são isentas de neutralidade e contribuem diretamente para sua conformação e reprodução. Assim, considerando as imagens aqui apresentadas, cada vez mais se faz necessário não apenas ver, mas ler essas imagens, para além de sua superfície – pois elas constituem um verdadeiro código de linguagem independente do texto, com um poder de alcance muito maior e mais profundo, considerando que a cultura visual é responsável por moldar/influenciar também os nossos comportamentos de maneira consciente e, majoritariamente inconsciente. Os elementos visuais assumem e assumirão cada vez mais o protagonismo na definição dos alicerces de nossa cultura

como um todo e é preciso entender de uma vez por todas que a crise (e, ousamos dizer, as crises que já foram e as crises que virão) não é, *também*, estética – muito pelo contrário, ela é **essencialmente** estética, antes de qualquer outra coisa.

O que fica é o desejo de que, em tempos de reprodução de padrões cada vez mais nocivos e escancarados, que ainda sejamos capazes de nos surpreender e de nos reconhecermos em nossas diferenças e singularidades, condicionantes de nossa existência enquanto seres (ainda) humanos.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁ –

FICAS

BEIGUELMAN, Giselle. Estéticas do confinamento projetam desejos de mudança e a revolta. Disponível em: <<https://www.select.art.br/coronavida-02/>>. Acesso em: 27 de Março de 2020.

BEIGUELMAN, Giselle. Imagens da mesmice: do banal ao radical. Revista Zum, [s. l.], 5 nov. 2018. Disponível em: <https://revistazum.com.br/colunistas/banal-ao-radical/>. Acesso em: 5 jan. 2021.

BRASIL. Decreto n. 13.709, de 14 de Agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Brasília, DF, 14 de Agosto de 2018.

CAFÉ DA MANHÃ. O direito ao esquecimento. Setembro de 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1x9x6qG2zHmB04XMJx-No7F>. Acesso em: Setembro de 2020.

CARDOSO, Oscar. Sorria... Você Está Sendo Filmado! Câmeras de Vigilância e Proteção de Dados Pessoais. Jus Br, [S. l.], p. p-p, 9 fev. 2021. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/86473/sorria-voce-esta-sendo-filmado-cameras-de-vigilancia-e-protecao-de-dados-pessoais>. Acesso em: 6 fev. 2021.

CIRIO, P. Street Ghosts, 20 Set. 2012. Disponível em: <<https://streetghosts.net/>> Acesso em: 30 de Março de 2020.

COLLINS, Phil. Free fotolab. 2004.

COTTER, Kelley. Playing the visibility game: How digital influencers and algorithms negotiate influence on Instagram. New Media & Society, Michigan State University, v. 21, 2018.

DUNKER, Christian. Reinvenção da Intimidade - Políticas do Sofrimento

Cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 320 p.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

IS There Really Such a Thing as Snapchat Dysmorphia?. Newport Academy, [s. l.], 8 out. 2020. Disponível em: <https://www.newportacademy.com/resources/empowering-teens/snapchat-dysmorphia/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DE LIMA, Mariana. A exibição da intimidade em meio à sociedade do espetáculo. Revista Rua, Unicamp, v. 1, p. 639 – 644, 2016. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/rua2/imagens/revistas/7/resenha/7.pdf>. Acesso em: 1 out. 2020.

MATTES, Eva e Franco. Riccardo Uncut. 2018. Disponível em: <<https://whitney.org/artport-commissions/riccardo-uncut>>. Acesso em: 27 de Março de 2020.

MATTES, Eva e Franco. The Others. 2011. Disponível em: <<https://0100101110101101.org/the-others/>>. Acesso em: 21 de Junho de 2020.

MORAES, Fabiana. Carlinhos Maia e o Instagram como meio perverso de superar a pobreza. The Intercept Brasil, [s. l.], 12 jan. 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/01/12/carlinhos-maia-e-o-instagram-como-meio-perverso-de-superar-a-pobreza/>. Acesso em: 6 fev. 2021.

OLIVEIRA, Rebeca. Efeito Zoom: chamadas de vídeo causaram boom na procura por plásticas. Jornal Metrôpoles, [s. l.], 22 nov. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/beleza/efeito-zoom-chamadas-de-video-causaram-boom-na-procura-por-plasticas>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PATER, Ruben. Políticas do Design. Título original: The Politics of Design. Traduzido por: Antônio Xerxenesky. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 192 p.

PRATA, Didiana. Imageria e poéticas de representação da paisagem urbana nas redes. Orientador: Giselle Beiguelman. 2016. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SIBILIA, Paula. O Show do Eu - A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. 360 p.

STEYERL, Hito. Proxy Politics: Signal and Noise. E-flux Journal , [s. l.], ed. #60, 9 fev. 2021. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/60/61045/proxy-politics-signal-and-noise/>. Acesso em: 5 jan. 2021.

Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem / organização Fernanda Bruno ... [et al.] ; [tradução Heloísa Cardoso Mourão ... [et al.]]. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2018.

TRINDADE, Rodrigo. STF julga hoje direito ao esquecimento no Brasil: o que está em jogo?. The Allure of the Selfie, [s. l.], 30 set. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/09/30/stf-julga-direito-ao-esquecimento-caso-aida-curi-x-globo.htm>. Acesso em: 1 out. 2020.

WARREN, Samuel; BRANDEIS, Louis. The Right to Privacy. Harvard Law Review, Boston, v. IV, n. 5, p. p-p, 15 dez. 1890. Disponível em: <http://faculty.uml.edu/sgallagher/Brandeisprivacy.htm>. Acesso em: 6 fev. 2021.

WENDT, Brooke. The Allure of the Selfie: Instagram and the new Self-Portrait. Amsterdam: Network Notebook, 2014. v. 8.

ANEXO 1

ENTRE –

VISTAS

1. COMO VOCÊ SE SENTIRIA EM SABER QUE ALGUM DESCONHECIDO
“PRINTOU” UM STORIES SEU?

“dependeria do conteúdo do story, mas provavelmente intrigada/assustada, mas no meu caso não aconteceria pq eu fecho o insta” (B, F.)

“Depende do storie, se fosse algo pessoal eu ficaria meio desconfiado.. mas se fosse alguma informação útil eu acharia massa o print” (M.)

“Amiga eu não sei nem como responder isso! Mas acho que não dá pra se sentir invadida porque meu stories é público. Mas talvez eu me preocupasse em saber quem é e por qual motivo” (C, C.)

“dependendo do stories acharia ok, se fosse de alguma marca/empresa que eu comprei e marquei, ou se fosse algo de decoração pra inspiração ou até de gato ok pq eh fofo e as pessoas querem mostrar pra outros... mas se fosse algo mt mais pessoal tipo uma selfie ou uma reclamação da vida ou seila, ia achar bem estranho, sepa até bloquearia kkkk” (T, P.)

“Acho que depende muito storys, levando em consideração que a gente nunca tem controle do que a gente bota na internet ne, mesmo que apague, “continua” lá, meio que se perde. E também tem a questao da gente meio que sabe que tem essa possibilidade quando deixa a conta aberta. Mas acho que eu me sentiria muito desconfortavel se fosse principalmente algo da minha cara sl, que eu n saberia o que a pessoa fosse fazer” (B, M.)

“Oi Marti, sentia muito mal mesmo. Por isso também tenho o Instagram privado para controlar um pouco quem pode ver as minhas coisas ou não” (P, L.)

“Depende do story e da intenção, mas se não for nada demais, tô suave, tá na internet não tem o q fazer, tem q tomar cuidado com o q posta” (S, V.)

“Eu ia ficar DOIDA mas ia achar que foi acidental pq meu celular tbm printa umas coisas aleatórias sem querer as vezes. Também depende do que o post se trata...” (K, L.)

“É uma pergunta difícil. Eu ia tentar descobrir o pq a pessoa fez isso. Se for um motivo ok, tranquilo. Se for para algo ruim, denunciaria” (B, I.)

“Depende, se for alguma informacao ou meme tudo bem, mas se for alguma foto pessoal/com amigos, ficaria assustada” (C, J.)

“Acho que depende do conteúdo do story, miga. Se for algo útil pra pessoa.. eu tiro print quando alguém posta sobre algum produto que eu tenho interesse , por exemplo. Pra guardar. Mas se fosse uma foto ou vídeo meu, eu ia me sentir desconfortável com certeza..” (L, C.)

“Iria ficar pensando no motivo dele ter printado (se foi pq gostou ou pra zuar)” (H, G.)

“zero problema” (G, R.)

“curiosa pra saber o motivo mas nada demais” (R, C.)

“Não me importaria, acho que se eu cheguei a postar é pq realmente não ligaria” (P, J.)

“Curiosa pelo motivo kkk” (F, A.)

“Meu insta é fechado então não tenho essa preocupação” (P, A. C.)

“Mal. Fecho o perfil por causa disso, nunca se sabe quem vai ficar acessando a nossa informação, mesmo que seja conteúdo inocente” (S, C.)

“basicamente invadida se fosse um homem, mas me sentiria elogiada se fosse uma mulher kkkk “ (R. A.)

“não me incomoda” (C, J.)

“Curiosa” (O, B.)

“Depende muito do tipo de story, mas no mínimo curiosa ficaria kkk mas com o insta bloqueado nenhum desconhecido teria acesso” (G, C.)

“Com medo” (R, T.)

“Depende do conteúdo do storie” (L, K.)

“se fosse um stories informativo, ok. se fosse uma selfie, bizarro” (Z, B.)

“Pessoalmente não vejo problema nisso. Há algum tempo me coloquei sob a perspectiva de que o que posto em storie está sucestível a essa ação e portanto posto sob essa ótica. Também, pessoalmente, não tenho problemas com as exposições realizadas no Instagram pois são paralelas ao que exponho na vida real. Por conta disso, talvez, a ideia de “eternização” e exposição de meus stories por outro não incomodam. Mesmo se acometidas de modificações de terceiros.” (V, V.)

“curiosa, mas nada além disso pq como meu perfil ta aberto qualquer um pode ver... mas tbm se fosse fechado e alguém que eu conheço tirasse

eu talvez perguntaria pra pessoa o motivo kkk n sei” (A, L.)

“Acho que não teria problema, porque eu normalmente sou muito poético nas meus stories kkkkkkk então que legal, e mesmo utilizando desse meio de comunicação pra ser bastante vulnerável e honesto com meus sentimentos, eu me aproveito dessa linha cruzada pra poder ser vulnerável mas comunicando a fina flor de um jeito superficial. No fim quem me conhece pega a mensagem, quem não conhece passa batido, então tudo certo o print de estranho kkkkkk” (G, D.)

“Depende do conteúdo desse storie, acredito que se fosse algo relacionado a informação, ficaria contente pela possibilidade de disseminar essa info justamente. Porém se fosse algo pessoal, selfie, etc sentiria medo e acredito que um pouco invadida.” (M, C.)

“bem desconfortável. um dos motivos de eu ter insta privado” (S, B.)

“Depende do stories. Algo de trampo: famosa, lisonjeada. Algo pessoal: quem é essa stalker? “ (N, O.)

“Eu ia ficar com um pouco de medo, não ia gostar não... Mas é doido pensar que talvez isso aconteça né, já que meu perfil é aberto tals. Quando vem um perfil nada a ver responder coisa minha eu já acho bem estranho” (A, J.)

“depende do story e da intenção.. mas acho que ficaria surpresa” (C, S.)

“Ficaria feliz” (R, M.)

“Depende do story, mas no geral não me afeta mto...” (C, L.)

“Invadida, talvez até assediada dependendo o contexto” (P, A.)

“Dependendo do stories eu ia ficar meio ansioso.” (B, J. V.)

“Preocupada” (D, I.)

“Depende do story... Eu não compartilho muita coisa da minha vida, então não me sinto muito exposta, principalmente agora que tranquei o ig. Ia achar um pouco estranho, mas já fiz isso por diversos motivos, seja porque eu achei a música que tava tocando interessante, ou porque queria ir naquele lugar também, enfim...” (N.)

“Acho que normal, por ser metade pessoal e metade artístico” (K.)

“Me sentiria invadido de alguma forma. Se postei nos stories era pq imaginava que o conteúdo fosse efêmero. Por exemplo, se postasse no feed eu me incomodaria menos se virasse público” (B, V.)

“Seria uma situação desconfortável, mas como a minha conta é aberta, eu tento encarar as coisas que eu posto aqui como públicas (já respondendo à pergunta seguinte). E também sempre achei perigoso pensar que as coisas que postamos nos stories vão simplesmente desaparecer em 24h. É complicado, porque falar assim é normalizar essa perda de controle sobre os nossos dados. Mas considerando que a conta desbloqueada já se torna um fator que limita o que eu exponho aqui, eu confesso que ficaria menos preocupado do que deveria.” (V.)

“não sendo stories de melhores amigos, a maioria deles eu não me incomodaria, desde que o print não tivesse fins de me atingir de alguma forma” (G.)

“Vai depender mto do conteúdo do stories. É da intenção do sujeito” (F, J.)

“Ficaria curiosa para entender o porquê do print. Claro que o “desconforto” por assim dizer varia de acordo com o que foi postado. Um texto sendo printado não incomodaria tanto podendo até dar uma sensação de valorização do que foi escrito mas uma foto de biquini por exemplo poderia causar um grande desconforto ao ser printada por um estranho.” (M, N.)

“Dependeria muito do que elx teria printado, se fosse algo não relacionado diretamente a mim (alguma musica/ postagem que eu compartilhei) seria tranquilo, mas se fosse algo com minha imagem eu ficaria meio ?????” (J.)

“depende do conteúdo do story. se for uma foto normal minha/de amigas/família eu ficaria meio incomodada sem saber onde sobre iria parar essa foto. mas no geral, como foto de comida, animais, paisagens, texto etc eu ficaria feliz provavelmente, por ter atingido alguém de alguma forma. até se fosse uma foto minha/de amigas de maquiagem diferentona ou looks, acho que se encaixaria nisso tb.. pois eu mesma ja tirei prints pra usar depois de inspiração. mas pensando de uma maneira geral sobre qualquer possibilidade de print, eu ficaria mais lisonjeada do que preocupada/com medo/raiva. pelo menos pensando no meio em que vivo.” (B, M.)

“Eu ia ficar meio “eitaaaa”, se fosse homem eu ia dar uma estranhada tipo MANO Q Q VC TA ME PRINTANDO, BROTHER, Q Q VC VAI FAZER COM ISSO. Mas se fosse mulher, eu ia ficar bem sussa tipo “ah, curtiu o que eu posteí, sei lá, não é como se eu nunca tivesse printado algo pra guardar de referência ou mostrar pra alguém pq achei top demais etc”...” (C.)

“Ia querer saber o motivo caso o print seja de alguma foto minha” (A, T.)

“De boa” (T, D.)

“Se colocar a referência tudo certo. E se não for um storie do “close friends”. ” (F, M.)

“respondeni, ficaria de boa a não ser que a pessoa estivesse levando crédito por algo que fiz ou criticando negativamente” (G, L.)

“ah, né. invasivo. estranho, depende do que seria o conteúdo tb” (L, L.)

“Curiosa em saber porque um desconhecido se interessaria pelo meu storie” (C, S.)

“ficaria curiosa pra saber o motivo” (P, L.)

“Acharia estranho kkk” (M, M.)

“Depende do story, se fosse divulgando uma receita, ou um evento (ou outra coisa que as pessoas possam querer guardar) ok, mas se fosse algo mais pessoal, principalmente minha cara, acharia beeem estranho” (B, C.)

“me sentiria muito exposta! seria ótimo se desse pra ver isso na verdade” (H, M.)

“Acho que depende do story, se fosse algo que contivesse alguma foto minha eu ficaria bastante incomodada, mas se fosse algum conteúdo alheio que eu estivesse compartilhando eu acharia ok” (T, M.)

“Vai depender muito do conteúdo disponível, se for algo informativo, onde é legal disseminar o conteúdo, ok! Se for algo pessoal, ou até imagens profissionais, aí já não acho tão ok, vai depender em que a pessoa vai usar aquela imagem!” (B, J.)

“Depende do story! Se fosse algo do tipo uma referência compartilhada etc acharia ok, mas se fosse uma foto minha acharia meio bizarro, ficaria incomodada” (T, S.)

“invadido, num primeiro momento” (J, M.)

“desconfortavel” (A, J.)

“eu acharia um pouco estranho, amedrontador” (F, M.)

“Pode responder xingando? Kkk ficaria desconfortável” (T, R.)

“Resposta 1. Invadida porém conformada, afinal deixo tudo aberto.” (R, A. C.)

“Ah depende do stories. Se foi uma de conteúdo, que eu compartilhei algo, tudo bem. Mas, se for algum stories que eu mostrei meu corpo ou foto da minha cara msm, eu ia me sentir um pouco invadida!” (C, M.)

“Primeiro que eu provavelmente nao tenho desconhecido pq meu insta é bloqueado hahahaha mas tipo alguém que eu nao falo quase nunca ou realmente so vi uma vez e nunca conversei, eu ia sentir q a pessoa vai falar mal de mim p algum amiguinho kkkkkkkkkk” (F, L.)

“Bem desconfortável! Antes eu privava minhas redes, mas como também divulgo meu trabalho por aqui tive que manter aberto pra todo mundo, o medo é maior ainda.” (A, G.)

“chocada. o resto ia depender do stories, se fosse um q eu postei bebida provavelmente ia me sentir exposta, de resto ia achar legal” (S, V.)

“Depende do storys, se fosse uma foto/uma selfie minha acho que me sentiria estranha. Se fosse algum conteúdo/informação acho que ficaria feliz se fosse útil pra pessoa, a menos que ela usasse sem me dar os créditos” (M, M.)

“me sentiria desconfortável??? até trancaria meu instagram” (L.)

“Estranho. A primeira pergunta que eu faria a mim mesmo seria o porquê disso e, logo em seguida, iria checar qual story foi, para saber se há algo comprometedor e/ou controverso.” (G)

“Acharia ok! Ficaria curioso de saber porque só kkkk” (R.)

“Talvez indiferente, mas com certeza teria curiosidade de fuçar no perfil da pessoa. Variando o contexto, sei lá, pode ser que eu fique feliz ou desconfiado.. meio difícil saber sendo hipotético hahaha” (O, P.)

“de boa pq eu printo o de todo mundo (tenho q parar inclusive)” (M, M.)

“Feliz” (L, M.)

“Me sentiria curioso” (A, M.)

“Confusa, dependendo do que fosse o story. Mas acho q vou começar a

pensar depois dessa pergunta” (M, A.)

“Acho que com medo, haha” (B, O.)

“Nem ligaria” (T, C.)

“Desconfortável.” (F.)

“Eu ia achar estranho, mas sempre que posto alguma coisa na internet já tô consciente que qualquer um pode ver (bem intencionado ou não) então tomo cuidado” (V, E.)

“Incomodado.” (G, L.)

“Ficaria curiosa/preocupada” (H, S.)

“Curioso, porém com certo entusiasmo, porque falem bem ou falem mal, falem de mim!” (D, G.)

“desconfiado” (@onlysadreactionsallowed)

“Ah depende, se for um story com foto minha ou algo do tipo, ficaria com um pouco de medo e curiosa do porque” (J, J.)

2. QUANDO VOCÊ COMPARTILHA ALGO NOS SEUS STORIES, VOCÊ PENSA NO ALCANCE QUE ISSO VAI TER?

“Eu posto pra todo mundo mas na verdade é como se estivesse falando com os amigos mais próximos, não sei hahahahaha. Ou quem eu conheço na vida real, já que tem pessoas que me seguem que não sei quem são”

(C, C.)

“era sim!!! kkkk pq muitas vezes a gente deixa de postar alguma coisa por conta de familiar distante tb” (B, C.)

“Hoje sim, mas só depois que uma pessoa bem aleatória do trabalho comentou sobre e fiquei bem assustada. Depois disso bloqueei o Instagram e penso bastante antes de postar alguma coisa, já deixei de postar muito também que normalmente já era pouco.. uso também o melhores amigos pra quando não quero que muitos vejam” (G, C.)

“A resposta mais certa é depende lkkk agr tô pensando mt em alcance pra pensar em ciberativismo, mas coisa minha assim n penso” (A, J.)

“nunca penso que o alcance será maior que a média de seguidores que geralmente assiste os stories. eu geralmente gostaria que atingisse mais do que isso, não me incomodaria. penso bem no que posto, antes de postar” (G.)

“Se for algo informativo, compartilhamento de notícias, talvez sim” (A, T.)

“Alcance em termos de número apenas ou de quem vai alcançar? Acho que penso mais em quem, não em quantidade” (B, C.)

“Acho que depende, mas acho que nunca fica com expectativas, mas tipo, não postaria um nudes por medo disso” (M, M.)

3. QUANDO VOCÊ COMPARTILHA ALGO NOS STORIES, DA SUA VIDA, VOCÊ CONSIDERA A RELAÇÃO DE INTIMIDADE QUE VOCÊ TEM COM AS PESSOAS QUE TE SEGUEM?

“sim, não coloco nada relacionado a meus pais/avós” (G, R.)

“Hoje eu penso rs (se isso ajuda vc). Depois de pensar mais sobre o assunto e sobre o alcance da internet fiz um “filtro pessoal”. Uns anos atrás eu era mais irresponsável.” (O, B.)

“Pela mesma resposta da pergunta anterior, hoje sim” (G, C.)

“sim e não tbm, não sei as vezes eu posto umas coisas nos stories e qnd vou ver quem viu fico nossa não queria que essa pessoa visse kk” (Z, B.)

“Depende se for nos melhores amigos ou não, como deixou em aberto, pensei no geral” (D, I.)

“sim. evito um excesso de exposição àqueles com quem não tenho certa intimidade – nesse caso, uso o melhores amigos. não posto nada comprometedor, mas considero a relação que tenho com quem irá assistir” (G.)

“Eu considero o nível de intimidade com as pessoas que me seguem antes de postar algo. E esse nível é quase 0, na maioria dos casos. Então eu acabo postando só as coisas que que na hora parecem fazer sentido nesse contexto. Eu acho meio triste isso tudo, mas é acaba sendo uma forma de se proteger pelo menos o mínimo que a gente consegue” (V.)

4. COMO VOCÊ SE SENTIRIA VENDO UM STORIE SEU EM UM LUGAR DE GRANDE ALCANCE? EX: PROJETADO EM ALGUMA EMPENA DE PRÉDIO, PUBLICADO EM UM LIVRO, ETC

- “Desconfortável” (M, B.)
“acharia interessante porque as coisas que eu publico fora dos meus melhores amigos podem ter um alcance maior, eu nao ligaria porque não exponho nada muito pessoal pra tanta gente” (B, F.)
- “Se fosse meu trabalho acharia massa kkk” (M.)
- “Acho que eu ia morrer de vergonha” (C, C.)
- “que estou vivendo num só black mirror credo” (T, P.)
- “acharei legal se fosse algo relevante, que ajudaria alguém ou mostraria algo importante pras pessoas” (B, M.)
- “Sentia me demasiado exposto, não gostava nada, porque gosto muito da minha privacidade, daí também raramente postar alguma coisa” (P, L.)
- “Se fora algo relacionado a minha arte ia achar bem loko” (S, V.)
- “De novo, depende do story e se foi autorizado ou não, mas ia achar chique demais” (K, L.)
- “Vai muito na questão de consentimento, se teria minha permissão. Porque ao compartilhar o storie, compartilho numa rede de amigos então acho q precisa chegar e perguntar se pode ou não, se eu permitisse ia ficar ok ainda falaria “CARALHO LINDONA NA PUBLI”” (A, L.)

- “Orgulhosa” (B, I.)
- “Acharia legal, mas teriam que me falar a proposta antes” (C, J.)
- “Depende do conteúdo” (P, G.)
- “Seria algo muito inusitado pq eu não acho que tenho um grande alcance e relevância no Instagram” (H. G.)
- “se não foi algo planejado, ligeiramente incomodado” (G, R.)
- “depende do assunto mas talvez fosse legal” (R. C.)
- “Ficaria com receio da exposição” (P, J.)
- “la achar estranho, ninguém liga tanto assim pro meu skin care ou pro meu gato dormindo hahahahaha” (P, A. C.)
- “Puts, depende muito de qual storie. Mas não tenho me sinto a vontade, uma vez que não são públicos” (S, C.)
- “envergonhada, acho, pq basicamente passo vergonha no story “ (R, A.)
- “acho que eu ia rir” (C, J.)
- “Depende do conteúdo desse storie. O que me faz pensar que o meu filtro ainda não tá apurado” (O, B.)
- “Acho que mesmo que fosse uma foto x de paisagem, por exemplo, incomoda o fato de não perguntaram antes de usar a foto, mas seria

irrelevante ou feliz porque “Que legal que tirei uma foto bonita”.. foto minha, super invasivo” (G, C.)

“Brava (R, T.)

“Indiferente. Eu tento filtrar o que vai para a internet, por mais que isso seja difícil hoje, tento manter minimamente minha privacidade começando por só permitir que vejam meus conteúdos de redes sociais pessoas que eu conheço. Não aceito pessoas estranhas.” (@L, K.)

“ia achar legal mas não ia entender o pq kkk” (Z, B.)

“Acho que dependeria muito do intuito da exposição. Por mais que entenda e assuma que stories postados estão à deriva e suscetíveis à ação de terceiros isso não impediria de que me sentisse triste, ansiosa e ou até arrependida se a exposição fosse afim de me difamar ou danar ou ainda que compusesse campanha de ideologias das quais não partilho. Do contrário, acredito que me agradaria.” (V, V.)

“acho q feliz pq de alguma forma aquilo causou algum impacto mesmo sendo uma pessoa comum, q difícil ahahahahaha” (A, L.)

“Eu acho de boa, tipo, é um canal público né???? Aquelas bem provocando discussões” (G, D.)

“Acredito que depende do conteúdo justamente. Não sou de fazer vídeos etc ,mas se fosse algo informativo, apesar do desconforto, seria ok. Se fosse algo pessoal acredito que seria um sentimento bizarro de exposição.” (M, C.)

“se a intenção dele não fosse ser publico eu ia me sentir bem invadida. agora se fosse por ex um stories no meu insta de desenho ia achar legal.” (S, B.)

“Tranquilo. Meu Instagram é aberto, não vejo diferença” (N, O.)

“Se for um stories legal eu ia achar massa, mas se for alguém me expondo eu ficaria bem mal. Acho importante sempre pedir autorização porque a gente não sabe NADA da vida das pessoas” (A, J.)

“de novo depende do story mas ficaria muito surpresa e talvez com medo” (C, S.)

“Ficaria surpresa na verdade. Não acredito que o que eu compartilho seja algo que mereça tanto alcance” (R, M.)

“Me sentiria mal se ninguém me avisasse antes” (C, L.)

“Se fosse sem minha autorização eu ia ficar muito triste/chateado/ansioso.” (B, J. V.)

“Se fosse com a minha foto ia meter um processinho” (F, A.)

“la ser muito louco hahaha, eu já acho meio engraçado o número de gente que vê meus stories, considerando que eu vejo o de poucas pessoas, acho... Acho que não ia gostar, mas eu sempre tive esse problema de ser conhecida (é algo que eu penso desde criança)” (N.)

“Se fosse alguma besteira idiota eu ia ficar envergonhado, se fosse algo que faz a diferença positivamente pra quem eu ia ficar orgulhoso” (K.)

“Me sentiria orgulhoso, caso fosse motivo de algum mérito. Já encontrei numa revista zum um print de um Tweet de um amigo. Ele não sentiu nada muito de especial, pq era tão aleatório e banal. Era um conjunto de postagens que compartilhavam uma fotografia específica (#historiasemgraca)” (B, V.)

“e creditado, me sentiria orgulhoso. Se não creditado, revoltado e tentaria de tudo pra que fosse dado o crédito (D, L.)”

“generalizando e em teoria, desconfortável. acho que depende do conteúdo, onde foi divulgado, e por que foi divulgado” (G.)

“Vai depender mto do conteúdo exposto. Acredito que não ligaria pelo simples fato de eu já estar expondo isso a público. Porém dependerá se será usada para ridicularizar, aí eu ficaria bem putinha kkkk” (F, J.)

“Acredito que o sentimento vai muito do que foi compartilhado e se essa disseminação do conteúdo é positiva. Uma coisa muito importante é dar crédito a quem produziu aquele conteúdo. Não só no instagram, mas na internet no geral as pessoas acham que é terra de ninguém e que as coisas surgem por mágica. Eu mesma em várias ocasiões fui atrás de quem produziu o texto , o desenho , o vídeo para creditar quem criou o conteúdo. Sinto até que muitas vezes as pessoas não dimensionam a importância de creditar o criador. Hoje o instagram é uma ferramenta de trabalho para muitos e quando alguém posta alguma coisa e não marca quem criou , ela está tirando o reconhecimento que aquela pessoa poderia ganhar. Lembro de duas situações em que desenhos estavam sendo compartilhados em massa e nas duas ocasiões ainda que tivesse o @ das pessoas que criaram escrito na arte, ninguém mencionou -propriamente

falando- as criadoras. Eu fiz questão de marca-las.Uma encontrei no face e depois consegui acha-la aqui.” (M, N.)

“Muito exposto dnsmdjakak, de maneira negativa, porque geralmente eu sei mais ou menos quem me segue, e a relacao dessas pessoas com o que compartilho” (J.)

“Seria extremamente desconfortável também, ainda mais para uma pessoa tímida como eu, porque o alcance seria muito maior do que o esperado, e o alcance também entra na equação quando decido postar algo. Mas, novamente, ficaria menos preocupado do que deveria, pelos mesmos motivos da resposta anterior.” (V.)

“se tiverem usando esse conteúdo de maneira positiva, eu ficaria feliz. caso contrário, ficaria devastada” (B, M.)

Eu me sentiria ok, pq eu só posto msm aquilo que eu acharia ok qqr pessoa msm vendo, desde a minha avó até um desconhecido, então n teria problemas com isso. Mas eu acharia mto daora a forma que tá sendo veiculada e tals, pq gigantesca e tals.” (C.)

“Se houvesse aprovação minha e dependendo da intenção, seria viável” (A, T.)

“Fico pistola mas tbm penso se realmente foi uma influência minha oi de outra pessoa” (T, D.)

“Não acharia bom se fosse algo pessoal. Apenas se fosse o um trabalho artístico” (F, M.)

“feliz, pq sempre quis que vissem meus trabai e arte, e valorizassem o q faço, e ter gente q acompanha” (G, L.)

“depende do conteúdo, mas acredito que não ligaria pois só compartilho coisa q me sinto confortável” (L, L.)

“Seria bem bizarro” (C, S.)

“com vergonha so posto abobrinhakkskskk” (P, L.)

“Muito legal, pena q n posto nd de interessante” (M, M.)

“Depende do local também hahaha acho que projetado numa empena não preocuparia tanto, apesar da exposição segue sendo algo efêmero. Num livro já mudaria o caráter, eu pensaria duas vezes.” (B, C.)

“meu perfil é bloqueado, então acho que dificilmente aconteceria. mas se fosse aberto eu provavelmente postaria menos coisas da minha vida pessoal nos storiws e mais conteúdos que eu não me importaria de terem esse alcance” (H, M.)

“Se fosse algo que foi combinado tranquilo, acho que só me sentiria mto mal se fosse algo que eu não concordei, autorizou” (T, M.)

“lisongeados” (J, M.)

“sem o meu consentimento iria pra justica kakakak” (A, J.)

“ficaria impactada” (F, M.)

“Se for feito sem autorização, ia ficar muito puta da vida” (T, R.)

“Gostaria, se o conteúdo fizer sentido, claro.” (R, A. C.)

“MISERICÓRDIA hahahahahahaha. Eu ia me sentir exposta e com medo. Mas, se fosse um post legal, não teria problema. Post legal e de conteúdo.” (C, M.)

“Iria sentir q eu fiz alguma coisa interessante q mereceu ir pra um livro, orgulhosa” (F, L.)

“Acho que me sentiria invadida, e com medo” (A, G.)

“Acho que dependeria do tipo do story e do propósito. Se fosse pra alguém me expor, me sentiria mal, mas se fosse pra mostrar algo legal aí seria legal” (M, M.)

“depende do storie, se for algo aleatório, não me incomodaria, mas vamos supor: uma foto minha, aí eu me sentiria puta e desconfortável” (L.)

“Ficaria desconfortável, porque quando posto sei que o número de pessoas é limitado e nem todas veem, ou seja, tenho uma sensação de segurança por ter um “controle” sob quem pode ver meus stories (pq minha conta é privada). Acredito que a exposição advinda da projeção e os julgamentos posteriores não me deixariam em paz.” (G.)

“Ficaria bolado” (R.)

“ansiedade, pânico, arrependimento imediato de um dia ter entrado em redes sociais” (M, M.)

“Estranho horrível” (L, M.)

“Me sentiria um pouco preocupado com relação ao uso que seria feito com o story, mas ao mesmo tempo ficaria curioso em ver esse deslocamento.” (A, M.)

“Dependendo do que eu compartilhei, acho q muito bem. Na real acho q eu me sentiria bem pq eu n posto muitas coisas muito pessoais” (M, A.)

“Sem sentido, porque eu não publico nada super relevante” (B, O.)

“Dependendo do que fosse me sentiria bem” (T, C.)

“Depende, se fosse um storie sobre uma opinião política, acho q ok. Porém, se fosse projetado uma imagem minha e q eu não compreendesse o propósito da exposição, ficaria incomodada.” (F.)

“la achar bizarro mas ok hahahaha ia ficar mais preocupada em descobrir se ele foi descontextualizado e inserido em algo ofensivo ou discurso de ódio. Principalmente depois de ter rolado essa lista antifacista por ai... Algumas pessoas extremistas estão procurando gente diferente delas para odiar e atacar. Minha conta era aberta até tipo um mês atrás, aí fechei agora” (V, E.)

“Não ia entender nada kkkk se não fosse em algo que de alguma forma “suja-se” minha imagem, eu ia rir, e querer receber os direitos de uso da minha imagem. Porém, se fosse algo pejorativo eu processaria, (e também ia querer receber os direitos de uso da minha imagem)” (G, L.)

“Como sou uma pessoa invisível, sem grandes pretensões com essa rede eu acharia super bizarro e me sentiria desconfortável” (H, S.)

“Feliz pela divulgação, claro, mas intrigado” (D, G.)

“invadido e com raiva” (@onlysadreactionsallowed)

“Ai que difícil essa. Mas no geral me sentiria “honrada” digamos assim, feliz em ver algo meu sendo passado como uma coisa importante” (J, J.)

5. VOCÊ (QUE TEM CONTA ABERTA/DESBLOQUEADA) CONSIDERA O CONTEÚDO POSTADO NOS SEUS STORIES COMO SENDO ALGO PÚBLICO?

“Inclusive meu perfil está recentemente público mas eu bloqueio quem eu não conheço e me segue” (P, G.)

“Considerava até certo ponto, sim” (N.)

“Sim mas não tanto quanto o feed. O storie seria um semi-publico. Ou um publico-restrito” (D, L.)

6. O QUE TE FAZ DECIDIR ENTRE POSTAR ALGO OU NÃO? QUAIS SÃO AS BARREIRAS/LIMITES PRA VOCÊ?

“Eu não finjo ser o que eu não sou. Se eu posto qualquer coisa que seja, por mais bizarro que possa parecer, eu gosto de passar a imagem de quem eu sou de verdade. Não faço ou posto nada que não seja de acordo com a minha conduta, a plataforma é uma extensão de mim, não uma mentira sobre quem eu sou” (C, C.)

“só posto coisas felizes ou bonitas, porque uso o Instagram mais pra registro de memórias e sempre revejo o feed e arquivo de stories! mas não ligo se vai ter like ou essa merda chata toda” (T, P.)

“Putzzz. mt complicada essa pergunta amg kkkkk mas acho que as primeiras coisas que vem na minha cabeça sao familia e trabalho. Sei que tem coisas que precisam ser filtradas por questoes de cada um, nao pq tem que ser, mas pra as vezes nao gerar um conflito desnecessario e tb acho que é por isso que teve um boom que todo mundo tava criando dix e tb, o trabalho, pq muitas vezes, principalmente na nossa area a gente usa mt o instagram como uma especie de portfolio mesmo” (B, M.)

“Se for algo q vejo que não me possa afetar de alguma maneira no futuro e q não expõe muito a minha vida partilho se for algo mais privado, partilho só para os amigos chegados” (P, L.)

“Não gosto de expor muito minha vida pessoal, mantenho essa rede pra minha arte, mas acho q de certa forma a arte é muito pessoal TB, e artista é um filtro da realidade própria então acaba sendo pessoal tb” (S, V.)

“Primeiro penso se esse post pode ou não machucar alguém, ou se pode ser interpretado de formas que eu não gostaria, se estiver tudo bem, eu posto.” (K, L.)

“eu penso bastaaaaante. mas sempre posto story por impulso e depois apago. faço isso quase sempre. quem viu, é pq passa muito tempo aqui.” (H, I.)

“Agressão virtual é uma barreira. Compartilhar uma informação que me foi mto útil e pode ser pra outros é uma motivação. Outra barreira q já senti

e já conversei com minhas amigas sobre foi a agressão entre mulheres. As vezes postar uma foto biscoitera gera uma competição inconsciente por mil e um fatores q tamo ligada. Aí, qnd posto eu penso: será q tô me achando demais? Certeza q alguma mina vai achar zuado. Homens tanto faz na real. Se contentam com qualquer coisa e fodasse tmbm. Mas já escutei de amigas minhas em um tom meio debochado q eu me amo demais kkkk eu fiquei??? Ué Essa competição feminina é algo q me Barra de postar ou então postar só nos melhores amigos. Outra graaaande barreira q tem a ver com a agressão é opinião política. Mesmo com pessoas com visão parecida eu sinto q ninguém tá afim de dialogar e tá mais afim de achar algo q não concorda dentro do meu discurso e disseminar pequenas doses de ódio. Qnd na maioria das vezes somos duas pessoas com opiniões políticas muito semelhantes” (G, N.)

“Barreira: auto estima UAHUHA” (A, L.)

“Por incrível q pareça eu n penso muito nisso. Se acho algo interessante, eu reposto. Se é algo que vai me fazer sentir bem, eu posto. Algo muito pessoal, n vejo necessidade em postar. Acho q há um limite entre se expor e se preservar, ou guardar para si. Sua família, namorada.” (B, I.)

“Se for meme/musica conteudo “livre” eu posto pq quero q os outros descubram algo legal tb. Se for selfie só posto se to bem comigo mesma” (C, J.)

“Bom, acho que primeiramente eu penso se gostaria que muitas pessoas vissem aqui. Acho que uma das funções do Instagram é fazer as pessoas se conectarem então acho que isso de você poder acompanhar a vida de um amigo ou familiar, é muito legal. Acho que grande parte do que eu posto é nesse sentido, parece que a gnt fica mais próxima das pessoas

que acompanhamos no insta. E claro que também é um marketing pessoal né. Você querer postar uma foto bonita sua pras outras pessoas verem, ou então divulgar seu trabalho...” (L, C.)

“Raramente posto coisas nas redes sociais, mas meus limites são coisas que podem me prejudicar de certa forma ou me expor demais, como por exemplo divulgar dados sensíveis, endereço etc até uns meses atrás, era se aquilo podia ser relevante pra alguém, por isso não postava nada kkkkk mas como aqui é a rede social de imagens, da fofoca etc, vejo a é necessário postar coisas da vida mesmo, que não necessariamente precisam ter alguma utilidade” (G, R.)

“penso se pode fazer mal a alguém de algum jeito e se acho que não e que o assunto é útil e vale a pena de ser compartilhado, eu posto” (R, C.)

“Se a publicação poderia ser polêmica a ponto de prejudicar minha vida rs, se sim, não público” (P, J.)

““Minha mãe pode saber disso?” Se a resposta for sim, eu posto” (P, A. C.)

“Acho que penso primeiro em ser conteúdo legal/útil/engraçado e depois penso nas pessoas que podem ver, se vão influenciar na minha vida de alguma forma (principalmente familiares e colegas de trabalho)” (S, C.)

“cara, eu acho que sempre posto, mesmo que apague minutos depois, sou mto sem filtro a princípio, mas depois tbm sou muito insegura e tenho medo de ser julgada.” (R, A.)

“se eu acho que é relevante pra mim, eu posto. se ninguém achar

relevante, paciênciahh. acho que meu limite é passar vergonha kkkkk (nem sempre eu me atento a esse limite) e também algo que possa ofender alguém (sempre penso mto no que vou postar)” (C, J.)

“Mostrar minhas ideias e meu cotidiano. E que isso possa me aproximar de quem compartilha das mesmas ideias que eu(na medida do possível e sem me alienar da situação ao meu redor (?)). Acho que pra formar vínculos.” (O, B.)

“Acho que tento pensar se fosse eu vendo esse story, o que passaria pela minha cabeça.. E adiciono alguns fatores porque comigo sou bem mais crítica. Muitos stories que eu acharia legal outra pessoa colocando, eu me privo por N motivos. Um bem relevante no meu dia a dia atual são as relações de trabalho, por exemplo.. não posto foto de uma bebida alcoólica pra não abrir brechas de algum comentário sobre o que/quando/ como estou bebendo, apesar de estar fora do horário de trabalho acho que constrói uma imagem. Já tirei moldar meu Instagram pra algo mais pessoal, mas pode ficar chato também” (G, C.)

“O que vão pensar de mim af” (R, T.)

“Primeiro: manter uma certa privacidade, pois não quero minha vida exposta. Segundo: se isso n é um conteúdo irresponsável, que ofenda ou agrida outras pessoas.” (L, K.)

“quão exposta eu estou postando determinado story e qual meu intuito com ele? geralmente eu posto informações que eu acho importantes, mas bem sucintamente e majoritariamente momentos que eu acho bonitos, fotografia, e que passam algo bom pra mim e que podem influenciar positivamente as pessoas, ou muito raramente, posto alguma foto de

peessoa eu ou outra proxima, porque nesse caso eu alcanço engajamento. isso to falando do story público, porque nos melhores amigos eu posto qqr coisa só c o intuito de satisfazer a minha vontade de mostrar algo para as pessoas próximas” (B, F.)

meus pais verem ou não kkkk mas ai eu só bloqueio eles. então vai meio em o que eu to na vibe de postar (Z, B.)

“Acho que há grandes flutuações sobre o que eu posto. Por vezes, tendo a postar stories afim de propagar informações e conteúdos das quais me interesse, em outros tendo a compartilhar coisas pessoais diversas. Acho que nas postagens pessoais há alguns limites quanto a exposição de sentimentos pessoais. Há uma barreira na tentativa pessoal de não tornar os stories um diário de desafogar de mágoas, frustrações e ou desavenças pessoais.” (V, V.)

“acho q meu humor é o q decide, quando não to bem eu não apareço por aqui e quando to bem, cozinhando, etc eu acho mais interessante postar pq talvez passe algo bom pros meus amigos” (A, L.)

“Com certeza vai na mesma linha do q eu disse na primeira pergunta. Eu gosto de usar esse ruído que é criado quando vc se comunica numa rede aberta. Se eu percebo que a mensagem comunicado vai ser clara em expor como eu me sinto, eu desisto ou apago. É sobre brincar com o que todos vêem mas só poucos enxergam. Quando todos que vêem enxergam, então não atingi o objetivo e estou me expondo. Pra pagar de gostoso eu não ligo, na vdd eu até gosto de ser observado sem observar quem está me observando.” (G, D.)

“O primeiro filtro é em relação a familiares/amigos, coisas relacionadas a drogas nunca posto, por exemplo kkkk Gosto de postar coisas

minimamente divertidas pra mim, informativas, desabafos/draminhas sociais e fotos/videos de momentos do dia a dia que prejudicariam a composição do feed, entao ficam só nos stories/destaques. Boa sorte com o tfg!” (M, C.)

“acho que sempre que penso em postar alguma coisa penso em quem ve meus stories normalmente e posto se acho que é algo que quero/não me importo de compartilhar com essas pessoas” (S, B.)

“1. Qualidade estética. Isso vai ficar exposto como meu cartao de visitas.
2. Dou mais liberdade pra postar no stories q no feed. Stories uma hora vai srr apagado, feed fica la.pra sempre” (N, O.)

“Se for post pra compartilhar conteúdo etc eu penso se aquilo vai ser legal pra alguém ver como foi pra mim ou se pode ajudar de alguma forma, aí posto se a resposta for sim kklkkk mas coisa minha assim eu penso na minha imagem... A gente quer ter uma imagem boa pras pessoas né, aí sll eu n postaria algo que eu não me sentisse legal/bem/bonita/engraçada sll... Mas ao mesmo tempo eu não quero postar coisas que não sejam “eu”. Então rola esse dilema de identidade ao postar algo tbm, n quero passar uma imagem falsa de mim, mas sei q a img q passo é melhor do q realmente é KKKKKKKK enfim, último ponto q queria falar é q posto nos melhores amigos coisas mais bads/pessoais, q acabam sendo “mais reais”, me preocupo menos com a minha imagem com quem ja tenho intimidade” (A, J.)

“eu penso um pouco no que as pessoas mais próximas de mim vão pensar/sentir quando lerem ou verem o q postei... por ex se for algo relacionado a sexo ou minha individualidade eu postaria nos melhores amigos ou nem postaria, se for algo de boa tipo um prato gostoso ou uma vista bonita eu compartilho pq acho interessante ver qnd os outros

postam isso e penso q tb achariam interessante me ver (?) haha não sei bem” (C, S.)

“Julgamento alheio, penso muito no que os outros vão pensar quando veem o q eu compartilho” (C, L.)

“Eu acho q a repercussão “boa” q isso pode causar.. tipo social ou de coisas da minha vida q eu simplesmente gosto de compartilhar e q pode incentivar as pessoas de alguma forma.. o neco eu sempre posto, mas de ex físico por exemplo, uma comidinha diferente.. mas não tuuuudo da minha vida.” (B, G.)

“Acho que o que os outros vão pensar. Postar algo relevante que possa ajudar alguém sem ferir o ego de ninguém. Sem prejudicar a imagem que os outros tem de mim. Tentando ser o mais empático possível” (B, J. V.)

“Algo que eu ache que é muito a minha cara ou me sinta bonita ou para compartilhar momentos.” (F, A.)

“É algo que eu me questiono muito e eu me esforço pra compartilhar mais coisa em geral. Eu não me sinto muito confortável com publicações em geral e a questão da recompensa instantânea (like) é algo que eu percebo que pode mexer com a cabeça, então não alimento muito. Geralmente é mais uma decisão caótica, dependendo do humor do dia ou se eu realmente tenho algo que considero MUITO legal. Provocações acontecem também (querendo algum tipo de reação, ou enfim).” (N.)

“Não falo de nada que nao vivo, nao cago regras, nao falo coisas que nao tenho certeza absoluta.. aceito que nem todo mundo pensa igual e respeito.. não tem bolsonaristas aqui no meu, então ta tudo de boa” (K.)

“Se eu acho que é relevante/interessante/faz sentido postar. Se é algo que eu realmente quero mostrar pro mundo. Barreira/limite é o bom senso e a lei/regras do Instagram” (D, L.)

“não faço postagens que possam ser ofensivas a minorias; que envolvam informações muito pessoais; que me exponham mais do que eu refleti sobre, previamente.” (G.)

“Nada que viole meus princípios e filosofias de vida, eu penso sobre o que curtir ou não, compartilhar ou não, pq meu perfil é aberto para todos. Tenho um canal novo e falo de experiências minhas, revejo os vídeos sempre, para ver o que quero passar com isso, tendo noção da fala e o alcance que terá.” (F, J.)

“Vontade / minha relacao atual com o conteudo que eu vou postar, as vezes eu posto algo, deixo uns dias e arquivo, ou só salvo como rascunho, respeito bastante minha relacao momentanea com aquilo que eu quero compartilhar ou não” (J.)

“Drogas e roles só nos closefriends... arte/curiosidade/ideias no publico” (M.)

“Procuro postar que não parece me prejudicar muito com qualquer nível de alcance (e esse julgamento pode ser extremamente falho) e postar o que eu acho que faz sentido com a versão de mim que eu escolhi mostrar pra internet” (V.)

“1) normalmente eu penso muito na questão do pessoal do trabalho/familiares, sobre o que eles pensariam de certas postagens.. ai acabo

postando no close

2) outra barreira é sobre eu só querer postar algo bobo pra passar o tempo, mas aí ao mesmo tempo não quero floodar o feed das pessoas (dai as vezes posto nos close friends e as vezes não posto)

3) acho que uma barreira forte tb é a insegurança sobre o que vão achar, se vou ser julgada (fotos pessoais) ou “cancelada” (pra posts mais teóricos)” (B, M.)

“Eu sempre penso duas vezes antes de postar alguma coisa, se isso é algo que eu quero que as pessoas saibam sobre mim ou se tô me expondo de uma forma desnecessária. O exercício é meio “meus pais, minha sogra, uns prof e mta gente q eu nem conheço vão ver isso, eu tô ok com isso?”. Tbm sempre entra em questão se existe mais alguém envolvido no stories, se essa pessoa ia querer essa exposição. Acho que meio que são esses os limites. Que eu não tô gritando pro vento, eu tô me expressando e me expondo ao mesmo tempo e que isso pode ter consequências.” (C.)

“Minhas barreiras são a falta de autoestima muitas vezes, usar palavrões ou palavras inapropriadas porque alunos, visitantes da expo e os estagiários me acompanham nas redes. Também não falo muito sobre minha sexualidade e sobre uso de drogas, por exemplo, porque não tenho abertura pra conversar sobre com a minha família.” (A, T.)

“Penso realmente pra quem é importante aquela informação. Se é algo apenas para inflamar ego, compartilhar uma falsa felicidade ou qual o verdadeiro intuito. Se todas elas não forem respondidas de forma satisfatória, eu não posto.” (T, D.)

“O julgamento alheio, a relevância daquela informação, mesmo que seja algo pessoal. As vezes algo do meu cotidiano pode ser inspirador para

alguém. Algumas trabalhos artísticos. E por último dar notícias para pessoas próximas. Posto muito minhas viagens para ter um diário de bordo e contar para os amigos como estou.” (F, M.)

“o que faz eu postar publicamente é se é algo que difunda algo legal, ou que divulgue algo q eu acredite, ou se é mt engra, caso contrário, a barreira é as pessoas que vão ver, se são familiares e tal, aí posto nos best migs” (G, L.)

“acho que só posto coisas que me inspiram, ou que pode inspirar ser reflexivo pro outro” (L, L.)

“Normalmente posto coisas que me deixam feliz, ou de for de utilidade para alguém.” (C, S.)

“penso “preciso mesmo postar isso? sera que n to me expondo mt?”” (P, L.)

“Decido postar algo que tenha a ver comigo e que não seja muito pessoal.” (@M, M.)

“Aí que difícil haha acho que tem alguns limites que são constantes, determinados pelo que eu considero bom senso. Eu não sou muito de expor demais coisas íntimas. Mas acho que muda muito de dia pra dia. Acho que quando estou afim compartilho coisinhas meio banais do dia a dia, mas que me deixaram feliz de alguma forma, e também aproveito pra compartilhar trabalhos de artistas que eu gosto, notícias.” (B, C.)

“nos stories eu sempre considero que tô falando com a minha bolha, então eu compartilho coisas que eu acho interessantes e que podem interessar os outros e às vezes uso o espaço pra conversar sobre algo mesmo. mas às vezes também é completamente aleatório haha. e nesse

caso se for pessoal demais ou vai pros melhores amigos ou não posto. já o feed é um espaço mais meu, eu uso menos pra interagir e posto coisas que ficam lá pra mim registradas. mas claro que rola um filtro e um cuidado com exposição também.” (H, M.)

“A forma como as pessoas vão ler e entender aquilo é sempre algo que eu penso, mas não me limito por isso, o que mais me limita é se eu estou me expondo mto ou não, mas o meu é fechado então é bem mais tranquilo” (T, M.)

“Eu penso no impacto que vou causar nas pessoas, se eu tô passando informação de vdd ou só achismo, se não darei margem a interpretação errada, e se não passarei da linha tênue da ética e da moral!” (B, J.)

“Agrega valor a minha identidade visual enquanto artista? Tem a ver com meus estudos ou vida artística?” (J, M.)

“ainda tenho receio do q as pessoas vao pensar de mim caso eu seja mal interpretada.” (A, J.)

“posto o que não me importo que saibam. o limite seria evitar postar algo que, no meu entedimento, pudesse causar problemas.” (F, M.)

“Na maioria das vezes é vontade de compartilhar com as pessoas aquilo que eu acho legal ou que acredito que vá agregar algo bom. Mas outras vezes vai no piloto automático mesmo.” (T, R.)

“A barreira principal é se vão achar interessante ou apenas pular pro próximo, mesmo que não me interesse no alcance o ego pede um biscoito. Depois se serei julgada ou mal interpretada a ponto de comentarem negativamente ou compartilharem tal publicação.” (R, A. C.)

“Como meu insta é aberto, eu não posto nudes e nada disso, pq eu tenho medo da foto parar em algum lugar errado. Não posto nada com as minhas localizações reais, evito postar bêbada hahahahaha.” (C, M.)

“Eu decido postar algo por exemplo paisagem ou foto do meu cachorrinho por exemplo, por achar que ta bonito e que as pessós merecem ver aquilo tb hahahaha algo do tipo, foto em família, ou com o meu marido, amigos e tudo isso, acho que por amar muito e querer mostrar tb p todo mundo o quanto eu amo hahaha. Se eu posto uma foto minha sozinha por exemplo é claro pq eu me achei linda e oq é bonito é pra mostrar mesmo. E no caso quando eu fiquei internada eu postei a informação de tudo q aconteceu cmg pq provavelmente eu ia ficar alguns dias lá, e que eu iria querer postar um story de sei lá a comida q eu comi no hospital e a pessoa n ia entender nada de pq eu tava no hospital, aí decidi explicar antes kkkkk.” (F, L.)

“Meu limite é “isso pode ofender alguém?”” (A, G.)

“o limite pra mim é muito fácil de chegar pq não gosto q meus colegas de trabalho e familiares saibam da minha vida, já que acho q vivo um estilo de vida muito diferente de muitos deles, ideologicamente, então posto coisas muito “aceitáveis” como receitas que eu tenha feito ou algum passeio com o namorado. Mas no melhores amigos eu posto umas palhaçadas.” (S, V.)

“Meu, eu não sei. Tenho me questionado bastante sobre isso, mas não tenho uma conclusão, acho que é algo mais ligado a sentimentos, à uma parte mais emocional. A menos que tenha um propósito social sabe? Aí acho que entra mais a questão de usar a rede social como local de debate, diálogo e informação.” (M, M.)

“eu sempre penso se vai ser ou não ofensivo pra outra pessoa, se não ofender ninguém e nem a mim mesma de algum modo, vou e posto.” (L.)

“A vontade de registrar/compartilhar um momento bom que tive ou (quando em picos de autoestima) compartilhar uma foto em que me sinto bem/bonito. Não costumo postar nada comprometedor com receio disso ser utilizado em algum momento no futuro contra mim, até pq estamos vivendo na era da vigilância e do compartilhamento de dados em massa. Dai fico com medo dos BOs que pode dar devido à minha futura área de atuação (meio jurídico).” (G.)

“Geralmente acabo decidindo pensando se isso é a minha cara (sim kkkk eu so patética) pq tem que ser engraçado ou interessante, e pensando se alguém vai achar legal, interagir, responder, mandar coisa de volta. O limite é geralmente selfie, pq não sou seguro da minha auto imagi.” (R.)

“O que me faz postar é querer compartilhar minhas artes e experimentações, não gosto quando fico guardando por muito tempo algo só pra mim quando acho que o compartilhamento pode gerar valor (pra mim e pra quem ver). O que me impede de postar geralmente fica entre preguiça de produzir ou algum medo irracional de julgamento. Espero ter ajudado.” (O, P.)

“vou ofender alguém?/isso pode ser mal interpretado?/vou me expor demais?” (M, M.)

“Posto se gosto e quero compartilhar, muitas vezes sem filtro, a única coisa em que penso são nos meus pais se é algo que quero que eles pensem ou não.” (L, M.)

“Meus limites estão no que considero como de minha vida pessoal e, nesse caso, posto apenas para os ‘melhores amigos’.” (A, M.)

“Eu gosto de repoostar algumas coisas que acho legal tipo arte ou informações

As vezes to me sentindo bonitinha e posto foto minha ou do meu gato A vdd é que eu nunca pensei no alcance que tem ou que poderia ter e meio que essa falta de noção do que realmente é, que não deixava eu pensar q tem pessoas desconhecidas sabendo sobre mim.” (M, A.)

“É muito de sentir se faz sentido para mim divulgar aquela informação. Acho que isso filtra bem o que eu divulgo e o que não divulgo. Não gosto de divulgar coisas muito particulares, como fotos minhas, porque conheço caso de pessoas “perseguidas” por homens estranhos no insta.” (B, O.)

“Se faz sentido com relação ao meu trabalho/missão/propósito de vida e compartilhamento. Se eu tenho certeza sobre aquilo q quero dizer ou não. Se aquilo vai fazer bem pra quem acessar aquilo e se vai fazer bem pra mim aquele nível de exposição.” (T, C.)

“Eu já posteí muita coisa da minha vida aqui sem me importar muito, usando como um modo legal de me comunicar com amigos mesmo e até conhecer gente, muita gente curtiu e achava legal a espontaneidade, não achava q tinha mt a perder com isso. De um ano pra cá venho filtrando o que eu posto, tentando me expor o menos possível e ao mesmo tempo postar coisas que tenham mais impacto pras pessoas que me seguem, e/ou que ajudem na construção da imagem que quero pra mim, mesmo nas coisas que parecem despretensiosas (até pq eu não ligo de ter essa imagem meio despretensiosa e “imperfeita”, é uma coisa que sou e gosto que as pessoas me associem com isso). No momento eu tenho meus limites, evito ostentação pq já vi mt gente se ferrar por ostentar, evito

expôr crianças, evito coisas que possam identificar meu endereço, etc etc... Prezando pela segurança mesmo, pq já tive mt gente estranha me seguindo e mt gente com hate (inclusive apaguei metade dos meus seguidores quando fechei o perfil). Opa, uma coisa q acho bom falar é que aproveito q tenho mts designers aqui e é uma rede mais informal pra fazer questionários tipo esse seu agora hahahahah sobre coisas variadas, tipo “o que vc acha que é design brasileiro”, “esse render tá melhor ou pior que esse” e tals, acho que é legal para pesquisas e promover debates com seus conhecidos (grupos do face são bons tbm mas as vezes parece terra de ninguém).” (V, E.)

“Acho que é simples e não é, eu penso se são coisas que eu quero que as pessoas que me seguem saibam ou não. Desde meu ser político/público a minha vida pessoal.” (B, C.)

“Pergunta complexa. Bom , vários fatores implicam em postar algo ou não. Existem coisas que necessitam serem postadas por se tratarem de temas importantes (feminismo; luta de classes; colocar um fim nos preconceitos etc.) e principalmente por serem valores que eu possuo. Quando posto algo que segue os meus ideais não me importo com os números de visualizações. Mas por outro lado quando posto uma foto minha por exemplo, as visualizações e curtidas passam a ser um ponto importante. É como se isso validasse a forma como me sinto em relação a minha aparência. É uma coisa horrível mas felizmente tenho consciência e a partir disso posso mudar. Já li estudos que mostram que o instagram é a rede social mais prejudicial por se tratar de imagens. Sigo mulheres maravilhosas com conteúdos incríveis que muitas vezes não chegam nem perto do número de seguidores que outras mulheres que postam fotos de biquíni, por exemplo. Todo dia eu deixo de seguir alguém porque prezo por um conteúdo que me acrescente.” (M, N.)

“Se eu gostei, eu posto. Eu só me policio para não postar nada que possa ofender alguém.” (G, L.)

“Só posto coisas que são marcantes, e não coisas corriqueiras. aqui é como se fosse um álbum online e aberto.” (H, S.)

“O que vão pensar de mim se me virem fazendo isso.” (D, G.)

“Posto quando quero mostrar pro mundo alguma foto ou arte, literalmente só posto o que eu me sinto confortável em todo mundo ver.” (@onlysadreactionsallowed)

“Quando são coisas aleatórias, frases, fotos de friends etc, posto sem medo. Quando é algo mais importante, ou pessoal, a vergonha fala mais alto, medo de ser julgada por coisas minhas, principalmente no modo profissional, que eu vejo muita gente ser atacada por mostrar seu trabalho, ai penso mil vezes na relevância que aquele post teria p mim antes de postar.” (J, J.)

